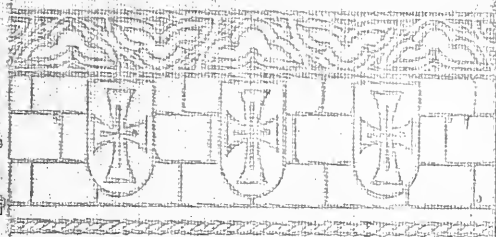


M. Courtois

Infancia de Frei Quintino



"CYRENAICA"
-PENINSULA-





CARRO TRIUNFAL - LILLOA

COLECÇÃO LUSITÂNIA

URBANO LOUREIRO

A Infâmia de Frei Quintino

(ROMANCE DUMA FAMÍLIA)

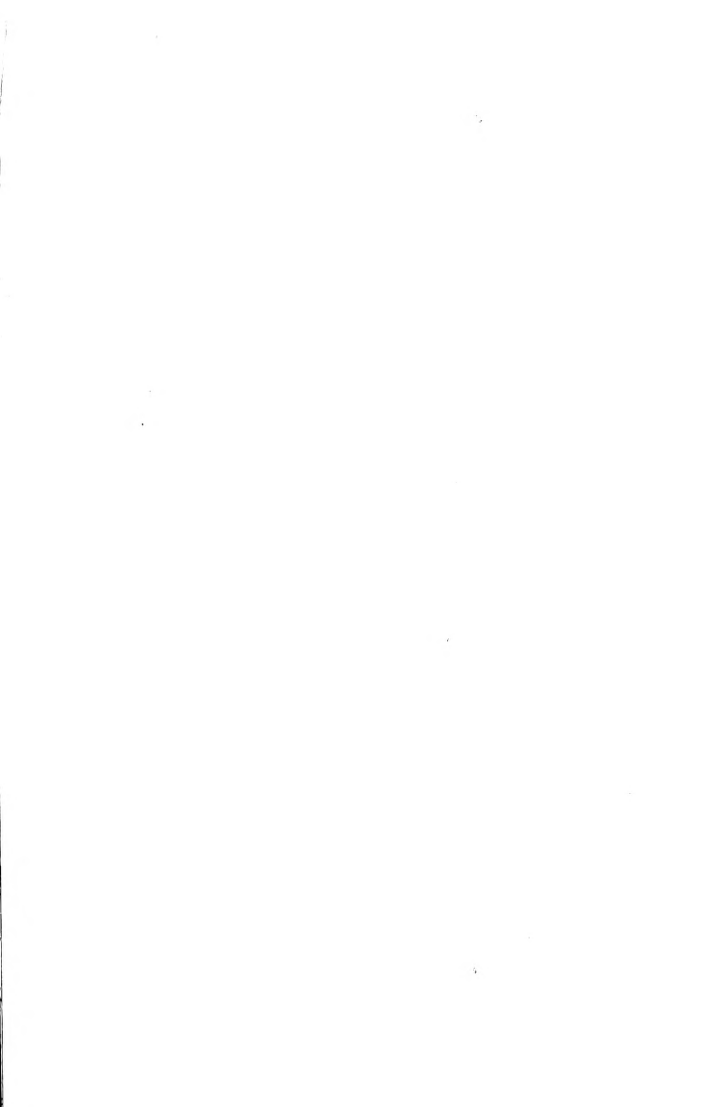
—≡ EDIÇÃO ILUSTRADA ≡—

COLECÇÃO LUSITANIA

- 1 — *Amor de Salvação*, por C. C. Branco.
- 2 — *Riquezas do Pobre*, por C. C. Branco.
- 3 — *Eusébio Macário*, por C. C. Branco.
- 4 — *Corja*, por C. C. Branco.
- 5 — *Cartas de Amor*, por Sôror Mariana.
- 6 e 7 — *Nossa Senhora de Paris*, por V. Hugo.
- 8 — *Amores do Diabo*, por C. C. Branco.
- 9 — *Frei Luís de Sousa*, por A. Garrett.
- 10 — *José Bálsamo*, por C. C. Branco.
- 11 e 12 — *Madame Bovary*, por Flaubert.
- 13 — *Menina e Môça*, por Bernardim Ribeiro.
- 14 — *Brasileira de Prazins*, por C. C. Branco.
- 15 — *Camões*, por Almeida Garrett.
- 16 — *Romance dum homem rico*, por C. C. Branco.
- 17 — *Cartas do meu molinho*, por A. Daudet.
- 18 — *Freira no subterrâneo*, por C. C. Branco.
- 19 — *Viagens da minha terra*, por Garrett.
- 20 — *Carrasco de Hugo José Alves*, por C. C. Branco.
- 21 — *Rafael*, por Lamartine.
- 22 — *O Arco de Sant'Ana*, por A. Garrett.
- 23 — *Mosaico e Silva*, por C. C. Branco.
- 24 e 25 — *Noventa e três*, por Vitor Hugo.
- 26 — *A Religiosa*, por Diderot.
- 27 — *Livro de Consolação*, por C. C. Branco.
- 28 — *Atala, René, o Ultimo Abencerragem*, por Chateaubriand.
- 29 e 30 — *Ultimos dias de Pompeia*, por Lord Lytton.
- 31 — *Mulheres da Beira*, por Abel Botelho.
- 32 — *O Alfageme de Santarém*, por Garrett.
- 33 — *Pior d'Alisa*, por Lamartine.
- 34 — *Maria da Fonte*, por C. C. Branco.
- 35 — *O illustre Dr. Mateus*, por E.-Chatrian.
- 36 — *Cláudio*, por Lamartine.
- 37 — *Dama das Camélias*, por A. Dumas.
- 38 — *No Bom Jesus do Monte*, por C. C. Branco.
- 39 — *Manon Lescaut*, pelo Abade de Prévost.
- 40 — *Contos escolhidos*, por Júlio Brandão.
- 41 — *Os Sacrificados*, por João Grave.
- 42 — *O Senhor Deputado*, por J. Lourenço Pinto.
- 43 — *Eugénia Grandet*, por Balzac.
- 44 — *Os que amam e os que sofrem*, por J. Grave.
- 45 — *Infâmia de Frei Quintino*, por U. Loureiro.

Em preparação:

- 46 — *Regina e Graziela*, por Lamartine.





Mens senhores...

L. F. G.

L.Por
L8:23 L URBANO LOUREIRO

A Infâmia de Frei Quintino

(ROMANCE DUMA FAMÍLIA)



ST-1
14

LIVRARIA CHARDRON, DE LÉLO & IRMÃO,
EDITORES. R. DAS CARMELITAS, 144. PORTO.

PORTO — Imprensa Moderna



A Infâmia de Frei Quintino

PRIMEIRA PARTE

PERSEGUIÇÃO

I

Pelas trevas

Era por 1830, uma noite carrancuda e tenebrosa, como tôdas as noites de janeiro, em que espessas nuvens negras, impelidas por um forte vento sul, rolam pesadamente nos ares, não deixando entrever sequer a tímida fosforecência duma estrêla.

O Douro, cujas águas, escuras e profundas, eram mais volumosas e mais rápidas do que de ordinário, marulhava, como que remordendo indecifráveis palavras de raiva e de impaciência, cachoando de encontro aos pequenos estorvos, que se opunham à sua passagem nas proximidades das margens.

Não chovia, mas o terreno estava encharcado, o relâmpago iluminava fugitivamente, o vento gemia por entre os galhos nus das árvores e assobiava pelas cornijas das tôrres.

Adivinhava-se uma noite de temporal pegado.

Eram os prelúdios do terrível concêrto, que dentro em pouco a natureza principiaria de executar no espaço, desferindo não sei que estranha música nas cordas de água, que se precipitariam das nuvens, por entre o ribombo do trovão e os formidáveis arrancos da borrasca.

Pouco mais seriam de seis horas da tarde — ou da noite, para falarmos com mais verdade.

Na margem esquerda do Douro, completamente abandonada por aquele tempo e àquela hora, no lugar onde vem abrir um beco estreito e sombrio, fronteiro ao monte em cujo cimo se alongam ainda hoje as vastas ruínas do *Seminário*, estava atracado um pequeno barco descoberto, de prôa e pôpa aguçadas, em que as mulheres de Avintes costumam trazer as suas canastras acuculadas de brôas de milho «à cidade».

A todo o comprimento do barco estendiam-se dois remos.

Um barqueiro, de carapuça e camisola de lã, fumava plácidamente à ré, tendo o cuidado de tapar o lume, fazendo concha da mão que segurava o cigarro, certamente para que de longe não se suspeitasse que estava ali alguém.

Fumado o cigarro até onde era possível fumar-se, aquele homem arremessou a ponta ao rio, tirou a carapuça, coçou a nuca, tornou a cobrir-se, e com uma certa impaciência tentou mergulhar a vista nas trevas, em direcção ao caminho de travessia, que desembocava ali perto.

Tinha decorrido meia hora.

E rosnava entretanto:

— Ora o raio da minha vida !... Se eu agora tinha de passar aqui a noite por um raio de tempo assim ! Não ! dessa é que eles estão livres ! Só com um raio de diabolos ! Inda s'aquelle raio do Neto viesse, sempre bordejávamos até casa ! mas nem êle nem o frete !... Má raios partam o diabo do inferno, que não hei-de ler d'oitras fortunas em tôda a minha vida !

Os relâmpagos, mais próximos, alumiam de uma luz fantástica e azulada as nuvens espêssas e move-

diças, a escura massa granflica da margem direita com as suas pequenas casas brancas e os seus grandes despenhadeiros, e a água do rio, que, como uma enorme serpente negra com reflexos de aço polido, coleava interminavelmente na direcção do mar.

Era um espectáculo grande, majestoso, que inspiraria uma bela estrofe a qualquer poeta mediocre, mas que só conseguia arrancar pragas ao barqueiro, que apenas via em tudo aquilo prenúncios de um temporal medonho.

Dai a pouco, apurado o ouvido na direcção do beco escuro, que vinha dar à margem, punha-se de pé. Efectivamente distinguia-se pelo rumor de passos, que alguém se avizinhava.

Um vulto appareceu.

— És tu, Neto? — perguntou o barqueiro.

— Há novidade? — disse de lá o outro com voz áspera e sem responder à pergunta, que o do barco lhe acabava de fazer.

— Não; mas avia-te, que daqui a pouco não sei como será isto. O frete veio?

Do escuro do caminho saíram mais dois vultos.

— Não há novidade, meu fidalgo — observou o Neto, o segundo barqueiro, dirigindo-se a um dêles, que mostrava ser ainda moço apesar da barba crescida, e que trajava grosseiramente, como os almocreves e recoveiros, chapéu de abas largas, encascado de poeira, jaqueta de saragoça, camisa desabotoada no peito, faixa vermelha à cinta, pantalonas com alguns remendos, meias de lã até ao joelho e grossos sapatos ferrados.

O «fidalgo» voltou-se então para o companheiro, homem de meia idade, baixo, trajando como êle, e disse-lhe:

— Tem a certeza de que estarão da outra banda à nossa espera?

— Como dois e dois serem quatro — respondeu o interrogado. — Mas isso sabe-se já, meu amo.

E metendo dois dedos da mão direita na bôca, despediu um silvo agudissimo, que se reproduziu pelas quebradas até se extinguir inteiramente.

Da outra banda respondeu um assobio igual,

— Era mais que certo — acrescentou o tal com um sorriso. — Eu cá sei a gente que me serve, e bastava o tio de vossoria dizer-me a qualidade de negócio que...

— Bem. Vamos lá então — interrompeu com impaciência o mais moço dos quatro, que era evidentemente aquele por cuja causa se encontravam ali os outros.

O barqueiro, que viemos encontrar fumando à pôpa do barco, pegou num rêmo, apoiou-o no fundo do rio, que era ainda margem nos dias em que o volume da água não aumentava pelas grossas invernias, e fê-lo aproar ao tempo que o segundo barqueiro desamarrava a corda, que o prendia a uma grossa estaca enterrada no solo.

— Queira entrar, patrão. Entre, seu Tôrres: o negócio inda nos vai dar um bocado d'água pela barba, mas num quarto d'hora estamos do outro lado. A noite é que está mesmo ao pintar.

Saltaram os dois homens para o barco, que oscilava um pouco: em seguida fez outro tan'o o Neto: e os dois barqueiros principiaram de remar rio-acima, não se afastando da margem. Depois, a uma determinada altura, aproaram à margem direita.

Sucedeu o que os barqueiros tinham previsto.

Apesar dos seus esforços vigorosos, a corrente impetuosa do rio começou de arrastar o barco e houve um instante em que quâse desesperaram de a vencer.

As palavras, que soltavam, entrecortadas pela fadiga, diziam bem que a operação era custosa.

— É agora !

— Rema p'ra o pégo !

— Alma, rapazes !

— Rema sempre !

— Falta pouco !

— Agora !... Agora !

O suor caía em bica pelas faces tostadas dos dois barqueiros. Os remos dobravam-se sob o impulso daqueles braços vigorosos, levantando grandes espadanhas de água.

O relâmpago alumiaava sempre, a espaços, para tornar mais espêssas as trevas ao apagar-se nelas.

Dir-se-ia que navegavam num abismo. O trovão rolava longínquo.

Aquele que ouvimos chamar fidalgo e patrão conservava-se sentado à pôpa, voltado para a prôa do barco, de braços cruzados no peito, com o chapéu fora da cabeça e o olhar fixo não sei em que ponto fantástico. No que êle pensava, ignoro-o; no que não pensava, quâse posso adivinhá-lo, era no perigo iminente que corria com os seus três companheiros, se partisse uma das pás ou o movimento compassado e frequente dos remos afrouxasse um instante. Estava pálido, mas duma palidez serena, como a que provém de longas noites mal dormidas, de intínios sofrimentos concentrados.

Num dado momento como que despertou.

— Ainda falla muito? — perguntou êle, passando a mão pelos olhos.

— Agora é um instante, meu amo. O pior já lá vai. Não que nem vossoria sabe que estivemos por uma unha negra p'ra ir todos ao charco, co'um raio de diabos!

— Importava pouco — murmurou o da pôpa num tom quâse imperceptível.

— Olha lá — disse o homem baixo e atarracado para o barqueiro mais próximo — e que horas são isto?

— Isto... já deve passar das sete um bô bocado. Inda o que valeu foi a chuva não começar a zimbrar e o sudoeste não apertar de mais, quando não, o remédio era a gente acolher-se por esta noite nalguma casa da povoação e fazer a travessia de madrugada.

— Isso é bom de dizer; mas eu não havia de deixar o rapaz com os machos no caminho, p'ra os achar amanhã estalificados, e até quem sabe se a boiar pelo rio abaixo, levados no enxurro das águas!

— Pois sera assim, mas o que lhe protesto é que não havia de ser eu que o trouxesse cá p'ra acudir aos seus machos. E sabe porquê? É porque não queria que me assucedesse a mim, o que estava p'ra li'assu-ceder a êles: ir a boiar pelo rio abaixo; ora aí está!

E voltando-se para o companheiro, ordenou:

— Atraca de ré, vira de bordo.

Tinham chegado a uma pequena lingüeta, nas fraldas do monte, em que hoje se vê ainda, como disse já, o derrocado edificio do «Seminário».

O barco atracou.

O moço almoçeve pôs na cabeça o chapéu, ergueu-se e saltou a terra com o outro, o Tórres.

Os barqueiros tinham levado as mãos às carapuças e esperaram. O «idalgo» tirou dentre a camisa e a faixa uma bolsa de couro e entregou-a ao Neto.

— Deve ter cinco pintos. Não trago mais comigo. Estão satisfeitos?

— Muito obrigado a vossoria, patrão. Deus Nosso Senhor o livre de trabalhos, que é o que mais se topa hoje em dia, meu amo. Passe vossoria muito bem. Adeus, seu Tórres.

— Adeus, rapaziada — tornou aquele que dava por esse apelido, seguindo adiante do seu companheiro por uma pequena rampa, que levava ao caminho marginal.

Chegados acima, o Tórres buscou penetrar com a vista as brevas circumstantes, quando um relâmpago iluminou, como por um esplêndido dia, o céu, a agua, as quebradas de uma e outra banda e o estreito caminho em que estavam.

A pequena distancia, Tórres viu distintamente um vulto segurando pela atreata uma récua de machos.

— Ele lá está — disse baixo o Tórres ao seu companheiro, que permanecia silencioso; e como as brevas, rasgadas pelo raio no lapso de dois segundos, envolveram de novo o céu, a agua, as quebradas e o caminho, dirigiram-se ambos, quâse pelo lino, ao ponto que o primeiro dos dois homens apontara ao outro.

Uma voz de adolescente interrogou, revelando sobressalto:

— Quem vem lá?

— Sou eu, homem! Que demónio! Parece que estás assustado!

— Eu mêdo, por mim, não tinha; o pior eram as béstas...

— Não viste ninguém por'hi?

— Nem viv'alma. Estou aqui há bós sete quartos d'hora, e ainda nem fôlego vivo.

— Também a noite não é d'apelecer. Ora aqui tem, meu amo — disse o Tórres pegando na arreata das alimárias, que estavam carregadas como se viessem de jornada longa; e apresentando-a ao companheiro: — O sôr dr. pôs-se à frente dos machos, com perdão de vossoria, e passa a corda do da frente por baixo do braço; os outros seguem atrás. E agora... que andas tu a fazer? — interrogou, voltando-se para o rapaz.

— Estou a desamarrear as campainhas, que tinha alado p'ra não tocarem.

— Fizeste bem, homem. Tens mais fino do que eu pensava.

O rapaz acabou definitivamente de desamarrear as campainhas e os chocalhós, que pendiam à volla da coleira de cada cavalgadura e deram logo sinal de si.

— Agora, salla p'ra riba do macho da frente, e vossoria vá tirando nas bêstas até à rua do Loureiro, que, em chegando à pousada, já lá devo estar. Ande, que assim não haverá novidade. O moço vai p'ra ensinar o caminho, sendo preciso.

O rapaz colocou-se entre os dois fardos, que compunham a carga da primeira cavalgadura, e o Tórres, dando duas palmadas na anca da última, fez estalar três vezes a língua no céu da boca, de um modo particular aos almoceves e arrieiros quando querem fazer caminhar ou apressar a andadura aos muares.

Pôs-se o moço a caminho à frente das alimárias, que chocalhavam as suas coleiras de campainhas e guizos, tomando em direcção à cidade por aquella tenebrosa noite alumiada de quando em quando por clarões rápidos e deslumbrantes.

Tórres ficou-se quieto por algum tempo a ver desfilar a récu, e, metendo súbito pernas à estrada, naquele passo largo e movimento de braços cadenciado, que caracteriza os homens afeitos às grandes jornadas, passou adiante do seu antigo companheiro, dizendo-lhe a meia voz:

— Eu cá vou. Daqui a meia hora lá devo estar. Corage, meu amo! falla pouco!

E desapareceu no escuro.

II

O almocreve

A chuva começou de cair em grossas gotas, como acontece de ordinário ao avizinhar-se uma grande trovoadra.

O moço almocreve seguia vagarosamente, importando-lhe pouco os prelúdios do temporal. Murmurava consigo, repelindo as últimas palavras do companheiro:

— Falta pouco ! Mas quem disse àquele homem que faltava pouco, se eu mesmo não sei quanto me falta ? se apenas sei que principia agora ?... — E depois de alguns instantes de recolhimento íntimo: — Qual será o meu destino ?... e qual me valia mais: arrojá-lo de mim este fardo insuportável da vida, amolgar o crânio na cruzeta de ferro da primeira masmorra em que me fechassem, ou lançar-me ao acaso das aventuras duma vida nómada, errante, sem futuro ?... Morrer ! mas a morte é um benefício quando...

O murmurio da ultima sílaba gelou-se-lhe nos lábios, — recuou como horrorizado. O espaço acabava de iluminar-se, e o infeliz viu diante de si um abismo. Dois passos mais na direcção que levava, e teria desaparecido num precipício tallado a pique, na rocha, e em cuja profundidade o rio fazia ouvir o marulhar confuso das suas ondas escumosas.

E mudou de direcção, rentando pela base do monte, que murava de um lado o caminho marginal que seguia para o Porto.

Aquele caso parecia vir de molde para responder às suas consternadas ideias.

Instintivamente arredara-se da morte, cujos benefícios naquele instante mesmo reconhecia.

— Que infame natureza esta ! — pensou elle pouco depois, revoltando-se contra si próprio. — Como é covarde e miseravel esta criatura, que se chama rei da

criação! Porque estremeci, porque recuei diante da-
quele precipício?... — Depois dum breve silêncio, mu-
dando-lhe de expressão o rosto: — E êles?... Egoísta!
egoísta é que sou! porque nem sequer me lembravam
os novos desgostos que lhes ia causar! Egoísta e
ingrato!

Os grossos pingos de chuva caíam com mais fre-
quência, rufando no chapéu desabado do pensativo
recoveiro; o trovão ribombava mais perto, rolando pe-
las quebradas, o vento gemia com mais estranhos ge-
midos por entre os galhos nus das árvores e assobiava
com mais agudos silvos nas arestas dos rochedos, o
temporal estava iminente. O alheado caminheiro, todo
recolhido consigo, nem por isso alargára o passo in-
dolente e incerto.

Não parecia da mesma opinião o rapazola, que
encavalgava nas cargas do macho dianteiro, porque
principiou de chamar:

— Ó snr.! ó meu amo! psiu! não ouve? ó
patrão!

Efectivamente êle não ouvia, tão profundo era o
seu recolhimento. O outro continuou elevando a voz:

— Ó patrão! ó patrãozinho! ó meu amo!

O pensativo condutor dos machos como que des-
pertou.

— Que é? que queres? — interrogou êle surpre-
endido.

— Com perdão de vocemecê, afoite o passo, quan-
do não nem daqui a três horas estamos na pousada.

Só então é que o distraído almocreve percebeu que
a chuva caía já com tal frequência, que em breve o
deixaria alagado.

Fez o que o rapaz lhe disse. Apressou o passo.

Dentro em pouco chegaram ao cais da Ribeira,
uma parte do vêlho burgo portuense, com a sua mu-
ralha negra dominada por edificações mais recentes
de dois e três andares, com os seus espessos arcos de
cantaria, soturnos e misteriosos, e a sua ponte de bar-
cas, fronteira, a cuja história anda ligada a notícia
do maior desastre, que enlutou o Pôrto, — a pavorosa
hecatombe de algumas centenas de homens e mulhe-

res, velhos e crianças, afogados no Douro, fugindo à sanha das tropas de Soult.

Entre dois arcos, o vento fazia bamboar uma lanterna acesa, cuja luz débil projectava uma frouxa claridade indecisa, cortada de sombras hesitantes, sobre um retábulo pintado a óleo, que era, e é ainda hoje, assunto de muita veneração para grande parte da população portuense e arredores. A pintura representava e representa, apesar de já não ser a mesma, aquele mesmo local da Ribeira, e o povo, debandando na frente dos invasores franceses, que o atropelam com os seus cavalos, ou retalham com as suas espadas, ou fuzilam a tiros de espingarda; o povo, homens com trouxas, mulheres com crianças, vellidos de muletas, invade a ponte, que, rôta a mais de meia distância, para evitar a passagem da soldadesca, lhe abre a voragem, que o engole, até formar um cugulo de cadáveres.

Ao passarem pela frente do retábulo, cuja lanterna o vento agitava com fúria, o rapaz, que se instalara entre as duas cargas do primeiro macho, tirou reverentemente o seu chapéu, conservando-o algum tempo fora da cabeça.

O companheiro nem sequer deu pela lanterna e pelo retábulo, sempre abstracto e maquinal.

Subiram a íngreme ladeira da rua de S. João, atravessaram o largo de S. Domingos, entraram na rua das Flores...

Eram oito horas e meia da noite, e nem viva alma em todo este trajecto, a não ser um ou outro vulto que recolhia pressuroso, rebugado no seu capote, com o manifesto propósito de escapar ao temporal, que principiára de desencadear-se rebramindo por sobre as habitações da cidade e esfusiando a todo o comprimento das ruas e travessas.

Percorreram a rua das Flores, e, apesar de ser, ao tempo em que principia esta narrativa, a rua mais comercial do Porto, áquella hora nada o fazia suspeitar; a escuridão era profunda; e apenas o chocallar e tropear dos machos nas lajes da calçada quebrava o silêncio, em que toda estava mergulhada. Quando che-

garam à extremidade da rua, que desemboca num largo, tendo quasi na sua frente, erguendo-se como uma grande mole escura, o gradeado e triste mosteiro de S. Bento das Freiras, o almocreve, na sua ignorância ou na sua abstracção, em vez de dobrar para a direita, para a rua do Loureiro, onde o estava esperando o Tôres, seguiu para diante com os animais.

Chamou-o do seu erro o moço, a quem já tardava a funegante malga de caldo e a enxêrga remendada.

— Ó senhor! ó patrão! não é p'r'aí! torne p'r'a trás!

— Então para onde é?... Quase que não sei onde estou... — disse o outro a meia voz, parando e buscando orientar-se nas trevas.

— Aqui é o largo de S. Bento, meu amo; mas já agora tem de virar com os machos e ao depois rodear o convento...

— Ah! sim; já sei...

E meteu pela rua indicada, murmurando num tom de profunda fristeza:

— Vou finalmente vê-los... e Deus sabe depois até quando!...

Para além dum oratório, que ainda hoje se vê na rua do Loureiro, e em cujo interior bruxuleava a pequena luz de uma lâmpada, suspensa de um braço de ferro chumbado na parede, a rua faz um cotovêlo e era justamente ai que estava situado o albergue de que falára o Tôres, e que, apesar de reformado, — quase diríamos aristocratizado, — ainda hoje é para toda a gente a *estalagem do cantinho*.

Ali se recolhiam os forasteiros menos abastados para se darem o luxo duma hospedaria; na sua vasta cavalleja inunda recolhiam os almocreves as suas réguas e buscavam dormida os recoveiros que vinham do sul.

O rapaz ia dizer:

— É aqui, patrão! Pare lá.

Mas antes disso já um homem se havia aproximado do moço almocreve e lhe dizia em voz baixa:

— O tio de vossoria está lá em muito cuidado, e já mandou aqui duas vezes perguntar por mim.

Era o Tórres.

— Que lhe respondeu?

— Da primeira vez ainda eu não estava cá; da segunda mandei-lhe dizer que vossoria não se podia demorar, e que tam depressa chegasse como corria logo a casa.

— Bem: mande recolher os machos: eu vou só... Daqui à rua Chã são dois passos, e a noite está escura e chuvosa para que andem por fora os espiões do paternal governo de el-Rei Nosso Senhor... — e sublinhou estas palavras com um sorriso doloroso. — Agora, adeus, snr. Tórres; e mil agradecimentos por todos os seus serviços, que foram muitos e valiosos.

O mancebo aperlava a mão do prestimoso homem. Entretanto o rapaz tinha descavalgado e recolhia as alimárias.

— Ora! vossoria tem coisas... — redarguiu o Tórres — mas há-de vir molhado por dentro... apanhou uma bafega, que não era p'ra cristões. Se quer mudar de roupa antes de ir.

— Não: mudo em casa... adeus.

— Que'ra-me vossoria desculpar, mas eu é que não posso consentir que vá só. Não há nada mais fácil do que levar por lá um aguasil, que lhe dê a voz de preso por suspeitas, e é preciso haver quem lhe responda logo com meio palmo de aço pela barriga dentro.

O outro tentou replicar. Tórres prosseguiu com modo resolutivo:

— Demais a mais eu prometi ao lio de vossoria, a quem devo muitas obrigações e que me faz a mercê de ser meu amigo, que lhe apresentaria o sobrinho livre de perigo, e não dormirei sossegado em lóda a noite, se o não vir entrar p'ra a sua casa dêle. Mas assossegue; irei cá de longe na alcateia, e em vendo que já não faço minguia, são dois saltos enquanto me apresendo na pousada, e outros dois p'ra cair em cheio em vale de lençóis... seis léguas por dia e por mau tempo, quâse sempre de noite, emco dias a fio sem parar, estava um endáver!... e eu, o que me admira

mais, é vossoria ter agüentado todo o caminho, aí como qualquer recoveiro !

— Quando se é novo... — disse o outro encolhendo os ombros; e resolutamente: — Bem, meu amigo; faça o que entender; até amanhã...

— Até amanhã. Passe vossoria bem a noite, e nada de scismas !

O moço almocreve seguiu pela rua do Loureiro, e, tendo chegado a meio da rua Chã, orientou-se pelas casas, olhou em tórno, esforçando-se por devassar as brevas. Depois, empurrando rápidamentee uma porta, que estava apenas encostada, entrou, fechando-a sóbre si.

Tórres, que o tinha seguido muito na sombra, cosido com os prédios, articulou um monossílabo, que revelava a sua satisfação por haver conduzido a bom tórmo aquela emprêsa, cujo risco mal nos é dado suspeitar, e voltou para a estalagem donde saíra ao encontro do companheiro.

Entretanto este último, depois de seguir ao longo do portal, começou de subir as escadas do interior do prédio alumiadas pela indecisa luz de um candeeiro, pousado num degrau do segundo lanço.

— És tu? — perguntaram de cima.

— Sou eu, meu tio — volveu o recém-chegado, apressando-se a subir.

Alguns segundos depois o moço almocreve, tendo arrojado o amplo chapéu para longe, estava nos braços de um homem de quarenta e quatro anos, de uma senhora por igual idosa, e de uma pálida e trémula menina de dezoito, que o rodeavam de soluços e o molhavam de lágrimas. Ao mesmo tempo dizia elle com a voz embargada pela comoção, esforçando-se por incutir-lhes ânimo:

— Então, que é isso, meu tio? Porque chora assim, minha tia? Quem tem, Leonor?

E abraçando-o de novo, o homem, a quem o recém-chegado chamára tio, soluçou a custo:

— Ah! Frederico! meu pobre Frederico!

E, por algum tempo, foi impossível aos actores desta scena articular uma so palavra.

III

In vino veritas

la entrar na grande ampulheta do tempo o ano de 1830.

Coimbra, e mais particularmente a academia sentia-se trabalhada por essa febre violenta, que tinha a sua origem na ânsia da liberdade e o seu fim provável nos ferros da prisão, no abandono do destêrro ou no laço armado na ponta duma corda suspensa do triângulo.

Como acontece em todas as febres, contava as suas horas de exaltação e de delírio, e nesse estado era terrível, medonha: clamava, estrebuchava, assassina-vá: — depois vinham as denúncias, as devassas, as prisões, e succedia uma nova fase, a do abatimento da prostração, e tramava e conspirava e tudo era mistério. Nesse estado, porém, como no outro, ou abatida ou exaltada, o ídolo era sempre o mesmo, a adoração calorosa e fervente.

A data em que principia este capítulo, Coimbra conservava-se ainda muda diante do terrível espectáculo que, três meses antes, lhe oferecera no Pôrto a alçada, arrojando para o vácuo, suspensos pelo gasete, os corpos tortos de alguns mártires da nova região política.

Além disto, ás fechaduras das portas, nas mesas dos bolequins, ao tabique das alcovas, em toda a parte onde se encontrassem duas pessoas, havia a certeza de existir algures um ouvido a mais, com que não se contava, a receber as palavras, os projectos ou as confidências do adventício, do correligionário ou do amigo para as transmitir, nem sempre fielmente, ao respectivo juiz do crime.

Depois seguia-se o processo *ordinário* contra aquele ou aqueles de quem rezava a denúncia, — a ordem de

captura, a cadeia, o julgamento, a condenação — o cárcere, o desterro ou o patíbulo.

Acrescentemos ainda que esses espíões não se limitavam à sua tarefa, a escutar às portas. Eles possuíam artes de arrancar o segredo das suas convicções liberais àqueles mesmos que tinham sabido guardá-los como num cofre.

Para os espíritos concentrados tinham as inequívocas provas de simpatia, os bons serviços prestados, as atenções da amizade solícita, até chegarem ao capítulo das confidências mútuas, — alvo das suas machinações.

Para os caracteres exaltados, ainda que precavidos, tinham a polémica violenta em que fervilhava, com a defesa das mais negras atrocidades, o insulto covarde à memória de homens que tinham o respeito de todo o coração lial e generoso; — daí a explosão, o protesto. Quando o infeliz caía do seu entusiasmo na realidade, era como se um abismo se lhe tivesse desmascarado aos pés.

Estava irremediavelmente perdido.

Desde esse momento não tinha a fazer senão uma destas coisas, falais como as pontas diamantinas de um dilema terrível:

Esperar o cárcere;

Apressar a fuga.

Digamos ao que vem tudo isto.

Frederico, o moço almocreve, que vimos atravessar o Porto em direcção à estalagem da rua do Loureiro, por uma noite asperíssima de janeiro, guiando uma ré-cua de machos, estudava então o 3.º ano jurídico na Universidade de Coimbra.

Era inteligente, dedicado e bom.

Isto bastará para que o leitor fique sabendo que no seu coração tinham deitado fundas raízes as novas idéas, que então fruteavam frutos de perseguição e de sangue.

No entanto, graças aos reiterados conselhos de seu tio, abastado negociante portuense, aos pedidos de sua tia, que o estimava como filho, e à doce imagem de sua prima Leonor, Frederico tinha conseguido soffrear

os impetos do seu nobre coração e amordaçar a tempo a frase que o teria inevitavelmente perdido.

Oh! mas a repetição dêsses milagres não é fácil de operar, sobretudo quando a convicção profundamente radicada se alia um temperamento exaltado, fogoso, como o do terceiranista de direito. Vão dizer à minha que não rebente, quando a scentelha acaba de lhe inflamar o rastilho!

Passou-se o caso assim:

Era em véspera de ano bom, 1829 ia sumir-se para todo o sempre na voragem insondável dos tempos.

Muitos académicos tinham-se retirado a gozar, na companhia das suas famílias, as alegres férias do natal; contudo a máxima parte dêles, separados das residências paternas por distâncias que a falta de estradas e a constante invernia quâse tornava insuperáveis, tinha ficado na *Lusa Atenas*, como então chamavam a Coimbra os homens letrados, que em tempo haviam poetado na Arcádia.

Na estalagem do «Rubaloe», em vésperas de feriado à noite, e pela semana adiante no tempo de férias, reunia-se à volta de uma longa mesa de pinho nacional, coberta com uma toalha nem sempre virgem de nódoas roxas de vinho, uma dezena de estudantes dos mais considerados na academia e em cujo grêmio Frederico Veloso occupava um lugar distinto.

Nessa noite de 31 de dezembro, quando chegaram, por volta das 11 horas, viram à mesa três indivíduos, que tinham toda a aparência de provincianos recém-chegados, ainda com os seus fatos de viagem. As suas maneiras não indicavam homens vulgares, antes um dêles de barba grisalha, sobreceito austero e mais distincção no porte, era tratado pelos seus dois companheiros com muita deferência.

Eram atenciosos os moços académicos, raro dote na academia turbulenta daquella época, e cumprimentaram os desconhecidos, que se ergueram correspondendo delicadamente.

Entre os primeiros estava Frederico.

Sentaram-se ruidosamente nos lugares devolutos, e começaram de mandar vir as gulodices, que constituem

o *mênu* de lôdas as cozinhas naquele dia de festa patriarcal. Os bolos, as filhoses, as rabanadas, os mexidos, apareciam na mesa em longas travessas de louça branca para desaparecerem pouco tempo depois nos pequenos abismos que cada um lhes abria diante, escancarando as bôcas. O vinho empurrava tudo isso para as insondáveis profundezas de cada eslômago.

Alguns convivas, que tinham abancado com o coração oprimido por tristes recordações de parentes e amigos distantes, — e Frederico era desse número — haviam conseguido banir a tristeza, que os assallára um momento.

São dois belos narcóticos — a mocidade e o vinho.

Travaram-se ruidosas discussões sobre assuntos diversos, como sempre acontece á mesa, entre rapazes francos e desprecaçados.

Ao ouvi-los, o mais velho dos três, que prestava a máxima atenção ao que se dizia a volta, murmurou para um dos companheiros com um imperceptível sorriso:

— Descontio que já hoje entrarei no exercício das minhas funções...

Vieram duas garrafas de vinho da Madeira. Distribuíram-se cálices bojudos, monacaes.

Os três, a quem foram igualmente oferecidos, recusaram-os sob pretexto de que não tinham ainda acabado a refeição.

Aumentou a verbosidade dos académicos ao encetarem a segunda garrafa. Um ergueu-se com o calice em punho:

— Meus srs. — disse êle, apontando para o mostrador do relógio de escada, que se erguia a um canto da sala, fazendo ouvir o seu monótono tic-tac. — Faltam dois minutos apenas para se despedir de nós o ano que a história assinalará nas suas páginas, com um traço negro, ano de assassínios, de perseguições e de terror, ano de consternação e de luto!

Os três personagens, que estavam á mesa, entreolharam-se como que espantados de tamanho arrôjo.

Nenhum dos outros convivas atentou nisso. To-

dos, de cálice em punho e os olhos fitos nos lábios do orador, esperavam a continuação do discurso.

Depois de uma pequena pausa, tendo traçado demostênicamente a sua longa capa, e, por um movimento sacudido de cabeça, desembaraçando a testa das negras madeixas de cabelo, que principiavam de lha afagar com tenacidade, prosseguiu:

— Eu espero com verdadeira ânsia a duodécima badalada, que nos anunciará o ultimo instante d'êste ano de 1829, fatal para quantos leem na consciência o culto sagrado da justiça, da razão e da liberdade! Até êsse momento estarei debaixo duma pressão medonha, e considerar-me hei sob a influência nefasta duma estrela maligna. Vejo-o daqui, esperando a sua hora, como um criminoso, inclinando-se no vasto abismo dos séculos, com todo o seu cortejo de inocentes vítimas suppliciadas, a sua alçada feroz e sanguinária, os seus patibulos aos pares, e os seus póstes rematando por cabeças lividas, com os lábios entreabertos. Meus srs... — e interrompendo-se, porque o relógio naquele instante batia compassadamente a meia noite: — Começam de soar as dôze badaladas fúnebres, que annunciam o desaparecimento da mais fúnebre data!...

Depois, esperou que o martelo batesse a última pancada, e o rosto como que se lhe illuminou de súbito. Ergueu então o cális e exclamou com a voz desoprimida.

— Finalmente!... Meus amigos! Saudemos o ano de 1830! que êle seja bemvindo!... Acadêmicos! bebamos ao futuro!

— Ao futuro! — repetiram os estouvados moços, esvaziando os calices, sem atentarem nos desconhecidos, que os observavam, trocando-se olhadas de intelligência.

— *In vino veritas* — disse por entre dentes o individuo de barba grisalha e aspecto severo para os seus dois comensais.

— Não acha v. s.^a prudente que nós retiremos? — observou-lhe o da direita, homem nédio, de morosas e poucas palavras, o mais completo exemplar do cômodista.

— Não ! — volven o outro com certa auloridade, e num relâmpago de cólera. — Cumpre ver tudo ! Hoje são apenas estroinas, amanhã serão conspiradores !

A êste tempo já Frederico Veloso se linha erguido com o cális a trasbordar. Tinha o olhar brilhante, os cabelos em desalinho, os lábios sêcos, a mão trémula.

— Acadêmicos; — disse êle. — Há um ano que a esta mesma hora, em torno desta mesa, éramos os mesmos a saudar 1829... e mais três honrados moços, cheios de talento e de futuro, cuja sorte lembro com o coração trespassado de dôr. Um diz-se que percorre a França, quase mendigo; os outros esperam na cadeia a sentença que os deverá atirar para os sertões de Africa... Cõdiscipulos ! Eu bebo ao próximo regresso do primeiro, e à libertação completa dos segundos !

Acolheu estas palavras um clamor entusiástico e os cálices esvaziaram-se de novo.

O dono da estalagem entrou na sala relanceando olhares consternados sobre os moços académicos. O homem da barba grisalha observava-o e bateu com a faca no prato para lhe chamar a atenção.

O dono da estalagem acudiu respeitoso.

— Previno-te de que, se fazes o mínimo sinal a êstes rapazes, dormes já hoje na cadeia — disse êle baixo, mas com intimaliva. — Conhece-os ?

— Saiba vossa senhoria que sim...

— São todos estudantes ?

— São, meu senhor.

— Bem: amanhã irás dar-me os seus nomes. Por hoje... — e como se lhe acudisse uma idéa: — Traze-me também uma garrafa de vinho e cálices.

Os dois comensais olharam-no com espanto.

— Sim, meu senhor — disse o hospedeiro apressando-se a cumprir as ordens recebidas.

— É preciso que êles se declarem mais abertamente, se é possível...

— Mas corremos um grande risco, illustríssimo snr... — disse o comodista bastante inquieto. — Êles são muitos e...

— E estão bêbedos, sossegue, João Manuel. Se não aproveitâssimos a ocasião, não se proporcionaria outra

tam cedo, e é preciso acabar com este núcleo de rebelião, que traz sobressaltados os espiritos dos bons e liais portugueses. Mas a justiça quer provas irrefragáveis para a condenação dos réus, e eu obtê-las hei destes, por forma que a satisfaçam a ela e tranquilizem a minha consciência de magistrado. Vai ver.

O desconhecido ergueu-se, — tinha uma nobre presença, — e dirigindo-se aos académicos, que prosseguiram na série não interrompida das suas libações, tendo passado da liberdade ao amor, disse com uma grande serenidade aparente:

— Meus srs.: Há quase trinta anos que eu deixei os bancos da Universidade, e recorro saúdoso o tempo feliz em que me reunia nesta mesma sala, com os meus condiscipulos; por forma que, voltando hoje a Coimbra, depois de uma tam longa ausência, o meu primeiro cuidado foi vir até aqui recordar-me; e ao ver-vos e ouvir-vos, o passado como que reviveu na minha alma, iluminado pela doce e meiga luz da saudade. Srs.; o académico de 1802 pede aos seus irmãos, os académicos de 1830, em nome da boa camaradagem escolar nunca desmentida, a honra de o acompanharem num brinde patriótico, que, na época presente, quase constitue um dever nas mesas onde se levantam brindes...

Ouviram-se vozes de aprovação:

— Troquemos! — disse o primeiro dos oradores, enchendo os cálices dos três novos convivas, ao passo que o homem da barba grisalha esvaziava a sua garrafa nos cálices dos académicos, que se conservavam de pé...

Ao cabo de alguns segundos, o orador prosseguiu:

— Meus srs., o brinde, que tenho a fazer, dispensa todo o exórdio e todo encarecimento. O objecto dele está no coração de quantos prezam sinceramente a grandeza e a prosperidade do berço em que nasceram. Eu brindo, pois, ao legítimo rei de Portugal, o sr. D. Miguel I!

Um raio, que tivesse atravessado naquele momento o tecto da sala, onde se tinham reunido aqueles moços estouvados com o unico fim de saudarem o ano que

despontava no horizonte, e estalasse no meio dêles, não teria produzido mais assombroso efeito.

Os cálices, que já quase tocavam os lábios, pararam no caminho; o vên da embriaguez, que mais ou menos velava a razão de todos, desfez-se como ao soprar dum lençol; a palidez substituiu a cor alegre e radiante daqueles rostos juvenis, a lingua paralizou-se-lhes, e cada um viu aos pés rasgar-se-lhe um abismo.

Os três comensais esgotaram os cálices.

— Nunca ! — bradou por último Frederico voltando a si do pasmo que o tomára, e esmigalhando o cálice cheio na parede fronteira. — Nunca !

Então o sujeito, que propusera a saúde, arredou a cadeira, sem desviar os olhos dos circunstantes, talvez para lhes prevenir qualquer movimento agressivo, e disse com uma grande placidez na voz:

— Note que o meu brinde não teve a aprovação de vv. s.^{as}. Nós retiramo-nos.

E os três homens, que haviam abancado próximo da porta, saíram naturalmente.

Tudo isto foi sucessivo e rápido.

Alguns dos académicos sentiram dobrar os joelhos sob a violência daquele golpe, e sentaram-se para não cair; a maior parte, contudo, ficou de pé, como petrificada, e dois ou três cálices estalaram apertados entre os dedos convulsos dos convivas.

Sobreveio a reacção. Quase ao mesmo tempo aquelles dez indivíduos como que despertaram, sacudidos pela mesma corrente eléctrica, e pela mesma voz bradaram:

-- São espíões !

Ainda os três advençios não tinham desaparecido completamente na penumbra do patamar da escada sobre que abria a saleta, e já os académicos, empunhando as facas e arremecendo para trás as cadeiras, se precipitavam como furiosos para a porta, repetindo num rugido:

— São espíões ! matemo-los !

A embargar-lhes o passo, affitíssimo, com os braços erguidos e com a voz lacrimosa, appareceu o estalajadeiro.

— Pelo amor de Deus, senhores, não me desgraçam ! Deixem-nos ir ! não lhes toquem ! não são espíões ! — clamava êle alarantado e suplicante.

— Mas quem é aquelle homem ? quem é ? Dize já ! — intinou um dos académicos segurando o estalajadeiro pela gola da jaqueta.

— Ê... ê... mas, por quem são, não me desgraçam ! eu quis preveni-los com tempo e...

— Quem é êle ? ou respondes ou... ! — repetiu o outro abanando-o convulsivamente.

— É o novo corregedor de Coimbra, snrs. ! Por quem são, não me percam !

Os braços, como fulminados por uma paralisia, penderam inertes, e as facas ao mesmo tempo caíram ao chão.

Uma voz, que traduzia um grande desalento, murmurou:

— Estamos perdidos...

IV

Um refúgio

Entre os poucos académicos que, tendo assistido àquella ceia de *ano bom*, conseguiram escapar à sanha do corregedor, contava-se Frederico, a quem êle distinguia mui particularmente, reclamando a sua prisão a todo o custo.

Mas o terceiranista contava uma valiosa protecção em Coimbra, quâse inteiramente ignorada dos seus próprios condiscipulos, pois que nunca se tinha valido dela. Era um professor de Humanidades, natural do Porto como êle, o dr. Gustavo, e para cuja formatura seu pai havia contribuido, facullando-lhe os precisos meios pecuniários.

Lembrou-lhe, pois, naquelle desesperado lance, o protegido de seu pai e os seus reiterados oferecimentos,

que ambos estavam bem longe de supôr que um dia seriam utilizados de um modo tão extraordinário.

Para não darem tempo a que a estalagem fôsse cercada, os académicos saíram para a rua, e trocando um cordeal apertado de mão, que para alguns devia ser o último, cada qual tratou de procurar um asilo, tendo carregado o gorro para a testa e rebuçando-se na larga capa até aos olhos.

A noite estava lenebrosa e como que os envolvia num segundo manto preto, quâse tão impenetrável como o primeiro.

Destizaram silenciosos, cosendo-se com as paredes das casas e parando sobressallados ao mínimo sussurro.

Frederico dirigiu-se para casa do protegido de seu pai, na rua do Cego, murmurando a espaços:

— Perdido ! perdido !

Como acontece de ordinário nos prédios, onde há mais de um inquilino, a porta da casa do dr. Gustavo estava apenas cerrada.

Frederico empurrou-a, entrou no portal esguio e húmido, encostou-a de novo cuidadosamente, e, às apalpadelas, foi subindo no meio da mais completa escuridão até ao primeiro andar.

Era aí que habitava o amigo de seu pai.

Através do orificio da fechadura e das frestas da porta, que dava sôbre o patamar, coava-se a branda claridade de uma luz serena.

— Está cá ! — disse êle consigo mesmo, experimentando como um profundo alívio.

Aproximou-se recatadamente da porta para escutar. Nenhum ruído interior.

Espreitou; a luz eslava colocada em lugar que não se via.

Contudo, aquelle era o quarto de dormir do professor.

Estará no primeiro sono ? — mas para o acordar, terá de bater, e despertará também os outros moradores.

Esperará que êle acorde ? — mas entretanto pode subir as escadas algum inquilino dos andares supe-

riores, descobri-lo, gritar por socorro e ficaria então irremissivelmente perdido...

Prolongavam-se já por minutos, que eram horas de cruel sofrimento, estas hesitações, repartidas entre o aplicar do ouvido sobressaltado à porta da saleta, onde brilhava a luz, e o escular às escadas, onde as trevas eram profundas. O desventurado moço principiava de sentir trêmulos os joelhos, a cabeça aldoada e um ruído de campainhas nos ouvidos. Alguns instantes mais e teria caído no chão.

De repente pressentiu o arrastar duma cadeira no interior do aposento. Cobrou ânimo.

— Estava a lêr sem dúvida ! Ainda não se deitou ! — disse consigo.

E com os nós dos dedos bateu levemente à porta.

Depois de um instante de silêncio, uma voz entre espantada e duvidosa, perguntou:

— Quem está aí ?

Frederico applicou os lábios à fechadura da porta, e segredou:

— Por quem é, snr. dr., abra !

Novo instante de silêncio.

— Mas abrir a quem ? — tornou o mesmo individuo. Frederico disse o seu nome.

— Não ouvi bem; repita — insistiu o occulto interlocutor, querendo talvez reconhecer o académico pelo metal da voz.

Ele repeliu o nome pelo buraco da fechadura, acentuando em cada sílaba.

— Ah ! sim ! conheço ! — tornou o mesmo sujeito, o dr. Gustavo.

A porta abriu-se immediatamente. A luz avermelhada de um candeeiro de cobre bateu de chapa no rosto do académico.

Estava inteiramente desfigurado. O gorro tinha-lhe fugido para a nuca. Os negros cabelos anelados caíam-lhe sobre a testa inundada de um suor frio; o olhar parecia espantado, como do homem que, despertando dum pesadelo, fica por algum tempo sob a impressão dêlle interrogando com a vista tudo o que o cerca; as faces, duma palidez mortal, estavam cobertas de um

verniz húmido, os lábios eram da côr desmaiada de uma rosa de todo o ano já murcha.

O doutor, homem dos seus trinta e oito anos, recuou de espanto.

— Que tem o snr. ? que o traz aqui ? ! — perguntou êle assombrado.

Cumprê observar que o dr. Gustavo consagrava a maior simpatia a Frederico, talento promettedor da Universidade, estudioso, cumprindo os seus deveres escolares com a máxima pontualidade, fazendo-se estimar de todos pela lhaneza do seu trato, pela nobreza do seu carácter e pelo seu exemplar comportamento. Acrescia ainda para o caso presente que, tendo a certeza da protecção do dr. Gustavo, Frederico nunca o tinha occupado, mesmo na hora solene dos exames.

— Que tem o snr. ? ! — repetiu êle.

— Eu... — redarguiu o moço estudante com voz quáse imperceptível pelo cansaço e pela comoção, fechando a porta da sala. — Desculpe-me v. exc.^a... eu venho pedir-lhe que me dê um asilo... que me salve !

E vendo que se apoiava num móvel para não cair, o dr. apresentou-lhe uma cadeira, dizendo-lhe com bondade:

— Sente-se... e explique-se. Não o compreendo. Que lhe aconteceu ?

Frederico deixou-se cair sem forças na cadeira, e, sorvendo um longo hausto de ar, murmurou:

— Perdôe-me v. exc.^a; mas preciso de coordenar as minhas ideas... Parece que se me parte a cabeça — e apertava-a nas mãos, como receando que ella efectivamente lhe estalasse.

— Pois sossegue — tornou o doutor Gustavo — e creia desde já, que, se é o que penso, esta casa lhe será asilo seguro, enquanto o julgar necessário. Perseguem-no ?

— Eu conto a v. exc.^a... — disse Frederico mais animado e mais sereno de espirito.

E narrou, abreviando-os, os episódios daquela noite na estalagem do «Rubalo».

— Que imprudentes ! — exclamou o doutor ao ouvir o remate da história. — Quando hoje até dos próprios

amigos deve a gente precatar-se, dez rapazes cheios de fogo procuram a mesa duma estalagem para fazerem profissão de fé liberal, de copo na mão, e em presença de homens desconhecidos ! Na verdade, não me parece de académicos, e menos do snr., que eu tive sempre na conta de um moço exemplar e prudente !

— O vinho estonteava-nos.

— Creio isso. O mal, porém, está feito, e agora o que lhe resta é abandonar Coimbra, deixar mesmo Portugal, fugir à perseguição, que necessariamente se vai mover contra o snr. e contra os seus desditosos discípulos. Mas é já tarde e eu vou arranjar-lhe uma cama. Amanhã nós ocuparemos do que importa fazer.

Apesar dos protestos de Frederico, o dr. Gustavo montou sobre um canapé e cadeiras um dos colchões da sua cama e deu-lhe melade da sua roupa.

Por volta das quatro horas da manhã, depois da mais trabalhada insónia, o académico cerrava as pálpebras para continuar, dormindo, o inferno de ideas, que o tinham perseguido acordado.

Antes das 7 horas estava de pé.

V

Trabalhos

Bastára uma noite para lhe alterar inteiramente a fisionomia. Era um desenterrado. Tinha o rosto duma palidez baça, o olhar espasmódico, as faces cavadas, as órbitas fundas.

O viço dos vinte e dois anos tinha desaparecido inteiramente. Ninguém lhes daria com tóda a certeza.

Quando o dr. Gustavo acordou, viu o académico sentado a uma mesa com o rosto oculto nas mãos.

Abreviemos.

Frederico escreveu ao tio do Porto, seu segundo

pai, — porque ficára órfão de catorze annos, — expondo-lhe a sua situação e rematando por estas palavras:

«Estou, pois, resollido a seguir o caminho de tantos desgraçados, que, para não caírem em escuras masmorras ou subirem ao cadafalso, leem de abandonar a pátria, e de refugiar-se lá fora. Antes, porém, de deixar Portugal, eu queria poder dar-lhes um abraço, que talvez seja o último, a si, a minha querida tia e a Leonor, esse anjo de candura e bondade, que eu entrevejo, como uma estrella de brilho azulado e meigo, no tenebroso firmamento da minha vida. Irei disfarçado em mendigo, em moleiro, seja no que fór, e saberei afastar-me das povoações para não despertar suspeitas. Será mais longa a jornada, mas não oferece tanto risco. Fico esperando uma palavra do meu bom tio para me pôr a caminho.»

Antes das nove horas da manhã procurava o dr. Gustavo um homem de sua plena confiança, um *próprio*, e encarregava-o da melindrosa missão de ir ao Porto entregar a Luis Maria, o segundo pai de Frederico e seu tio, a missiva do sobrinho, na sua casa da rua Chã ou na sua loja da rua das Flores, e aguardar a resposta.

Partiu o recoveiro, levando a carta oculta entre dois remendos sobre-cosidos e com o seu alforje acavalado no ombro, como quem se propunha percorrer as aldeias próximas solicitando a caridade dos fiéis.

Dôze dias depois, durante os quaes o novo corregedor de Coimbra conseguira meter em ferros oito dos estudantes, comensais do terceiranista portuense na estalagem do «Rubalo», e prometia recompensar a quem lhe apresentasse Frederico, o único que tinha protestado abertamente contra o brinde erguido por êle a el-rei D. Miguel; — dôze dias depois, o moço académico recebia uma carta do tio, na qual, com as lástimas imagináveis, filhas da muita estima em que o tinha, lhe dizia que naquella mesma noite seria procurado pelo Torres, o intrépido arrieiro que tantas vezes o acompanhára do Porto para Coimbra, devendo combinar entre ambos o meio seguro da fuga.

Pelas oito horas da noite, efectivamente, insinua-

va-se no escuro portal do professor o vulto do almocreve e entrava para o quarto, que já conhecemos, onde estava Frederico e o seu protector.

Falaram, discutiram, combinaram os três. E por volta das 11 horas da noite immediata subia a rua do Cego um almocreve com a sua récu de cavalgaduras, que se anunciavam ruidosamente a distância pelo estrugir dos chocalhos, e do portal da casa, em que habitava o dr. Gustavo, saía a juntar-se ao recoveiro um vulto que, pelo traje, parecia igualmente homem de estrada. Era Frederico, no disfarce em que o vimos ao abrir este livro, na margem esquerda do Douro: —camisa de estôpa, jaqueta de saragoça, faixa à cinta, meias de lã e grossos sapatos ferrados.

—Vamos conversando — disse-lhe o Tòrres. — Traz vossoria o par de pistolas?

—Trago.

—Então, com mais duas, que vão aqui, já bastam para os ter em respeito, caso nos saiam ao caminho a intrometer-se connosco.

E os dois almocreves deixaram a cidade sem que os vultos suspeitos, que estacionavam em diversos pontos, se lembrassem de lhes meter à cara a lanterna de furta-fogo, que traziam debaixo dos capotes.

A meia légua de Coimbra esperava-os na estrada rial um homem, a quem o Tòrres entregou a arreata das béstas, e que voltou com elas para a cidade.

— Bem — disse o arrieiro, — do primeiro perigo estamos nós livres. Daqui por diante, com sua licença, as béstas não fazem senão embarçar-nos o passo. Agora já um homem pode meter por atalhos, esconder-se alrás dum muro, ou, caso sejam muitos, *dar terra p'ra feijões*. Pois não é assim, snr. dr.?

Frederico estava longe de ouvir o que lhe dizia o seu companheiro de jornada.

Pouco mais era do que um autómato.

Sentia-se aniquilado, impotente.

Aquele inesperado revés prostrava-o.

Relanceava os olhos por esse caminho além, menos tenebroso, do que o seu futuro, caminho que tantas vezes cruzára, já com o coração a palpitar de impaciên-

cia, já com a alma cortada de saúdaes, e murmurava: — Nunca mais !

Ah ! Quem pode aí, com o espirito sereno, medir o imenso abismo de dôr e desânimo, que aquelas palavras representam, proferidas por um desgraçado como Frederico ?

Nunca mais — diz o amante desditoso ao considerar o corpo hirto e frio daquela que tantas vezes o ciugira num abraço febril.

Nunca mais — diz o náufrago ao lembrar-se da mulher e dos filhos, sentindo que as forças o abandonam, que os sentidos lhe fogem, que o abismo o chama, o atrái, o sorve com uma força crescente, irresistível, fatal.

Nunca mais — diz o vélho trabalhador alquebrado, ao ver num monte de ruínas o edificio de felicidade, que durante meio século estivera construindo para o resto dos seus dias.

Nunca mais — murmurava igualmente Frederico, fugindo à perseguição, deixando atrás de si todo um futuro de esperanças, de amor, de felicidade, e quem sabe se de glória !

Nunca mais !

.....
Ao cabo de seis dias de jornada, muitas vezes por atalhos e quâse sempre de noite, evitando os povoados e debaixo de água, chegaram os dois homens a um logarejo distante meia légua do Pôrto, conhecido pela «Madalena».

Aí ficou o académico numa casa de gente pobre, enquanto o Tôrres foi ao Pôrto combinar com o tio a conclusão do feito. O grande receio dos dois era se já teria chegado ordem de captura da parte do corregedor de Coimbra, e a casa do negociante estaria sendo vigiada de perto.

Voltou no dia immediato o almocreve e trouxe ao estudante a resposta seguinte:

«Que não tinha chegado ainda a denúncia ao Pôrto, e que, com as devidas reservas, poderia demorar-se em casa de seu tio um ou dois dias, partindo para a fronteira em segunda. Que, mesmo dado o facto de chegar

em antes o mandado de prisão, haveria meio de o reter na intendência de polícia durante esse tempo. Assim o affiançara o melhor amigo de seu tio, o sr. frei Quintino...

— Frei Quintino ! frei Quintino ! — exclamou o moço académico sentindo uns assomos de cólera: — mas quem me affiança a mim que esse frade não será o meu denunciante ?

— Oh ! sr. dr., pois acha... ? — obtemperou Tórres entre admirado e incrédulo.

— Acho-os capazes de tudo ! — interrompeu Frederico, sobreexcitado.

— Pois, quer vossoria me acredite quer não; eu nunca entrei nisto de politica nem me importa, ainda que se tivesse de escolher, certamente que não seria dos que mandaram presentes de vinho ao João Branco (1); mas que o tal frade pratique uma dessas, e juro-lhe pela minha salvação que lhe meto uma bala no estômago pelo caminho mais curto ! Olé ! e depois... o mundo é grande, e em toda a parte se come pão !

— É um homem de bem e um coração lial, Tórres ! — disse o académico, bastante comovido e aperlando nas suas as mãos calosas do arrieiro. — Obrigado, meu amigo.

Como as coisas se passaram até o momento de Frederico se lançar nos braços de seu tio, que o espe-

(1) *João Branco*, célebre carrasco, que em 1829 executou na Praça Nova os dōze liberais condenados a morrerem na forca *de morte natural para sempre*. Depois de lhes decepar as cabeças diante dum limitado público simpático e de um notável concurso de religiosos, que ao mesmo tempo se banquetavam às janelas do convento de Santo Antônio dos Congregados, que defrontava com os patíbulos, fazendo saúdes, João Branco esbofetou as cabeças dos justificados, que suspendia pelos cabelos ou pela nuca pingando sangue.

Nos dois dias, 7 de maio e 9 de outubro, em que tiveram lugar essas execuções, foi o carrasco obsequiado com vários presentes de vinho e com um lauto jantar, recebendo mais alguns delicados mimos de senhoras nobremente aparentadas de Braga e Guimarães.

rava ansioso com a mulher e a filha na sua casa da rua Chã, não o ignora o leitor, se acrescentarmos que os dois, ao cair da tarde, — uma tarde lúgubre, de nuvens negras acasteladas e vento sul rijíssimo — deixaram a «Madalena» em companhia dum barqueiro, o Neto, que os guiou por caminhos mal trilhados até à margem esquerda do Douro, em frente do «Seminário».

VI

Lágrimas

Não tentarei descrever a scena de pranto e soluços, arrancados do coração e como estrangulados nos lábios dos quatro actores dela. Seria além de difícil, monótono.

A dôr profunda e concentrada é assim. Desentra-nha-se em manifestações sempre as mesmas, invariáveis, silenciosas; e, parecendo que o cansaço deveria tomá-la afinal, cada vez requinta mais.

— Bem — disse Luis Maria, querendo dar o exemplo de ombridade; — agora já não se remedeia nada... e consumir-se a gente por o que não tem remédio... acho que são dois prejuízos... Tu vais... e... — a voz começou a achar dificuldade em formar-se-lhe na garganta — e... nós cá te ficamos esperando, até... que Deus...

Foi-lhe impossível continuar. A comoção embar-gou-lhe a palavra, e o período terminou-o proferindo alguns monossilabos incoerentes.

Frederico tinha a jaqueta de saragoça ensopada em água.

— Vai mudar de roupa. Tens lá tudo no teu quarto — disse-lhe por último o negociante.

Dai a pouco o académico apparecia com o seu falo ordinario. Era inteiramente outro.

Foram para a sala de jantar, onde esperava o es-
tudante uma succulenta refeição.

A mesa estava coberta com uma alvissima toalha
de linho adamascado, das que saem dos teares de Gui-
marães e tem a preferença em todo o país; à volta
os talheres, os pratos e os copos; ao centro, além de
um candeieiro de metal amarelo, de três pavios, ilu-
minando o recinto com uma luz avermelhada e se-
rena, uma garrafa de cristal com vinho e uma terrina,
da qual se escapava uma fumarada branca e dum
cheiro delicioso.

Abancaram...

Mal succedido esforço.

Dez minutos depois erguiam-se da mesa, sem ha-
verem tocado na ceia, que teria feito as delicias do
mais pechoso gastrónomo.

Em segunda Frederico dava as boas noites a seu
tio, a sua tia Clara, a sua prima Leonor, e retirava-se
com o espirito fatigado das comogões violentas daquela
noite para o seu quarto.

E pôs-se a contemplar tudo o que o cercava, e a
recordar-se...

Havia oito anos, desde que morrêra seu pai e o
tio o chamára para a sua companhia, que habitava
aquele pequeno recinto, l'estimunha silenciosa de tôdas
as suas tristezas e alegrias de adolescente.

A cada móvel, a cada objecto, eslava ligada uma
recordação, que lhe era tanto mais dolorosa quanto
mais grata.

A pequena estante onde se viam alguns livros por
que estudára preparatórios, a meia cómoda em que
tinha a sua roupa mais tratada, a pequena banca de
estudo, confidente dos seus ensaios poéticos, tam de-
pressa tentados como reduzidos a cinzas, o leito de
pau preto e pés torneados, onde dormia noites sosse-
gadas e felizes, embalado pelas mais risonhas esperan-
ças, aquella janela solitária em que tantas vezes se
debruçára *escutando* o silêncio em que a cidade jazia
mergulhada, por calmosas noites de estio... tudo lhe
recordava — e tudo o pungia dum modo atroz.

A saúde havia-se antecipado cruelmente. Frederico sofria e sofria muito.

Arremessou-se vestido para cima da cama, ergueu os braços apertando a cabeça nas mãos enclavinhadas, fitou vagamente um ponto escuro do tecto, e, pálido, imóvel, hirto, assim esteve por tempo esquecido.

Depois, como despertando daquela abstracção, apagou a luz. Batia meia noite na próxima torre da Sé.

Fora, a tempestade rugia desenfreada. O vento, a chuva e o trovão faziam um concêrto medonho. O raio esalava próximo; e o relâmpago iluminava com uma luz fosforescente e rápida, penetrando pelas fendas da janela, o quarto mergulhado em trevas espessas.

Era a primeira noite, depois de seis dias de jornada, em que Frederico encontrava o aconchêgo dum pequeno quarto agasalhado e de um repouso cheio de confiança.

Naturalmente os olhos cerraram-se-lhe... adormeceu.

Na manhã seguinte o académico ergueu-se e foi, como costumava dantes, beijar a mão a seu tio e a sua tia, e dar o bom-dia a Leonor. Depois pediu licença para se refirar de novo ao seu quarto.

— Não, Fréderico, não posso consentir... Daqui vamos para a mesa. Hás-de almoçar connosco. Onhem não ceaste coisa alguma; estás a cair de fraqueza. Basta de piêguices. Estas coisas não há remédio senão aceitá-las como elas veem. Tudo será pelo melhor.

E usando de uma frase consagrada no livro de filosofia prática, que tem por título «Provérbios e Sentenças», concluiu:

— O que não tem remédio, remediado está.

Como succede afinal tôdas as vezes que se empenha a luta entre o espirito, que se sustenta de ideas, e o músculo, que tira as suas forças da suculência dos alimentos, o estômago do terceiranista conseguiu por alguns minutos impôr silêncio à sua imaginação.

Com prévia recomendação de Luís Mara, e graças aos seus esforços, durante o almoço, sustentando que melhor devia ser assim — retirar-se com tempo de Portugal, pois que mais cedo ou mais tarde se denunciaria, e em vez da liberdade no estrangeiro teria a cadeia

no país. — não se repeliu a scena da véspera à noite, e Frederico mostrou-se mais resignado e composto de animo.

Entretanto, se o mancebão, por um movimento rápido de cabeça, fitasse Clara e Leonor, mais de uma vez as teria surpreendido, olhando-o com os olhos rasos de água ou deixando cair nas chávenas as lágrimas, que se lhes desprendiam silenciosas das pálpebras.

— Bem — disse Luis Maria, erguendo-se da mesa afinal; — agora vamos tratar do que importa. A tua mala deve estar quãse pronta e eu vou escrever duas ou três cartas. Logo virá o Torres e combinaremos tudo. Ah! sim, o que urge também é falar com o sr. frei Quintino. . . Ele nos dirá se convém apressar para quanto antes a partida. Devemos-lhe imensos favores, meu rapaz. Apesar de ser um absolutista exaltado, tem-se havido em tudo isto com verdadeira dedicação. Todos os dias vai à intendência informar-se dos mandados de captura. E como tem a confiança daquela gente, fácil lhe é saber o que deseja.

— Eu não duvido, meu caro tio, dos bons serviços do sr. frei Quintino... sómente, para saber os limites que deveria marcar à minha gratidão, desejava adivinhar o fim próximo ou remoto, que o move a prestar esses serviços.

— Os reveses fazem-te injusto, Frederico. O sr. frei Quintino, se procede assim, é porque nos estima e se interessa por ti.

— Por mim?! — exclamou o acadêmico, não podendo disfarçar um pálido sorriso de dúvida; — interessa-se por mim sua reverendíssima!?

— Desgostas-me, sobrinho. Ser liberal não é ser ingrato — disse Luis Maria com uma severidade triste. — Mas espero que te convencerás brevemente do teu erro. Quando mais não seja, é preciso abrir excepção à regra geral, e uma delas é indubitavelmente o sr. frei Quintino.

Frederico, sem dúvida por motivo de delicadeza, fácil de compreender, baixou os olhos e calou-se.

Então Luis Maria tomando-lhe uma das mãos:

— Ora vamos, meu rapaz; sê razoável. Não te dei-

xes levar pelo ódio, que é péssimo conselheiro. Em tudo há bom e mau... Agora vou escrever algumas cartas de recomendação para ti e depois irei até à loja da rua das Flores para que não seja nolada a minha ausência. Poderiam suspeitar.

O académico, profundamente abalado, sacudiu a mão do tio com reconhecimento e dirigiu-se vagarosamente para o seu quarto.

Luís Maria entrou na sala, que lhe servia de escritório.

VII

Resignação

Seriam 11 horas da manhã dêsse mesmo dia. Clara, sentada numa pequena cadeira de palhinha fazia um pacote de lenços de brelanha de linho, e chorava silenciosamente.

Tinha uma boa alma esta senhora. Admitida como noviça no convento de Santa Clara donde saíra para casar com Luís Maria, era de natureza tímida, e, por educação, religiosa, quâse devota. O padre para ela tinha o quer que fôsse de superior, de divino, a quem ouvia de cabeça baixa e olhar penitente, como um réu contrito, e cujas palavras, exortações, conselhos jâmais discutia.

Por frei Quintino, a visita habitual, o amigo da casa, tinha mais do que o respeito devido, que lhe inspirava o hábito ou a sotaina em geral: tinha por êle a receosa veneração, que tributaria a um juiz implacável iluminado pela auréola da santidade, — a idea vulgar de Deus inoculada pelos exploradores religiosos no espirito da turba ingénua! Frei Quintino facilmente havia conseguido insinuar-se-lhe no animo e dominar-lho.

Quanto a Luís Maria, educado na vida prática do comércio, ao balcão, para a qual entrára aos 11 anos,

todo reserva e egoísmo mercantil, que tratava de justificar por esta frase — se eu o não ganhar, ninguém mo dará, — e ainda por esta outra, quando o acusavam da sua indiferença pelo movimento que agitava o país — o meu reino é a minha casa, — era no íntimo, sem nunca o ter confessado a ninguém, sem mesmo o ter confessado a si próprio, sincero liberal, como por indole são, devem ser os corações bons e generosos.

Resumia toda a sua felicidade, toda a sua vida, na filha que Deus lhe deu, Leonor, um anjo de meiguice e candura, que destinou com alvoroço para esposa do sobrinho órfão, apenas, tocado o oiro puríssimo do coração de Frederico, reconheceu que entre os dois se havia estabelecido uma corrente natural de simpatia mútua.

Dai por diante foi esta a sua idea, o seu sonho constante: acabada a formatura, casá-los.

A meio caminho, porém, da realização do seu sonho doirado, ergueu-se de subito o espectro da fatalidade, e o futuro, que previa tão limpo e promettedor de intimas alegrias, turvou-se, escureceu-se, como se, diante d'ele, se houvesse desdobrado uma larga cortina de crepes funerários.

Voltaria o sobrinho? — quem sabe!

E, mesmo se voltasse, que tempo demoraria por lá?

Depois, voltaria só?...

Estas e outras interrogações assaltavam-no de tempo a tempo, e obrigavam-no a meditar sériamente. Mas uma cega confiança em dias melhores, o quer que era de superior e inexplicavel que lhe dizia ao coração — espera, — restabelecia-lhe a tranquillidade do espirito sobre o futuro da sua querida Leonor.

Nisto mesmo se espelhava a bondade da sua alma, que acreditava sinceramente na providência dos bons, a doce quimera dos que não foram ainda provados tenaz e fortemente na desgraça.

Concluidas as cartas que estava escrevendo, Luis Maria dobrou-as metodicamente, e, preparando-se para as sobrescritar, ia dizendo:

— Ao menos não lhe faltará tudo; pobre rapaz! — e atentando em Clara, que levava naquele momento

o avental branco aos olhos:-- Então que é isso? E preciso resignarmo-nos. Eu também lhe quero como se fôsse meu filho, e contudo...

Luis Maria começou de passear na sala a largos passos, com as mãos atrás das costas e a vista no chão. Clara tinha-se erguido com o pequeno embrulho dos lenços e atava-o cuidadosamente com uma fita de nastro. Ao mesmo tempo replicava:

— Mas diga-me se não é triste educar a gente um rapaz, há perto de oito anos, afagá-lo, dirigi-lo, guia-lo, chegar a ter-lhe uma amizade tão funda, que nem eu sei dizer, manda-lo estudar para Coimbra, fazer todos os sacrificios por êle, e no resto, quando esta um homem, vê-lo partir por essas terras de Cristo além, fugindo à justiça, como se fosse um grande criminoso! Oh! é triste, muito triste, Luis!

E os soluços embargavam-lhe a voz. Luis Maria aproximou-se então da esposa, e, comovido, tomou-lhe as mãos ao tempo que procurava resigná-la, o misero, que não carecia menos de resignação:

— Mas se não ha outro remédio, minha pobre Clara! Cumpre esperar! É impossível que estas coisas continuem assim por muito tempo, e então êle vira para a nossa companhia e acabara a sua formatura sossegadamente.

Houve um instante de silêncio, e o negociante proseguiu, como continuando alto o curso das suas ideas:

— ...E a nossa filha!... Como há-de sofrer este golpe! Eles, que se amam tanto e com um amor tão puro, sem mesmo o terem dito um ao outro! Pobres crianças!

E mudando de tom:

-- Enfim, estava escrito; acabou-se! Foi uma imprudência o que êle praticou, mas o resultado é que não podia ser outro: vir abraçar-nos e partir... sabe Deus ate quando!

— Dizes bem! sabe Deus até quando! -- repetiu Clara com um acento triste.

Neste lance do dialogo, entrava Leonor na sala, tam distraida que não se apercebeu dos dois.

— Aí vem a pequena. Nada de lamentações — disse o negociante à espôsa a meia voz.

Leonor deu alguns passos, e só então, erguendo os olhos, viu os actores da scena precedente.

— Ah! — exclamou ela parando.

— Que foi? — interrogou Luís Maria fingindo surpresa. — Estavas aí?

— Entrei agora; mas... eu retiro-me.

— Não, não, fica. Teu primo?

— O primo Frederico... tem estado no quarto a escrever.

Clara aproximou-se da filha, e cravando-lhe o olhar, com um sorriso forçado:

— E tu?

— Eu, minha mãe? — repetiu, hesitando.

— Sim, tu.

— Estive no meu quarto a rezar.

Luís Maria atentou-lhe fixamente nos olhos, e disse-lhe num tom meigamente repreensivo:

— Choraste, Leonor! . . . Que tens, filha?

— Nada; não tenho nada... meu querido pai...

— Ora vamos, sossega — interveio Clara passando-lhe o braço á volta da cintura e conduzindo-a a uma cadeira. — Ele, com Deus, há-de voltar.

— E então sera para nunca mais sair da nossa beira, verás — acrescentou Luís Maria.

— Mas tu não provaste quase nada ao almôço, e ontem não comeste nada em todo o dia, Leonor! — observou Clara, reparando na palidez da filha. — Deves estar a cair de fraqueza...

— Não estou, minha mãe; atianço-lhe que não estou. — E, como se nada mais a preocupasse: — Poderá *êle* ao menos escapar sem risco? Se o prendem...

— Sossega — alallhou o negociante. — Está tudo prevenido. De mais a mais em Coimbra julgam que ficou por lá oculto nalguma trapeira, e até agora ainda não appareceu denuncia na intendência da policia, ou do contrário já deriamos sido prevenidos pelo snr. frei Quintino. A propósito, Clara. Vai-lhe passar uma vista de olhos pela mala, e que não lhe falte nada. Vê bem!

A boa senhora tomou de cima da secretária o pacote de lenços, que estivera acamando.

— Não tem dúvida, Luís — disse ela; e acrescentou dirigindo-se para uma das portas de comunicação interior: — Exactamente como todos os anos, quando ia para Coimbra!... E contudo, agora, que diferença!

Houve um instante de silêncio.

— Não te quero ver assim, Leonor — observou Luís Maria. — A ausência de teu primo não há-de ser eterna... e ao menos resta-nos a certeza de que nenhum perigo o ameaçará. Antes isso, minha filha, do que termos amanhã de o ir visitar a cadeia, que seria de tudo o mais provável.

— Meu Deus! — disse ela; e em seguida arriscou timidamente: — Se ao menos pudesse escrever-nos...!

— Há-de poder. Sossega que havemos de ter notícias suas. Dize a verdade: tu estima-lo muito?

A filha de Luís Maria hesitou; depois, erguendo para o pai os olhos espelhados de lágrimas, respondeu:

— É como se fôssemos irmãos.

— Tens razão — aplaudiu o negociante. — Pelo menos quero-lhe tanto como se fôsse meu filho... e deixa estar que há-de ser. Pois quê! Assim estas coisas ser-nem e êle volte a Portugal!

Palavras não estavam ditas, e a porta da sala abria-se ao tempo que uma voz pausada e solurna entoava a fórmula sabida:

— A paz de Deus seja nesta casa.

E na penumbra destacou um vulto esgornviado, trajando o hábito preto dos monges de S. Bento. Luís Maria apressou-se a sair-lhe ao encontro, dizendo agodado:

— Oh, sr. frei Quintino, por quem é! queira entrar v. rev.^{ma}!

VIII

Sua reverendíssima

Frei Quintino da Expectação, o novo personagem, que acabava de entrar em scena, era um homem alto, magro, de uma palidez lérrea, feições duras, testa pequena, sobrolho severo, nariz ósseo, um pouco exagerado, lábios finos, malares salientes e voz áspera, que se esforcava por tornar untuosa e grave. A sua corôa, irrepreensivelmente escanhoada e larga como a palma da mão, tinha a côr tostada e os reflexos baços do mártilm antigo.

Ninguém lhe daria mais de quarenta anos, e contando já passava dos quarenta e oito.

Professára novo, convencido de que o chamava para o claustro a sua vocação tôda propensa ao misticismo.

Era de família mais que remediada. Seu pai tinha sido meirinho-mór, e naquelle emprêgo, cujos proventos, de si medíocres, eram enormes explorados convenientemente, pôde amealhar algumas dezenas de mil cruzados.

Frei Quintino fôra único herdeiro daqueles haveres, tendo o cuidado de guardar grande maquia num falso da sua cela, depositando a mesquinha parte restante, com devota abnegação e completo desprêzo dos bens terrestres, nas mãos do superior da ordem.

Era prêgador e dos mais considerados. Violento, declamatório, cheio de trechos e citações teológicas, êle trovejava do pulpito fulminando ameaças e excomunições, cujo epilogo era um chôro desfeito e a altos brados da parte feminina do auditório — o seu grande triunfo !

No dia em que, ao terminar um sermão, fôsse êle apologético das virtudes e milagres dalgum santo, não

fizesse romper clamores de arrependimento, frei Quintino abandonaria o púlpito para sempre.

S. rev.^{ma} falava devagar, espaçando as palavras — por cálculo; e tomava rapé... também por cálculo.

Nas consultas graves, nos francos difíceis, nas ocasiões em que precisava observar a fisionomia do interlocutor ou estudar uma resposta em assunto de melindre, a pitada era-lhe infalível, e começava de arrastar a voz.

As suas ideias eram pelo mais puro e entranhado absolutismo.

Tinha sido condecorado com a medallha de prata, mandada cunhar pelo sur. D. Miguel com a *sua rial effigie* para galardoar aqueles dos seus vassallos mais devotados à causa do trono e do altar.

O seu rancor pelas novas ideias, que até êsse tempo não tinham produzido senão vítimas, era notório em tôda a diocese do Pôrto, e acentuava-o tôdas as vezes que se erguia a falar na *cadeira da verdade*.

Temos presente um dos sermões de Frei Quintino, impresso em 1831 — com *Licença da Rial Comissão de Censura*.

Algumas pequenas transcrições não prejudicam o seguimento desta história, e servem para acentuar o carácter da grande maioria dos humildes servos de Deus naquele tempo calamitoso.

Prêgava frei Quintino trovejando do alto do púlpito de S. Bento da Vilória sôbre uma turba de fléis de ambos os sexos e de tôdas as idades, mais curiosa talvez do que contraila:

«Só vos lembro o meo de que esta corja infernal, sempre tem procurado servir-se para lançar por terra o Trono e o Altar, acabar com os Reis e com a religião de Jesus Christo, a quem tem ódio infernal, e é a soberania popular tanto *in civilibus* como *in sacris*.

«O povo é o soberano, a Soberania reside essencialmente em a nação, dizem estas bôcas ímpias, e tam ímpias que chegaram a chamar ao contrário, sédigo Direito Divino. Daqui concluem que o rei não tem mais poder que aquele que o povo lhe quer dar; e como êles se intitulam representantes da nação, se arrogam

todo o poder. Aqui assenta seu sistema impio e blasfemo, pois é inteiramente oposto ao que Deus nos diz nas Sagradas Escrituras, em que elles não crêem, mas em que nos devemos fundamentar a nós mesmos e aos povos, para que não se deixem levar com o vento de suas impias doutrinas.»

Segue a refutação das sobreditas doutrinas pelas palavras de S. Paulo — *omnis anima potestatibus...* — e por estontras, que se lêem no Livro da Sabedoria — *audite, Reges, et intelligite*... — depois acrescenta da sua lavra o indignado orador:

«Deus é o Rei dos Reis, é o que tira e faz Reis, é o que constitue Reis, e é o que tira e dá Reinos a quem é sua vontade. Esta é a linguagem e a frase das Divinas Escrituras, e é o que nelas diz o mesmo Senhor, e não o que diz essa corja de ímpios blasfemos.»

Referindo-se à então projectada instituição do júri em Portugal, tendo insinuado que as suas atribuições abrangiam não só as cousas civis mas as eclesiásticas e espirituais — louvável má fé num benemérito filho da Igreja — exclama frei Quintino:

«Que ímpia blasfêmia! Debaixo dêste impio e blasfemo princípio, vós vêdes em suas infernaes constituições e cartas constitucionais o desprezo que fazem da Côrte Romana, dos Papas e suas Bulas e Decisões, dos Bispos e tôda a Igreja, sujeitando a mesma Santa Fé não só a elles, chamados representantes da nação, mas até mesmo aos jurados, ou júris, que podem ser sapateiros, alfaiates e outros da mesma categoria!»

E rematando a sua vigorosa argumentação contra «a influência do júri civil nas cousas eclesiásticas e espirituais», interroga:

«Quem teem sido os que formaram e compuseram os Concílios, que sempre teem formado a Igreja e que verdadeiramente a representam? Teem sido os Papas e os Bispos, ou teem sido os júris e jurados de Inglaterra, França, ou Portugal moderno? Corja ímpia saída ou abortada pelo inferno na face da terra!»

Assim prégavam o evangelho de Cristo, pelos anos de 1829 e 1830, em quâse todos os púlpitos de Portu-

gal, uns homens rancorosos e fanáticos, que se diziam intérpretes da sua doutrina de liberdade e amor.

Frei Quintino era havido em tôda a diocese portuense como o mais esforçado campeão da causa santa do Irono e do altar.

Dal a consideração que lhe dispensavam não só os confrades de superior hierarquia, mas as principais autoridades eclesiásticas e civis, e as mais gradas famílias do Pôrto, ligadas à causa do absolutismo.

Entre os que lhe celebravam o entranhado ódio às blasfemas doutrinas do liberalismo nascente, corria uma frase dêle, proferida na ocasião em que lhe davam a grata notícia de terem perneado nas forcas da Praça Nova mais alguns *malhados*, dos de pior casta.

Disse frei Quintino:

— Ainda bem. Morreram como judas, o discípulo traidor. Sómente Judas acabou como homem — contrito, e êles morreram como cães — impenitentes !

IX

O romance de frei Quintino

Frei Quintino tinha tido também o seu pequeno romance, como qualquer pecador.

Tentaremos resumir-lo, posto que as variadas peripecias dêle nos fornecessem assunto para um volume à parte.

Foi por meado de 1811.

Dirigia-se frei Quintino, que, por esse tempo, ainda não contava trinta anos, em puro D. Basílio, de seu hábito preto e o seu amplo chapéu de abas revôltas, do largo dos Lóios para o convento, subindo a ingreme e suja ladeira da rua de Trás. Ao seu lado direito ia um secular de grave aparência, cabeleira de rabiço, casaca de calção de briche, meia de sêda preta e sapatos com fivelas de prata.

Falavam de Napoleão, o temido conquistador, e incriminavam-lhe o proceder feroz e herético, que estava bradando ao céu por uma justa e assombrosa punição.

— Que eu lhe digo a v. rev.^{ma}: tantas coisas extraordinárias tem feito aquele homem, e tam bem se tem saído delas, continuando-se as vitórias umas atrás das outras, que me tem lembrado se Deus o ajudará!

— Credo! Tal suposição é um insulto à divindade! Esse apregoado general é um ímpio, que nem mesmo respeitou a cadeira de S. Pedro!

— Não tive a fortuna de me exprimir de modo que fôsse compreendido o meu pensamento — volveu o homem do rabicho. — Eu queria dizer, vendo a fortuna que cerca o tal Napoleão nas suas mais arriscadas empresas, se elle não será mais do que um castigo mandado por Deus para punir os homens de seus erros e pecados.

La responder frei Quintino, quando ouviu um choro abafado atrás de si. Voltou-se.

Era uma rapariga de cabelos pretos e olhos rasgados e expressivos, airosa de porte, com um vestido de chita de ramagens talhado segundo a moda, um pequeno chaile ao pescoço e um lenço mal atado na cabeça, indicando a precipitação com que saíra de casa.

O pranto inundava-lhe as faces; os soluços embargavam-lhe a voz.

— Que tem, minha filha? — interrogou o frade parando.

— Pelas divinas cinco chagas, queira v. rev.^{ma} vir a nossa casa confessar a minha avósinha, que eslá a despedir!

— Eu vou, eu vou — tornou frei Quintino. — Era mesmo desnecessário socorrer-se do valimento das divinas cinco chagas para isso. Não é outro o meu dever. — E voltando-se para o companheiro: — V. s.^a dá-me licença...?

Frei Quintino desceu a rua alguns passos, acompanhado da chorosa rapariga, e, guiado por ela, entrou numa dessas velhas edificações esguias, sem luz e sem ar, que ainda hoje se encontram naquella e noutras ruas tortuosas do antigo burgo portuense.

Subiram a escada carunchosa e penetraram na saleta do primeiro andar, onde gemia uns gemidos prestes a extinguir-se, estendida num catre, tendo a roupa em desordem, uma velhinha toda enghitada, com o olhar apagado e fundo, os lábios sumidos, dando à boca entreaberta e sem dentes o aspecto de um buraco escuro; tinha os braços fóra da roupa e o esqueleto das mãos afiladas era coberto duma pele rugosa e lisnada como a superfície dum velho pergaminho. Ansiava.

— É esta a enfôrma? — interrogou frei Quintino parando aos pés do catre e contemplando a face macilenta da moribunda.

Era ociosa a interrogação. A rapariga respondeu desatando em choro mais aberto.

— Está bom, minha filha: sossegue. Deus é cheio de misericórdia — tornou o religioso esforçando-se por aveludar numa expressão uniuosa o áspero metal da sua voz. — e em caso algum devemos desesperar dela. Além disso repare que, com o espectáculo da sua dôr — observou mais baixo, — está lacerando o coração daquela cuja morte chora antecipadamente. Nestes momentos supremos, compreende-se, adivinha-se tudo. Vamos: enxugue as lágrimas e reze... a oração infunde alívio e confiança nos corações atribulados.

A pobre moça, que tinha o nome de Isabel, voltando a face para o lado oposto àquele em que estava a enfôrma, enxugou disfarçadamente as lágrimas a uma das pontas do lenço que tinha na cabeça. Depois olhou novamente.

A velha mexeu os lábios sem conseguir articular uma palavra e fez-lhe um quâse imperceptível sinal com a mão descarnada apontando-lhe a porta.

— Eu vou, minha avósinha, eu vou — e voltando-se para o religioso: — V. rev.^{ma} não tem mais do que chamar quando fôr preciso... Estou ao fundo do corredor.

Saindo Isabel da sala, a porta cerrou-se, e quâse por espaço de meia hora se ouviu o sussurro da voz do confessor, com pequenos intervalos de silêncio, em que era de presumir, a decrepita criatura murmurava alguma resposta ou alguma oração.

Isabel, ao fundo do corredor escuro, com os olhos fitos na claridade que difficilmente coava pelas fendas da porta, que se fechára nas suas costas, escutava ansiosa o rumor da voz de frei Quintino e parecia-lhe a cada instante ouvir dizer:

— Está morta !

Aquella meia hora pareceu-lhe infinita.

Por último Isabel ouviu passos na sala dirigindo-se para a porta. Uma vertigem passou-lhe pela cabeça, a luz abandonou-lhe os olhos, um suor frio inundou-lhe a fronte...

Se efectivamente a sua avósinha tivesse morrido, enquanto a interrogava o religioso ?...

Abrin-se a porta na extremidade do corredor e o vulto do frade deslçou no fundo luminoso que o enquadrava.

— Pode entrar — disse elle a meia voz para fóra. Isabel acudiu.

— Sossegue, minha filha... A sua avósinha, que tanto parece estimar, não está lam perigosa, como supunha... Acha-se no gôzo de tôdas as suas faculdades: boa memória, bom ouvido, e eu ainda espero em Deus, por intervenção do meu bemaventurado S. Bento, que ela há-de viver.

A moribunda, a estas palavras, enrugou levemente a bôca, talvez num sorriso de dúvida; Isabel, porém, ajoelhando aos pés do beneditino, beijou-lhe com effusão a manga do hábito, e levantando para elle os olhos supplicantes, exclamou numma voz comovida:

— Que Deus nosso Senhor o ouça !

Frei Quintino pegou-lhe na mão e ergueu-a lentamente, encarando-a pela primeira vez.

— Há-de ouvir, minha filha... Deus escuta as preces de quantos o imploram — disse elle sem lhe ter deixado a mão; e, consigo mesmo, num arrôubamento, acrescentava: — Como é bonita !

— Devo mandar chamar o Nosso Pai ?

— Sem dúvida, e quanto antes. É preciso preparar para tôdas as eventualidades. Só Deus, Senhor nosso, lê no dia de amanhã. Na dúvida, cumpre-nos prevenir. Tem por quem mande aviso ao pároco ?

— Temos uma mulher, que nos faz os recados, mas ainda hoje não appareceu cá em casa.

— Pois bem: não se affija por isso. Eu vou á igreja prevenir as coisas, de modo que os santos sacramentos estejam aqui dentro do mínimo espaço de tempo.

— Muito obrigada a v. rev.^{ma} — disse Isabel sinceramente grata por tanta bondade.

— Não tem que me agradecer, minha filha. Cultivaram-me os seus extremos de amor por essa pobre vélha, que para si é como se fôsse uma segunda mãe; e além de boa, vejo que é religiosa e temente a Deus. Conte comigo.

Frei Quintino aproximou-se da moribunda, chegou-lhe aos lábios frios a cruz de um bogalhudo rosário, e dirigindo-se gravemente para a porta, ia dizendo:

— Vou cumprir com a possível diligência a grata missão de que me encarreguei. Dentro em três quartos de hora a sua avósinha poderá adormecer neste mundo o sono eterno para acordar no outro em meio de céros de anjos.

Chegado próximo da escada, a meio do escuro corredor, frei Quintino voltou-se para Isabel, que o seguia:

— Escusa de vir mais adiante — disse êle alongando o braço naturalmente com a mão espalhada, acontecendo receber o embate do seio rijo e húmido da chorosa rapariga, que não previra aquella paragem repentina. — Amanhã, quando passar por aqui, virei saber como está a enfermã. E creia nisto, minha filha: Deus nunca abandona os bons.

Isabel ia ajoelhar. Frei Quintino ergueu-a pela cintura brandamente, murmurando com certa agitação na voz: — Basta, basta.

E desceu precipitadamente a escada.

No dia seguinte o frade apresentou-se em casa de Isabel, que rezava diante dum crucifixo de madeira, que tinha sobre a meia cómoda, e cuja lamparina estava diante dêlo apagada e sem óleo.

Ao ver entrar o religioso, annunciando-se por um — louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo, — Isabel in-

terrompeu as suas orações e foi-lhe ao encontro beijar a manga do hábito.

Frei Quintino relanceou-lhe um rápido olhar terno, e disse:

— Vejo com prazer que a minha filha se vai resignando com os allos juízos de Deus... Encontro-a mais confiada... Milagres da oração! Diga-me: como tem passado a enféma?

— Depois que tomou nosso Pai, parece que ficou mais sossegada. Já bebeu dois caldos, e tem-os conservado no estômago. Lembro-me se serão as melhoras da morte...

E as lágrimas caíram em fio pelo rosto da pobre rapariga.

— Não hão-de ser, querendo Deus nosso Senhor.

Frei Quintino aproximou-se da enféma, e como ela indicasse querer dizer alguma cousa, o religioso achegou o ouvido daquela boca entreaberta. Em seguida ergueu a cabeça e disse para Isabel:

— Quer que a encostem para cima, nas travesseiras. Ajude-me.

E ambos, cada um pelo seu lado, conseguiram, depois de algum tempo, erguer a meio corpo o descarnado esqueleto da vélha, que respirava ainda. No rosto transluziu-lhe um certo bem estar. Em seguida, com um gesto, mandou retirar a nela.

Ela obedeceu.

Mas daí a dez minutos Isabel acudiu à voz de frei Quintino, que a chamava.

Entrou allita, ansiada.

Nas braços do religioso, com os olhos cerrados, o queixo pendente e o corpo hirto, a vélha parecia cadáver.

Isabel soltou um grilo e correu a ela, a apertá-la nos braços, a chamá-la, a abrir-lhe os lábios, como para lhe facilitar uma resposta.

Frei Quintino, entretanto, experimentava comoções de bem diversa natureza. Com os olhos sôfregos pousados no rosto da allita rapariga, parecia devorá-la com a vista, alheio ao doloroso quadro de que êle era... a sombra. Depois sôbre uma das suas mãos fradescas,

de pele setinosa e bem lralada, caíram algumas lágrimas ardentes; essa estranha sensação coou-lhe no sangue um ardor febril, que lhe percorreu os membros, e perturbou os sentidos; depois, como ambos sustinham o corpo inaninado da vélha, uma das mãos da pobre rapariga enlaçou-se nuna das déle, e o frade sentiu, a par dêste contacto, o calor da respiração apressada e a ondulação do seio ofegante dela.

Frei Quintino comprehendeu que não podia estar ali por mais tempo. Tinha mudado de cor, as palpações do coração atropelavam-se-lhe e as fontes da cabeça baliavam-lhe violentamente.

Assim, com a voz estrangulada na garganta, disse:

— É melhor encostá-la para trás. Não passa de um desmaio... Eu... vou chamar um médico... e já volto.

Isabel ficou só, banhada em lágrimas, chegando a face aos lábios da enfôrma, arregaçando-lhe as pálpebras, aquecendo-lhe as mãos entre as suas.

Passado algum tempo, a vélha mexeu as sobrançellas numa leve contracção nervosa, em seguida crispou os dedos das mãos, e pareceu respirar.

Isabel, alvoroçada com êstes inesperados sinais de vida, deu em chamá-la pelos nomes mais ternos, — e ela entreabria os olhos para os tornar a cerrar, quando frei Quintino entrava de novo na saleta da moribunda, acompanhado de um médico vizinho.

— Vive! está viva! — clamou ella ao aperceber o religioso.

O médico auscultou a vélha, que mais parecia mímia, fez um gesto indicativo de pouca ou nenhuma esperança, receitou uma tisana e saiu.

Frei Quintino aproximou-se de Isabel, para lhe dizer baixo:

— Minha filha, sua avó deu-me a entender as circunstâncias pouco lisonjeiras a que estão reduzidas. Era quâse exclusivamente do seu trabalho que a menina tirava para a subsistência de ambas. Hoje, as poucas economias que conseguiu amearhar, dispendeu-as com a doença da sua avó, e essa mesma doença a tem impedido de trabalhar. A minha presença aqui, pois, é providencial. Foi o Senhor ou algum dos seus

santos, que a inspirou, quando ontem correu a chamar-me. Rogo-lhe, minha filha, que aceite esta peça de ouro para pagar a lisana, que o médico receitou, e satisfazer ainda outras necessidades... Vamos, então?

— Perdôe-me s. rev.^{ma}, porém... graças a Deus, nós ainda temos alguma coisa, e...

— Que tem? ... Não falte à verdade.

— Não fallo, meu snr.; temos ainda estas quatro cadeiras com...

— Está bom — interrompeu elle; e insistindo com branda autoridade. — Aceite, repito... ou não tem confiança neste habito em que eu ando amortalhado?

Isabel recebeu trémula a peça de ouro, que o frade lhe oferecia. A prova de que não tinha um triste rial em casa — é que estava sem gota de azeite a lamparina do crucifixo.

A boa rapariga quis agradecer ao seu bemfeitor beijando-lhe e regando-lhe as mãos de lágrimas. Elle, porém, esquivou-se, dizendo que voltaria no dia immediato.

Voltou, e mais cedo, na manhã seguinte.

Ao chegar ao alto da escada, e tendo dado alguns passos no corredor, parou a escutar. Era profundo o silêncio.

Parecia que estava solitário o primeiro andar, occupado pela moribunda e pela netá.

Entrou na saleta e estacou.

Sobre o catre, com a face livida, as pálpebras entreabertas, o olhar gelado e baço, os lábios roxos, quase negros, com um liquido espumoso e sanguineo aos cantos da boca, as farripas do seu cabelo de esbriga coladas às fontes pelo suor viscoso da agonia, o peito descoberto, em cuja pele, às manchas escuras, se desenhavam as mais leves proeminências e as mais pequenas depressões dos ossos, com as mãos e os braços contorcidos, alongava-se inteirado, hirto, o cadáver da velha.

No chão, palida, com os olhos cerrados e o negro cabelo em desalinho, estava Isabel estendida sem acôrdo.

O frade percebeu o que se leria passado. Correu á inanimada rapariga, tomou-lhe uma das mãos. Era gêlo.

Há quanto tempo estaria assim, perdida dos sentidos, fria como uma defunta, sem socorros de espécie alguma?...

— Pobre pequena, coitada! — balbuciou o religioso. E ergueu-a pelos sovacos, apertou-a brandamente contra si e foi levando-a com os pés a rastos até uma cadeira onde a sentou. A cabeça caiu-lhe sobre o ombro, os braços penderam-lhe inertes ao longo do corpo.

Depois, o beneditino olhou á volta, suspeito, agitado... Estava apenas em presença dum cadáver, que o fitava sem o ver, e duma mulher desmaiada, que receberia as suas carícias sem protestar.

Então caiu de joelhos aos pés de Isabel, tomou-lhe de novo uma das mãos, e enroscou-lhe o braço ao pescoço, atrain-a a si, docemente, cautelosamente, receoso de a despertar, e colou os seus lábios ardentes e lascivos nos lábios frios dela.

Uma nuvem cor de sangue passou-lhe rápida pela vista, como se a impelisse um vento impetuoso; e dispunha-se a imprimir novo beijo naquella face inanimada, quando Isabel, sacudindo inesperadamente a cabeça, abriu os olhos desvairados, ergueu-se de salto, e, não vendo o homem que tinha aos pés, depois de encerrar em volta, correu como doida ao catre da avó com os braços estendidos e chamando-a a grandes brados.

Frei Quintino, pálido, surpreendido por essa rápida mudança, ergueu-se cautelosamente, sem ruído, desdobrando-se como uma cobra, sem desfrutar a pobre areada rapariga.

Esta, mesmo depois, não dera pelo reverendo. Tinha juntado as mãos, enclavinado os dedos uns nos outros e erguia assim, pela nuca, servindo-lhe as palmas de travesseiro, a cabeça inerte da vêlha.

— Minha avó! minha querida avósinha! fale-me! responda-me! diga-me que não morreu! Diga! sou eu que lho peço! Não vê? Mas fale!... — e, deixando a cabeça, que fez um sinal negativo ao bater inerte no travesseiro, Isabel prosseguiu, agarrando os cabelos, no

auge do desespero: — Morta ! morta ! e que será de mim agora, Maria puríssima ? L...

Frei Quintino achou asado o ensejo de se mostrar, adiantou-se gravemente, e com a serenidade dum patriarca, disse-lhe:

— Minore a sua dor, minha filha... As lágrimas são para os que morrem em pecado, e sua avó está no seio de Deus. Era uma santa... que a não esqueceu um momento. Sim, minha filha, ela pediu-me, já quando a voz lhe era quâse imperceptível, que a dirigisse, que a prolegesse, que a não abandonasse, e eu prometi-lhe satisfazer a sua última vontade. Hoje mesmo sairá desta casa, minha filha...

Decorreram dez meses; — Isabel era mãe.

Sem dúvida em cumprimento da promessa que fizera à velha moribunda, ao cabo dêsse tempo frei Quintino ainda ia diáriamente a casa de Isabel, que, sentada no leito, amamentava o filho.

Decorridos oito dias, disse-lhe o religioso:

— Bem vê que não pode ficar aqui essa criança... Era um comprometimento grande. Já mandei falar a uma ama sadia, do alto de Santo Ovidio, em Vila Nova, para tomar conta dela.

Isabel rompeu em lágrimas e aos beijos ao inocentinho, que, depois de a fitar com os olhos muito abertos, desatou a «fazer bicos» e por fim em chôro, como se tivesse comprehendido de que se tratava.

Frei Quintino tomou carinhosamente o pequeno do colo da mãe, e passeou-o na sala, dirigindo-lhe palavras de muito mimo e beijando-o repetidas vezes na testa.

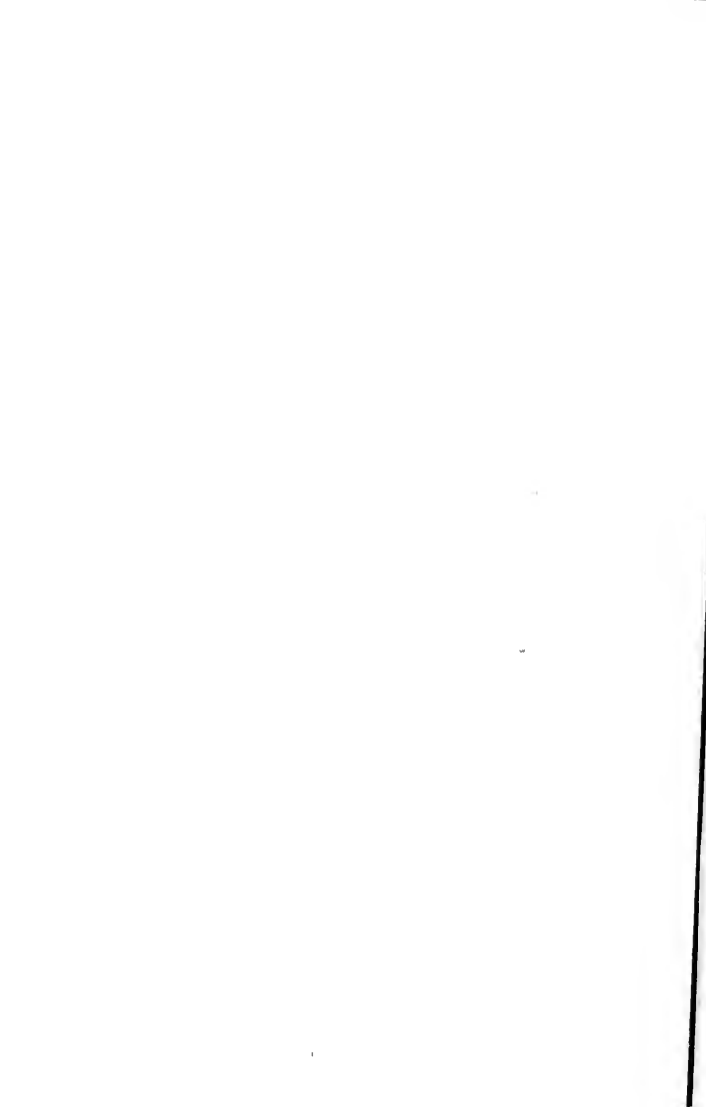
A criança foi para a ama, entre soluços e abraços da mãe, como se fôsse dali para o cemitério. A ama, que a veio buscar, deixou o nome e a morada no lugar que o beneditino dissera, além-Douro, a três quilômetros do Porto.

Desde essa ocasião, frei Quintino foi espaçando as suas visitas ao domicílio de Isabel; e quando esta pedia para ver o filho, o religioso tinha sempre palavras, que a desviavam do seu propósito.



Frei Quintino tomou carinhosamente o pequeno

I. F. Q.



Mas, um dia, pela manhã cedo, depois duma noite mal dormida, Isabel ergueu-se, chamou uma mulher, que lhe fazia as vezes de servente, e, dando-lhe a indicação da casa da ama, ordenou que fôsse lá e que lhe trouxesse o filho — «senão que reventava de saúdaes!» — acrescentou.

A mulher partiu.

— Meu Deus! — murmurava Isabel, à janela, impaciente, alongando a vista até à extremidade da rua, ansiosa por ver chegar a recoveira com o «seu anjinho.» — Ele que venha... ele que venha, e depois veremos quem mo há-de arrancar dos braços!

Era meio dia quando a mulher voltou desacompanhada.

— Porque não o traz? que tem elle? Está doente? Diga! a ama vem aí? onde ficou?

— Oh! senhora! eu não sei! Venho estafadinha de perguntar e todos me dizem, que tal mulher não é dali... Sempre foi uma caminhada!

— Não é dali!? Pois a ama do meu filho...?

— Ao menos ninguém a conhece no lugar.

Isabel correu a uma gaveta da meia cómoda, abriu-a, pegou num papel que estava cuidadosamente dobrado a um canto, e leu:

«Alto de Santo Ovídio, em Vila Nova de Gaia, próximo da capela, Joana Maria.»

Este bilhete estava pela letra de frei Quintino e fôra-lhe ditado pela ama na presença de Isabel.

— Já vê que foi porque vocemecê não soube perguntar. Aqui está bem claro, «próximo da capela.» Mas não tem dúvida. Vou eu mesma lá... Agora é que não posso esperar de modo nenhum! Quero ver o meu filho! Quero abraçá-lo! Quero trazê-lo comigo! É meu! Ninguém mo pode roubar. Direi isto mesmo a elle. Pedir-lho hei de joelhos... Vamos, vamos...

Enquanto dizia isto, desorientada, febril, Isabel apertava os colchetes do vestido, punha um chaile preto pelos ombros, atava um lenço na cabeça e descia a escada precipitadamente.

Chegou à Ribeira, passou a sinistra ponte de bar-

cas, dirigiu-se, por indicação das pessoas a quem ia perguntando, ao alto de Santo Ovídio; indagou, interrogou todos os moradores do lugar, bateu a tôdas as portas, percorreu, como doida, todos os caminhos, todos os bêcos das imediações, chamando a gritos desesperados por Joana Maria, e ninguém lhe soube dizer quem fôsse.

Era já noite, quando Isabel, sem lenço na cabeça nem chaile pelos ombros, com o cabelo em desalinho, se dirigia numa corrida vertiginosa para o cais como em perseguição duma idéa única...

E balbuciava, sôzinha:

— O meu filho... o meu filho...

Ao outro dia, na maré vasa, o rio depositava brandamente nos lodos da margem esquerda, como num leito fofo, babujando-o, o cadáver de uma mulher ainda nova. Vestia de luto, estava desmedidamente inchada, tinha os seios descobertos e os braços encruzados neles, como se aconchegasse alguma coisa invisível. Era Isabel.

Prevenido pela servente, frei Quintino mostrou-se a princípio mais surpreendido que magoado.

— E suicidar-se-ia a desgraçada? — interrogou o frade, alguns instantes depois.

— Ouvi dizer que sim — voltou a mulher compungida. Há mesmo quem a visse correr para o rio.

— O que faz a falta de religião! — disse êle erguendo beatificamente os olhos para o céu; e acrescentou:

— Que Deus nosso Senhor se amerceie da sua alma.

X

Uma declaração

Apresentado frei Quintino, sigamos com a história.

— A paz de Deus seja nesta casa! — dissera o religioso ao apresentar-se na sala onde estava Luis Maria com a filha.

— Oh! snr. frei Quintino! — disse o negociante saindo-lhe ao encontro. — Entre v. rev.^{ma}.

— Snr. frei Quintino... — murmurou respeitosamente Leonor beijando-lhe a manga.

— A bênção do Senhor baixe sobre a tua cabeça. — E voltando-se para o negociante, ao passo que lomava a cadeira que Leonor lhe oferecia: — Pois é verdade... Usando da liberdade, que o meu amigo inmercidamente concede a este humilde servo de Deus, e sabendo que não havia visilas de cerimónia, dei-me ao trabalho de subir estes dous andares para conversarmos um pouco. Mas, antes de mais nada, queira dizer-me o amigo e snr. Luis Maria, sempre veio o escludante?

— Ontem à noite, como tinha dito a v. rev.^{ma}...

— Pois é aviar, meu amigo, que todos os dias estão chegando à intendência novas denúncias, e dum instante para o outro pode apparecer na lista o nome d'ele. Em Coimbra, dos que estavam à mesa nessa noite de orgia, já foram presos todos, excepto seu sobrinho e um outro valdevinos sem temor de Deus.

— Hoje a sua parlida é quãse impossivel. Está fatigado de seis dias de jornada, a pé, e por maus caminhos. Se v. rev.^{ma} não acha urgente, abalará para Espanha amanhã de noite, em companhia do Torres, que é homem seguro.

— Pois sim; mas o essencial é que ele parla quanto antes. Oh! estes rapazes, estes rapazes! não sei em

que leste maldito heberam semelhantes idéas de destruição e de revolta contra o que tem o cunho da veneração de tantos séculos: o altar de Deus e o trono de el-rei nosso legítimo senhor. Enfim o mal é dêles, porque a santa causa triunfará sempre, com a ajuda de Deus... *Portæ inferi non prevalebunt.* — E, mudando de tom, interrogou: — Mas onde está êle? Ainda não desesperei de o converter.

— É escusado, snr. frei Quintino. Conheço bem as suas idéas e que fundas raízes teem, para caírem ao sôpro de alguns argumentos...

— Bem sei... — rosnou o religioso despeitado — já não vai assim. — Depois, em solilóquio, acrescentou, erguendo-se da cadeira, e agitando os braços: — E ainda há quem se revolte contra a lógica da força!

Leonor, pálida, soltou um grito abafado e recuou horrorizada.

Luís Maria levantou-se ao mesmo tempo, e quâse repreensivo:

— Que díz, snr. frei Quintino?!

— Nada... valha-me Deus. Não era com referência ao sobrinho do meu estimável amigo. Ao contrário, estava até pensando numa coisa muito diversa. Depois lhe direi...

Luís Maria relanceou os olhos sobre Leonor, que ficára trémula.

— Quer v. rev.^{ma} descer ao primeiro andar? Estaremos aí mais à vontade — alvitrou êle que receava nova explosão sanguinária do religioso.

— Pois sim, é melhor — concordou. E dirigiram-se ambos para uma das portas da sala.

Entretanto Leonor tinha-se deixado cair numa cadeira, — sem forças, aniquilada.

Luís Maria, ao chegar à porta, voltou-se, correu à filha, e erguendo-lhe o rosto para êle, disse carinhosamente:

— Olha que eu não posso ver-te assim, meu anjo. Vamos: tu não hás-de querer afligir-me, pois não, Leonor? — e, beijando-a na face, saíu.

Ela, ao ficar só, encareu à volta um olhar de espanto, de terror.

— Meu Deus ! a força ! Oh ! como são cruéis êstes homens !... Levá-lo à força, e porquê?... Um inocente !... Pois sim; e quantos não teem sofrido inocentes?... O pai diz bem. Ele não pode ficar. Um dia cercavam-nos a casa, e levavam-no preso, como teem feito por ai sem destino... depois... Oh ! mas é horrível ! ter de fugir de noite, a medo, como se fôsse um criminoso, e sem ter cometido crime algum !

Frederico havia entrado na sala, sem que Leonor tivesse dado por tal, e parou a contemplá-la um momento.

— Em que pensa, Leonor ? — perguntou o académico.

— Ah ! é o primo ?... — exclamou ella sobressallada.

— Assustou-se ?... Em que pensava ?

— Ainda o pergunta ! Não o sabe o primo até de mais ? Tam pequena é a desgraça que nos fere a todos !

— Tem razão. Desculpe se a magoei com a minha pergunta — disse Frederico; e animando-se prosseguiu: — Pensava no desterrado, não é assim ?... Mas os momentos são preciosos. Amanhã terei abandonado esta casa, onde deixo tôda a minha felicidade. Há muito que eu esperava occasião de lhe falar a só. Êste momento, pois, é solene. Escute-me, Leonor. Vou usar uma linguagem, que deve estranhar, uma linguagem que eu nunca lhe falei, nem tam cedo falaria, se não fôsssem as circunstâncias excepcionais em que me vejo. Não sei quando voltarei, e — neste lance tomou-lhe febrilmente a mão — morreria de dôr no meu desterro, se, antes de partir, não lhe tivesse aberto o coração.

Leonor, fitando no primo um olhar prescrutador e assustado ao mesmo tempo, retraiu-se tôda.

O mancebo prosseguiu:

— Creio escusado lembrar-lhe os anos, que na juventude passamos um ao pé do outro, descuidosos, felizes, como succede a todos nessa idade. Crescemos. A Leonor está quãse uma senhora, eu estou um homem. Não sei, se na prima, os sentimentos que nos ligavam em pequenos passaram por alguma transformação. Pelo meu lado posso dizer-lhe que sim, porque há muito que eu a amo ! No meu solitário diva-

gar pelas margens do Mondego à hora do crepúsculo, ou no recesso do meu quarto de estudante, **tam** povoado de sombras, nos caprichos dos meus sonhos de rapaz, era a si que eu via, era em si que eu scismava. Agora que vou partir... não sei para onde, e que voltarei... não sei quando, agora preciso que me fale, como falaria aos pés do padre que a ouvisse de confissão. Diga-me, Leonor; ama-me?

Pequeno intervalo de silêncio. Ela fitou os olhos no chão: Frederico ansioso esperou alguns segundos uma resposta.

— Cala-se?! — exclamou por último; e deixando-lhe a mão: — Enganei-me, não é assim? Diga: foi uma vertigem, uma loucura, um sonho... a prima não me tem amor... é isto? Deu já talvez o coração a outro homem? Oh! mas fale! não vê que o seu silêncio me tortura e esmaga? !...

Depois, serenando aparentemente:

— Vamos, responda: ama outro?

— Oh! não! que pergunta!

— Ama alguém?

Houve novo instante de silêncio: por fim ela, escondendo nas mãos o rosto lavado em lágrimas, exclamou num soluço:

— O primo!...

E sem forças caiu numa cadeira, a que se havia apoiado.

Frederico soltou um monossílabo, de quem se vê repentinamente aliviado de um peso enorme, e correndo à succumbida criança:

— Obrigado, Leonor — disse êle. — Era das suas palavras que estava pendente o meu futuro! Ainda bem! Assim, trabalharei, lutarei para um dia tornar a êste desgraçado pais a vê-la, a apertá-la contra o meu peito, a dar-lhe o nome de esposa. Sem a certeza do seu amor, eu não voltaria a Portugal, juro-lho!

E como fôra ressoassem passos:

— Ai vem meu tio — acrescentou o académico, esforçando-se por conciliar a serenidade perdida — e eu desejo falar-lhe. Até já, sim?... e obrigado.

— Até já. — murmurou ela, saindo.

XI

O altar e o trono

Era efectivamente Luís Maria, só. Frei Quintino encontrára a mulher do negociante dispondo num baú de couro algumas peças de roupa, e no intuito de a consolar, porque lhe viu os olhos rasos de lágrimas, sentou-se a esgaratear com o seu afiado frinchador — a língua — os liberais pretéritos, presentes e futuros — essa corja! — como êle evangêlicamente lhes chamava.

Luís Maria vinha arrecadar as cartas de recomendação, que tinha eslado a escrever e que lhe haviam esquecido em cima da secretária. Uma só bastaria para o levar ao cárcere, ao tribunal, e quem sabe depois até onde.

Frederico esperava-o.

— Julguei que não estavas só — disse-lhe o tio, indagando à volta.

— Não. Estava aqui também Leonor...

— E retirou-se?

— Pedi-lhe que nos deixasse alguns instantes para podermos falar sem testemunhas.

— Tens que me dizer?

— Tenho, sim, meu tio. É uma confidência, que nunca me atrevi a fazer a mim mesmo o que vai ouvir. Peço-lhe que me perdôe, se acaso o magoar com esta revelação, mas não podia partir sem lhe confiar o mais precioso segredo da minha vida.

— Fala, dizê...

— Meu tio — arriscon Frederico, depois dum momento de hesitação: — eu amo Leonor! .

Seguiu-se uma pequena pausa, durante a qual Luís Maria encarou no sobrinho com o olhar cheio de ternura, e êle se conservou de cabeça baixa, como um criminoso que espera resignado a sentença.

— Mas que tem isso ? — perguntou a final o negociante, dando-se um tom de naturalidade, que a voz traía.

— Que tem ? ! — repetiu Frederico alvoroçado. — Não leva a mal este amor ?

— Eu ? ! pois se tôdas as minhas ambições se limitam a vê-los unidos para sempre, porque tenho a certeza de que os farei a ambos felizes ! ?

— Oh ! meu tio ! — exclamou Frederico esforçando-se por beijar-lhe as mãos. — Oh ! meu bom tio !

Luis Maria, comovido a lágrimas, amparou-o nos braços.

— Então que é isso ? — interrogou êle, tam agitado como o sobrinho. — Vamos, não sejas criança; tem juízo.

— Mas é justamente agora que mais sinto o horror da minha situação ! porque eu... não «dhe» sou indifferente, o sur. não contraria este amor, e tenho de partir, como se fugisse da felicidade !

— Está bom, Frederico — obtemperou Luis Maria com voz amigável. — Exageras tudo. Não te quero assim. Hoje ou amanhã pouco importa. Agora trata de appareceres tranqüillo e sereno diante de frei Quintino, que te quer ver.

— Ele está cá ?

— Está. Deixe-o com tua tia. Repara como o trata.

— Eu não trato mal ninguém; mas repelirei quaisquer provocações. Amordaçar-me, só um !

— Quem, Frederico ?...

— O carrasco !

— Silêncio.

Entrava frei Quintino na sala.

— Ora ainda bem que o encontro. Pensei que não teria hoje a satisfação de o ver.

— Creia v. rev.^{ma} que, pela minha parte, senti-lo-ia também imensamente.

— O que lhe posso afirmar é que jogou uma carta muito arriscada vindo ao Pôrto.

— Então porque diz isso v. rev.^{ma} ?

— Ainda o pergunta ! — replicou o beneditino com

espanto. — Que lho explique seu digníssimo tio, que sabe quanto a justiça de el-rei costuma ser inexorável para os míseros, que seguem o partido da «rebelião».

A esta palavra os olhos do académico fuzilaram: mas, dominando-se:

— Diz bem o snr. frei Quintino — apoiou êle; — da rebelião contra o absolutismo, contra um poder despótico e bárbaro, contra a escravização dum povo inteiro.

— Frederico! — observou Luís Maria admoestando-o brandamente.

— Perdão, meu ho: mas eu quis apenas desenvolver o pensamento de s. rev.^{ma} quando chamou ao partido, em cujas fileiras eu não vejo por ora senão mártires, o partido da rebelião. É, efectivamente, e eu não o pretendo negar; pelo contrário, orgulho-me com isso.

— Não sabe quanto me entristece ouvi-lo falar assim, dessa maneira, snr. Frederico — disse a final o religioso com grande mágoa na expressão. — Mas o snr. não tem a culpa. Culpada é essa Coimbra, anjo de Satanás, que tem perdido tanto moço de talento para si, para a pátria e para Deus! centro de rebelião contra a paz dêstes reinos, contra os sagrados direitos da legitimidade e contra a religião católica-apostólica-romana.

— O snr. frei Quintino engana-se — replicou Frederico, que não via ou não queria ver os sinais que o bom do negociante lhe estava fazendo para que se calasse. — Coimbra não é centro de rebelião. Por toda a parte se trania independentemente, não contra a paz dêstes reinos, mas contra as algêmas dum povo escravizado, não contra os sagrados direitos da legitimidade, mas contra a vontade absoluta, suprema, despótica dum homem, não contra a religião católica-romana, mas contra a hipocrisia dos falsos ministros de Deus, contra o fanatismo sanguinário e feroz! O snr...!

O beneditino interrompeu-o:

— Por quem é, peço-lhe que se modere. Bastará de imprudências. As paredes também teem ouvidos. Mais baixo, mais baixo...

— Frederico! — observou Luís Maria contrariado —

O snr. frei Quintino diz bem; esqueces-te de que ainda estás em Portugal, meu sobrinho.

— Tem razão... Eu mesmo sinto que devo abandonar este país o mais depressa possível, porque me denunciaria na primeira ocasião. Ainda não aprendi a disfarçar nem a mentir... e aqui não se pode pensar alto, não se pode falar alto! por isso emigro; porque me afogariam a voz na garganta se eu lentasse falar, e não posso nem quero estar calado.

— Nesse caso faz o snr. muito bem; posto que eu desejaria antes vê-lo abjurar os erros que tem proclamado, para maior triunfo e glória da santa religião e maior confusão do anjo das trevas, cujo instrumento és.

Luís Maria previu que estas palavras trariam dura réplica por parte do académico, e querendo obstar a maior sensaboria, alalhou, dirigindo-se ao beneditino:

— Perdão; mas se v. rev.^{ma} consente, eu precisava de dar algumas ordens... — frei Quintino fez um gesto seráfico. — Frederico, dize a tua tia que mande recado ao Tórres para estar aqui à bôca da noite. Convém assentar no que há a fazer...

— Sim, meu tio — anuiu o mancebo, e baixando levemente a cabeça a frei Quintino, retirou-se.

Ficaram a sós os dois.

— Peço desculpa a v. rev.^{ma} — acudiu Luís Maria — de algumas frases proferidas impensadamente por esse rapaz, nas quais, posso-o afirmar, não havia o minimo propósito de desatender a v. rev.^{ma}. A febre dos vinte e dois anos, que a todos nos aqueceu o sangue mais ou menos e que amanhã a reflexão acalmará de-certo, é a unica origem das suas palavras e dos seus entusiasmos.

— Engana-se, se imagina que me podem ofender as palavras de seu infeliz sobrinho, meu muito católico snr. Luís Maria — disse frei Quintino com uma pausa e compunção toda eclesiástica. — A santa religião, de que sou indigno ministro, manda-me perdoar as injúrias e aconselha-me a caridade. Seu sobrinho, meu amigo e snr., não conseguirá senão despertar-me um sentimento de profundo desgosto e de uma grande pena, porque eu, em vez de ter nos meus ouvidos as

suas expressões cheias do rancor de Salanás, tenho diante dos olhos o tristíssimo espectáculo, *lamentabile visu*, duma alma que se deixou empolgar pelo anjo das trevas. O sr. Luis Maria tinha-me dito a verdade. Não são as boas razões nem as sãs doutrinas, que o hão-de chamar do caminho do erro. A lepra tem feito grandes progressos no seu espirito, e a não ser um milagre do céu, que se amerceie daquela alma transviada, o mal, quanto a mim, não tem remédio!

E enxugando uma lágrima ausente:

— Choremos seu sobrinho — prosseguiu, — porque está inteiramente perdido. Há muito que aquela Universidade de Coimbra devia ter sido arrasada e as suas ruínas benzidas em todos os sentidos. Longe de ser o que dantes era, o asilo privilegiado da sciência e da fé cristã, dirigido por doutos e virtuosos jesuitas, tornou-se quartel de ímpios e de jacobinos!... O mais que poderei fazer é pedir a Deus que opere o prodigioso milagre da sua conversão aos santos princípios do catholicismo e da legitimidade, sua filha primogénita.

«Mas dêmos tréguas — prosseguiu instantes depois, tendo oferecido rapé ao negociante e servindo-se da sua caixa redonda com o retrato do padroeiro na tampa — dêmos tréguas a este doloroso acontecimento, que me enche de mágoa e confusão, e deixe que lhe fale de outro assunto, que me inspira sérios cuidados. São tais as provas de estima que tenho recebido do sr. Luis Maria e de sua exemplar família, que seria um ingrato se não me interessasse pela sua felicidade mais do que pela minha própria. — E tendo fungado estrondosamente a pilada: — Trata-se de sua carinhosa filha, meu prezado amigo — acrescentou.

— De Leonor?! que tem?

— Não se sobressalte. Meras apreensões. Achei-a ainda agora pálida, lacrimosa, abafada em soluços...

— Mas isso é natural, e o contrário estranharia eu que succedesse. Chora pelo primo, que nos vai deixar.

— E não será aquele pranto mais do que uma simples expressão de mágoa?... Perdoe o meu religioso amigo se preendo entrar nos refolhos do coração da sua virtuosa filha, mas, fazendo esta pergunta, cumpro

o meu dever de amigo lial. Amará o primo por desgraça?

Luís Maria recebeu de chofre a pergunta, fitou um olhar prescrutador no beneditino que, naturalmente, saboreava os restos da pitada, e tornou, havendo recalcado a primeira resposta que chegára a desfranzir-lhe os lábios:

— Não o posso dizer a v. rev.^{ma}.

— É o mesmo — redarguiu frei Quintino, mais para si do que para o seu interlocutor; — ouvi-la hemos de confissão... Entretanto sempre é bom prevenir. V. s.^a, de cujos sentimentos religiosos, eu sou testemunha e trombeta, não pode, como pai e como católico, autorizar uma ligação que lhe traria sérios embaraços de consciência. Não quero dizer que o mal pudesse inquinar o espírito de menina de tantas virtudes, mas o tentador espia o momento de aumentar o número das suas vítimas, e até os anjos chorariam aos pés do trono do Altíssimo, se êle conseguisse escravizar alma tam pura!

— Mas, snr. frei Quintino...

— Peço vénia para terminar. De tudo isto venho a concluir, agora que a ausência de seu sobrinho infelizmente lhe proporciona ensejo, que seria da máxima conveniência escolher um genro dócil, amante da igreja de Cristo e inimigo destas idéas sanguinárias da revolução contra o nosso rei legítimo. A propósito... Brevemente terei de lhe apresentar um afilhado meu, moço ainda, que terminou há pouco a sua educação na companhia do reverendo padre-mestre frei Joaquim de Jesus-Maria-José, na vila de Barcelos. Ah! por êste fico eu, que não quer a destruição do trono do rei e do altar de Deus!...

Luís Maria, como num à-parte teatral, segredou a si mesmo:

— Começo a suspeitar...! — e não concluiu a frase.

— ...Mas a seu tempo o verá.

E erguendo-se:

— Creio ter-lhe ouvido dizer que saia?

— É verdade. Vou à rua das Flores.

— Podemos então ir conversando pelo caminho.

-- Não me demoro, um instante apenas.

Dai a pouco desciam a rua do Loureiro o negociante e frei Quintino.

XII

Uma lição ao mestre

Compareceu o Tôres ao bater das Avê-Marias na casa da rua Chã e assentou com Luís Maria e Frederico na maneira de se efectuar a partida na noite do dia immediato.

Prevaleceu o mesmo plano da sua saída de Coimbra, com uma pequena alleração. Seguindo até às proximidades da Carriça, com uma récuá de três ou quatro machos, dai por diante continuaria na estrada com um macho apenas, que lhe levaria a bagagem, metendo por Vila Nova de Famalicão, Barcelos, Viana, Caminha, Valença, entrando por último em Tuy. Tôres acompanhá-lo-ia até esta cidade da raia espanhola, voltando depois com o animal para o Pôrto.

Frederico naquela noite não conseguiu cerrar os olhos. Estava pressentindo o golpe de uma cruel separação por tempo indefinido.

Na manhã seguinte, frei Quintino apresentou-se em casa do negociante mais cedo que o costume, sendo tal madrugar motivo para sobressalto.

Não havia de quê.

Ele tinha sido chamado para *ajudar a bem-morrer* um enfêrmo, e como sabia que a família do seu católico amigo estava precisada de quem a consolasse no doloroso transe da parlida do acadêmico, entrou ali no cumprimento do seu santo ministério, que o manda *consolar os tristes*.

E foi distribuindo pelo dono da casa e pelas duas senhoras, as suas consolações, que não passavam de

furiosas diatribes contra a impiedade do século, que a um tempo guerreia o altar e o trono.

— É, porém, notável — observou êle num lance da sua calilínaria, quando já se tinham retirado da sala Clara e Leonor — que o meu illustre amigo, no meio dêste debater de opiniões, se tenha conservado neutro, para não dizer indifferente, visto que as únicas provas, que tenho, de se opôr a essa torrente de impiedade, que debalde procura engolir-nos, são os seus sentimentos religiosos... mas nem uma palavra, nem um gesto sequer de reprovação... !

— Olhe, sr. frei Quintino — respondeu o negociante depois de alguns segundos de recolhimento: — se eu fôsse novo e não tivesse uma mulher, uma filha e o meu negócio a tratar, não digo que não tivesse também como os outros a minha opinião. Posso mesmo asseverar-lhe que a teria. Mas assim, não; nem a tenho, nem a quero ter. O que eu pretendo é o sossêgo para mim e a felicidade para os meus, que é tôda a minha felicidade. Ai está porque não entro nem entrarei em politica.

— Mas quem fala ao meu amigo em politica? De politica não sei nem quero saber também. Proibe-mo este hábito, que me obriga à contemplação das glórias celestiais e ao desprezo das misérias terrenas. Mas agora, quando se pretende derribar com o palácio dos nossos reis a igreja de Jesus Cristo, todos temos obrigação de erguer a nossa voz para protestar, opondo uma barreira invencível a essas legiões de demónios vomitados pelo inferno para fundarem o império da iniquidade. Nesse caso a indifferença é mais do que mero egoismo, é crime de lesa-divindade, ante o qual será nullo todo o nosso poder absolulório. Quem não é por mim é contra mim, disse Jesus. Queixam-se êsses exallados loucos do rigor, que os enviados de S. M. El-Rei, que Deus guarde, usam para êles, dando um salutar exemplo de cega obediência a futuros rebeldes...

Neste ponto do discurso, Frederico que apparecera á porta da sala, estacou surpreendido.

Nem um nem outro dos interlocutores o viu.

— Pois não é o rei legítimo um delegado de Deus no meio do seu povo? — prosseguiu frei Quintino animado pelo silêncio de Luís Maria. — Creio que é. Deus é o rei do céu, como o rei é o Deus da terra. E sendo assim, o que fez Deus com os rebeldes no céu, faça-o o rei com os rebeldes da terra.

Frederico tinha-se adiantado alguns passos, trémulo e pálido.

— Gritam contra o absolutismo — continuou trovejando o beneditino, — chamam-lhe despotismo e tirania! mas que entendem êsses desgraçados, a cujo grupo pertence o seu misero sobrinho, que entendem êles «por absolutismo»?

Não pôde conter-se mais o acadêmico; era um repto que o frade acabava de lhe dirigir a êle, e tanto mais cobarde quanto o julgava ausente. Então, aparecendo-lhe de face, rompeu nesta declamação indignada:

— Quer v. rev.^{ma} saber o que êles entendem por absolutismo? Interrogue com a vista desempanada as páginas da história de todos os povos e de todos os tempos! Aí poderá conhecer essas duas espécies de poder humilhante, debaixo do qual tem vergado o povo português: o absolutismo dos nobres senhores feudais consubstanciado hoje na rialeza pessoal e despótica, e o absolutismo clerical representado pelos ministros cruéis de um Deus, que, ao expirar na sua cruz, perdoou aos que o mataram. Pergunta o que uns desgraçados, como eu, entendemos por absolutismo? vai sabê-lo v. rev.^{ma}! Fala por mim o passado. Absolutismo — é impôr por meio da violência, da espada, do pólvro, idéas que a nossa inteligência repele, que o nosso espirito condena!

«Absolutismo — é o cléro fanático privando Galileu da liberdade aos 70 anos, e obrigando-o a abjurar de joelhos as suas doutrinas de verdade e de luz!

«Absolutismo — é D. Manuel expulsando a colônia judaica e empobrecendo Portugal em muitas dezenas de milhares de braços, incansáveis no trabalho e na riqueza desta nação!

«Absolutismo — é Carlos IX atraindo à capital da França perto de cem mil dos seus vassallos para, numa

só noite, os fazer assassinar vilmente, covardemente !

«Absolutismo — é o papa Inocêncio III, o fundador da Santa Inquisição, prégando em nome de Deus a bárbara carnificina dos albigenses !

«Absolutismo — é o piedoso tribunal do Santo Officio atirando Bocage para um cárcere infecto, e arremessando às labaredas purificadoras de um dos seus autos, António José, dramaturgo e poeta.

«Absolutismo — é esse mesmo tribunal, queimando como herético, na própria capital da cristandade, Jordano Bruno, o distinto filósofo !

«Absolutismo — é o papa Alexandre chamando pérfidamente a um concílio João Huss e entregando-o depois à justiça secular para que o arremecasse às chamas !

«Absolutismo — é Luís XIV, o devasso e contrito monarca, obrigando a emigrar mais de oitocentas mil almas para escaparem às galés, ao suplicio e à morte !

«Absolutismo — ... !»

Da rua chegou à sala do 2.º andar, onde estavam os actores da scena, que vimos descrevendo, o rumor tumultuoso de vozes e alguns assobios; depois o rufo próximo de um tambor destemperado.

Frederico e Luís Maria mostraram-se alvoroçados.

— Que é isto ? ! — exclamaram ambos ao mesmo tempo.

E como o negociante tivesse corrido à janela e olhado através dos vidros, acrescentando quâse alterado:

— Muita gente aglomerada na rua... e soldados !

Ao mesmo tempo, o académico formulava para si esta pergunta, reveladora duma suspeita cruel:

— Denunciar-me-ia ?...

Então frei Quintino, que não se tinha mexido do lugar, adivinhando talvez aquella interrogação no olhar obliquo do estudante, observou-lhe:

— Sossegue o seu espirito; não é nada: é uma execução.

Fôra, na rua, uma voz nasal, como se estivesse lendo, recitava:

«Justiça que manda fazer El-Rei Nosso Senhor, que

Deus guarde, na pessoa de Manuel Inocêncio da Costa, latoeiro, condenado pelo crime de sedição, calúnia e sacrilégio, a ser açoutado nas ruas publicas, a trabalhos de galés por tôda a vida e na confiscação e perdimento de todos os seus bens.»

Seguiu-se novo rufo.

Na sala, aquellas palavras lugubres, succedeu um instante de silêncio em que os tres se entreolharam.

— Ai tem! — irrompeu por ultimo o estudante de direito: — É desnecessario folhear a historia, quando os exemplos se erguem aos nossos pes. Absolutismo... e aquilo! É esse arrastar de victimas semi-nuas pela cidade, escoltadas pela força publica e açoutadas pelo carrasco ao som dum tambor e aos apupos da gentaglia!

«Absolutismo são todos esses actos de sanguinario rancor praticados ha meses sobre algumas innocentes victimas, que a posteridade aclamara os *martyres da liberdade*!

«E pergunta-me v. reverendissima o que é o absolutismo? Pergunte-o o sr. frei Quintino a si mesmo, que deve ter também uma consciencia. Oh! mas as perseguições não hão-de durar sempre, creia, e os patibulos desabarão com medonho estridor, sepultando debaixo do seu madeiramento ensanguentado os grandes, os unicos, os verdadeiros criminosos! É esse estridor, formidavel, tremendo como o derruir duma bastilha, sera o ultimo arranco do absolutismo!»

Terminára o mancebo. A voz estrangulou-se-lhe por vezes na garganta, e os joelhos, tremulos, dobraram-se-lhe ao peso do corpo. Deixou-se cair numa cadeira.

Frei Quintino, que o ouvira de braços cruzados, voltou-se para fazer o sinal da cruz.

Luis Maria, ainda que bastante contrariado por este incidente que o beneditino provocara, ouviu com interêsse, talvez maior do que as conveniencias o permitiam, as violentas apóstrofes com que Frederico o esmagára. — Não estivesse ali o religioso e te-lo-ia abraçado.

Cheias de alvoroço e receosas, porque tinham ou-

vido como que altercar, entraram na sala as duas senhoras.

Frei Quintino explicou-lhes com o sorriso nos lábios — que não tinha sido nada; apenas o snr. doutor quisera mostrar a sua aptidão para o fôro, encarregando-se da defesa duma causa perdida, e dava-lhe os parabens pela estreia...

Ia o académico repelir o epigrama, quando Clara lhe travou do braço e o levou consigo dizendo-lhe algumas palavras conciliadoras.

— Não há domá-lo! — disse o negociante ao religioso. — Desconheço-o. Ainda uma vez, snr. frei Quintinn, desculpe-o...

— Que o desculpe?! Mas, meu bondoso amigo, basta-me considerar o futuro que espera o desvairado mancebo para não ver nêlo senão um misero pecador, sobre cuja cabeça Deus está fazendo pesar a sua justiça infinita. E a prova de que não guardo o mínimo ressentimento pelas suas palavras impias, é que voltarei esta noite para me despedir dêle.

E rematou mentalmente, preparando-se para sair: «Ver e crêr, como S. Tomé...»

XIII

Adeus!

Eram sete horas da tarde.

Apesar de ter levantado o mau tempo, a noite estava bastante escura.

Na sala do primeiro andar, alumiada por um pesado candeeiro de metal amarelo, achavam-se os três personagens do capítulo precedente.

Frederico vestia o mesmo trajo de almocreve, com que o vimos entrar no Pôrto dois dias antes: a mesma jaqueta de saragoça, os mesmos calções remendados, os mesmos sapatos grossos. Sob a larga facha, com

as coronhas à mão, duas pistolas de cavalaria, e a mais um cinto recheado de peças.

Havia um silêncio triste na sala.

Frei Quintino e Luís Maria estavam sentados, Frederico permanecia em pé, com os cotovelos apoiados na superfície lisa duma cómoda e o rosto oculto nas mãos.

De súbito a porta da sala alguém bateu com os nós dos dedos.

— Ouviram? — exclamou o académico erguendo repentinamente a cabeça e fitando os dois homens presentes, como numa interrogação.

— Há-de ser o Tórres — disse o negociante indo à porta.

Era efectivamente o arrieiro.

— O snr. doutor está pronto?... — interrogou.

— Está, meu homem — respondeu Luís Maria.

— Pois então, é fazer as despedidas, qu'inda temos que palmilhar um bocado esta noite, e os machos, com perdão de vossoria, não tardam aí... Entrementes, eu vou lá p'ra baixo, que não vá o moço passar com a régua sem dar tento da casa.

— Pois vá, vá, que elle não se demora — disse Luís Maria, com a voz presa na garganta.

— Então, com sua licença — tornou o arrieiro, desaparecendo.

— É preciso partir, meu rapaz — observou o negociante de-véras comovido; e entregando-lhe uma pequena saca de dinheiro, que fôra buscar a uma das gavetas da secretária:— Toma; é para as primeiras despesas. E agora, coragem! Eu vou chamar tua tia e já volto.

— Diz bem o snr. seu tio — apoiou o beneditino vendo sair Luís Maria. — É preciso suportar com coragem as tristes consequências de um erro, a que mais tarde renunciará, creio-o piamente.

Frederico aproximou-se do religioso até ficarem ombro com ombro, e disse-lhe a meia voz separando bem as palavras:

— Tenho a pedir ao snr. frei Quintino que não me incomode mais com as suas falsas lamúrias e as suas hipócritas expressões de conforto, que para mim

são outros tantos insultos. Respeite ao menos a dôr sincera desta honrada família... ouviu?

O frade rosnou para consigo:

— Quem te salva bem sei eu, jacobino!

Luís Maria appareceu.

— Elas aí veem, coitadas! Estavam ambas a rezar. Não lhes poderemos poupar êste golpe!

Clara entrou na sala com os olhos vermelhos e húmidos; Leonor, com a cabeça pendida e o rosto mais pálido que o costume, apoiava-se no ombro da mãe.

Frederico adiantou-se e tomando as mãos de ambas, disse com firmeza:

— Peço-lhes que não se aflijam. Não é uma surpresa a minha partida e é uma necessidade. Eu vou com o coração cheio da esperança de poder voltar e breve! — Depois, abraçando Clara, comovido: — Minha tia, ou antes, minha mãe, que o tem sido e carinhosa desde que me vi órfão no mundo, pedia-lhe... peço-lhe que se lembre de mim nas suas orações. Deus há-de ouvi-las... porque é boa!

Clara abraçou-o soluçando-lhe o nome.

Passados segundos, desprendendo-se dos braços da tia, foi à aniquilada menina, e tomando-lhe a mão:

— Leonor, — disse êle — minha companheira de tantos anos, minha doce amiga: seja qual fôr a distância que nos separe, lembre-se de que não poderei esquecer-lá um instante sequer!

Leonor escondeu o rosto abafado em pranto. Então, querendo encurtar esta scena de soluços e de lágrimas, em que era único e frio espectador o bom do religioso, Frederico voltou-se para o negociante:

— Meu tio, — exclamou, por um grande esforço — meu segundo pai, dê-me licença que o abraçe!

— Meu filho! — soluçou o honrado homem, e caíram nos braços um do outro.

Sucedeu um instante de silêncio: depois, erguendo-se e passando a mão pela testa, murmurou consigo mesmo:

— Vá! sejamos homem!

E batendo no ombro do beneditino, com um sorriso dolorosamente irónico, acrescentou:

— Sur. frei Quintino, até à vista !

Seguidamente olhando indeciso para os três que choravam, disse com a voz estrangulada, num doloroso arranco:

— E agora, adeus !... adeus !

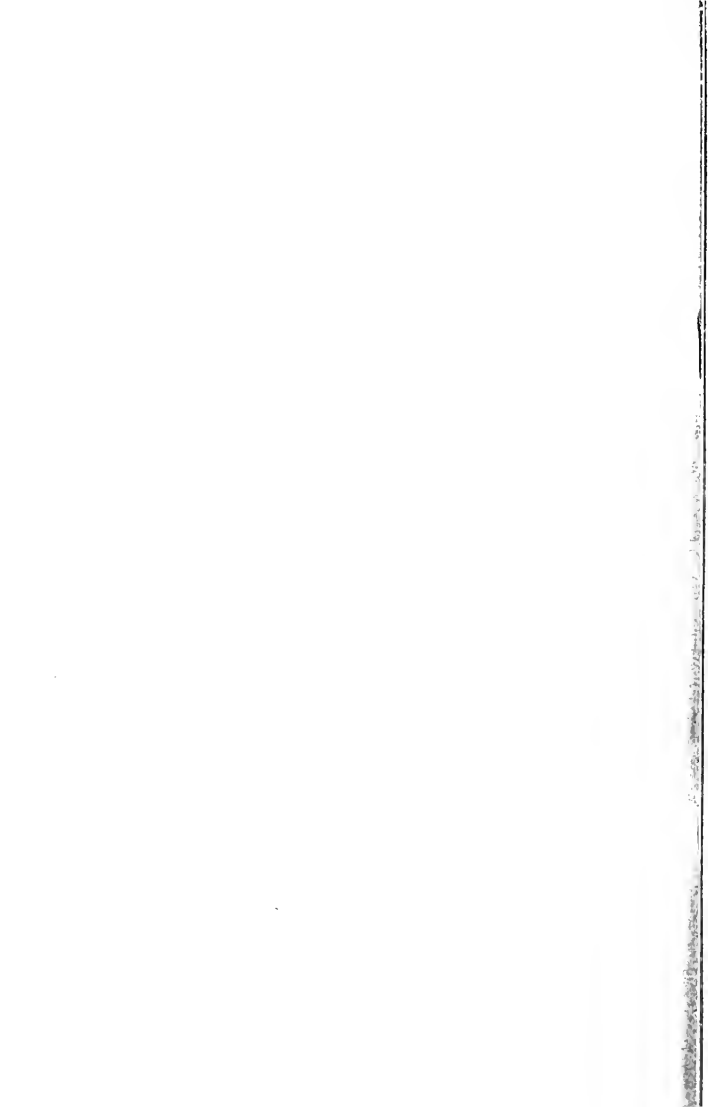
Frederico deixou a sala precipitadamente. Leonor ergueu a cabeça, e estendendo os braços para a porta, chamou num grito de angústia:

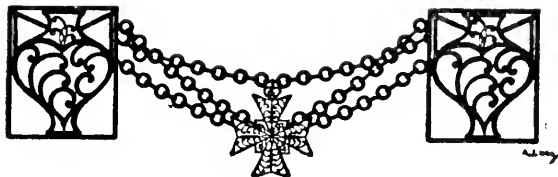
— Frederico !

E desmaiou nos braços da mãe.

A êsse tempo frei Quintino balouçava levemente a cabeça e repelia à-parte, voltado para a porta, com um sorriso indefinível:

— Até à vista !





SEGUNDA PARTE

A GARRA DO ABUTRE

1

O afilhado de sua reverendíssima

Num dos capítulos retrospectivos, em que abunda a 1.^a parte desta singela história, narramos o caso duma paixão de frei Quintino por uma pobre e ingénua rapariga, que ao fim de um ano, alucinada pelo desaparecimento do filho de ambos, achou termo ao seu martírio nas águas barrentas do Douro.

A criança não morrera, nem havia sido estrangulada por ordem do religioso, que se sentiu enternecer à vista do fruto das suas relações sacrílegas — digamolo para descargo de consciência e honra da classe, que de ordinário é avessa às doçuras da paternidade, posto que não enjeite as que lhe andam anexas...

O pequeno vivia na ocasião em que Isabel o chamava em desvarios de louca pelo alto de Santo Ovídio, mas numa aldeia distante, no Minho, secretamente, em casa de uma sadia e robusta ama, como ainda se encontram pelas nossas aldeias.

O motivo da falsa indicação dada à pobre mãe sobre o destino do filho é de primeira intuição. Usando por aquela forma, tendo afastado a criança, a prova viva, incontestável da sua *fraqueza*, que lhe marearia os créditos de religioso exemplaríssimo, a mãe não poderia acusá-lo, não poderia erguer-se um dia com o filho nos braços, e, apontando-o, dizer-lhe de modo a ser ouvida pela multidão:

— Vês aquele homem que ali vai, de rosto sereno e olhos no céu, diante de quem todos dobram o joelho, como se fôsse um santo, que abencôa a uns e a outros como se fôsse Deus? Esse homem, que representa na terra a infinita virtude, o infinito amor, a infinita misericórdia, é um perjuro, é um infame — e é teu pai!

Assim, não haveria receio de que tal acontecesse; depois, mais tarde, ao cabo de alguns meses, a mãe receberia notícia de que o filho havia morrido, e tudo estaria acabado.

Esta última parte do projecto de frei Quintino é que não se realizou, porque a infeliz, tocada de não sei que pressentimento fatal, como só os teem as mães e as amantes, fôra em procura do filho, e não o encontrára.

Decorreram dezanove anos.

António de Pádua, o moço de quem o religioso fizera o elogio na presença de Luís Maria, em menospreço de Frederico, era êsse filho, mudado com o andar dos tempos em afillhado, para não desmentir as tradições da classe.

Onvindo-o tanto a miúdo, e com tam radiante aspecto, occupar-se dêlo, Luís Maria disse-lhe:

— Vejo que v. reverendissima estima bastante êsse rapaz.

— Como se fôsse meu filho! — exclamou irreflectidamente; e corrigindo-se do entusiasmo impensado, acrescentou num acento compungido: — Deus me perdoe se pequei...

— Talvez filho dalguma irmã de v. reverendissima, não?

— Nada, não... — tornou o frade pouco seguro na resposta. — Eu digo ao meu respeitável amigo... Mi-

sérias d'este mundo... O rapaz é órfão... ignora-se quem fôsse o pai, e a mãe era uma dessas infelizes, que tanto abundam nas cidades... até que um dia, talvez perseguida pelo remorso... ou, que sei eu? procurou a morte deitando-se ao rio Douro, sem mesmo a conter o abandono em que deixava o filhinho de três meses.

— Não era mãe, era um monstro essa mulher! — interrompeu o negociante.

— Pois é verdade. Hoje o que mais abunda infelizmente é disso...

— Ainda bem que v. reverendíssima tomou a seu cargo a educação do menino, e ei-lo agora um homem, graças à sua excelente alma e aos seus caridosos sentimentos.

Frei Quintino recebia com ar sereno e modesto estes elogios, que deviam soar-lhe aos ouvidos da consciência como pungentíssimo sarcasmo.

Oh! a consciência! Mas se frei Quintino ainda não tinha podido desquitar-se inteiramente desta divina impertinência, pelo menos havia conseguido desterrá-la para debaixo dos pés, aonde lhe era fácil esmagá-la com todo o peso do seu cinismo hipócrita.

Um dia pela manhã, achavam-se o negociante, Clara e Leonor numa das salas do primeiro andar da sua casa na rua Chã, quando soaram passos nas escadas.

— Quem será? — perguntou com o olhar a espôsa de Luís Maria.

Leonor correu à porta:

— Ah! é o snr. frei Quintino — disse ela a meia voz; e acrescentou pouco depois retirando-se — com um homem ainda novo.

Vá-de ser o afilhado — observou Luís Maria.

Imediatamente se ouviu a voz pausada do religioso recitar as sacramentais palavras:

— Que a bênção do Senhor seja nesta casa...

E ia entrando.

D. Clara e Leonor foram beijar-lhe a manga, ao passo que êle dizia:

— Minha muito religiosa senhora... minha muito estimável menina... — e, apertando a mão de Luís Maria com ambas as mãos, acrescentava: — meu particula-

ríssimo amigo... Pego licença para apresentar a tão respeitável família o meu afilhado António de Pádua, de quem lenho falado por vezes.

À porta, dando voltas ao chapéu braguês, estava um rapazola, com o cabelo cortado à escovinha, o rosto assombrado por uma penugem escura, um leve rubor a cobrir-lhe as faces apessegadas, e os olhos, velados por compridas pestanas, pregados no chão. Trajava um fato de saragoça.

— Entra, podes entrar... — disse-lhe frei Quintino.

Ele entrou, deu alguns passos miúdos na sala, baixou a cabeça num movimento rápido às pessoas da casa, que o cumprimentaram, e ficou ainda mais enleado. Estava ali o genuíno tipo do sacristão, familiar no trato dos santos, subindo aos altares e mexendo nas cousas sagradas sem a mínima hesitação, resmungando confiadamente o latim, em voz alta, eucarando nos devotos enquanto ajuda à missa, mas sentindo-se deslocado, como que preso, fora daquele ambiente impregnado de fumo de incenso e de morrão de tocheira.

Luís Maria dirigiu-se para o tímido António de Pádua, e estendendo-lhe a mão:

— Creia que as portas desta casa — disse-lhe êle — estarão abertas para o receber sempre que se digne obsequiar-nos com a sua visita; bastava para isso a circunstância de nos ser apresentado pelo snr. frei Quintino, um dos nossos melhores amigos, quanto mais a de ser seu afilhado.

O moço erguia a espaços o olhar tímido para Luís Maria, baixando-o imediatamente e como corrido. Frei Quintino não tirava os olhos dêle e parecia rever-se no seu enleio, indicador de uma alma ainda virgem.

Muito agradecido por um e por êle, snr. Luís Maria — acudiu o religioso; — chegou ha uma semana de Barcelos, onde foi educado desde a idade dos dōze anos na companhia do doutíssimo padre-mestre frei Joaquim de Jesus-Maria-José. Desculpem o seu acanhamento, mas eu antes o quero assim, do que discutindo o que é indiscutível, e contradizendo os vêlhos sem respeito pelos seus cabelos brancos.

— Ainda não perdoou a Frederico! — pensou consigo Luís Maria.

Entretanto Clara indicava ao mancebo um lugar no canapé e dizia-lhe:

— Tenha a bondade de sentar-se.

— Muito obrigado... — respondeu êle com as faces da côr duma romã, olhando a furto para frei Quintino como a consultá-lo; — estou muito bem, minha senhora...

— Contudo deve estar melhor sentado — insistiu a esposa do negociante.

— Acho-me perfeitamente bem... Louvores a Deus, não me doem as pernas.

Frei Quintino, que, parecendo prestar atenção a Luís Maria, espreitava a scena que se estava dando a alguns passos, interveio dizendo ao moço num tom paternal e bondoso:

— Podes sentar-te, senta-te; o sur. Luis Maria dá licença.

— Sem cerimónia — acudiu o negociante.

— Então... com sua licença.

E sentou-se na beira do canapé.

Leonor estava pensativa, com o cotovelo encostado a um móvel e a face apoiada na mão.

— É isto! — disse frei Quintino voltando-se risonho para Luís Maria. — Nunca se sentou diante dos mais velhos sem que o mandassem primeiro. Assim, é que era a educação de nossos pais. Agora já se não respeita ninguém, começando pelas coisas mais sagradas — a nossa santa religião e a pessoa de sua majestade o nosso rei legítimo.

— Há muito que não tinha vindo ao Pôrto? — interrogava entretanto Clara.

— Desde que fui para Barcelos recomendado pelo meu padrinho ao sur. padre-mesre frei Joaquim de Jesus-Maria-José, que Deus Nosso Senhor guarde por muitos anos — respondeu António de Pádua com grande timidez na voz e no gesto.

— Naturalmente segue a carreira eclesiástica...?

— Eu antes queria. Neste tempo, em que os pedreiros-livres querem acabar com Deus e com todos os santos da côrte do céu, quantos mais defensores

houver, tanto melhor... o padrinho, porém, diz que não... que não vale a pena...

— Que não vale a pena?! — exclamou Clara surpreendida pelas últimas palavras do ingênuo António de Pádua. — Mas, então, a que carreira o destina?

— Diz que me destina à carreira do matrimónio...

Continuavam as ingenuidades do moço, desta vez furtivamente comentadas com um olhar para Leonor. Clara teve suspeitas de que o rapaz era idiota, e replicou apenas:

— Ah! nesse caso!...

Frei Quintino, entretendo diálogo à-parle com Luís Maria, mostrava-se animado. Era ocioso perguntar o assunto do seu discurso. Dizia êle:

— De dia para dia se está fazendo preciso mais rigor, creia nisto! Até religiosos, snr. Luís Maria! até religiosos! Isto brada aos céus e clama por vingança!... Depois, nunca vi teimar assim! Parece que um diabo maior não cessa de empurrar êsses malditos para diante! Por mais que o paternal governo de el-rei os previna por meio de justos castigos, não fazem o menor caso! *Videntes non vident, et audientes non intelligunt!* Mas a mocidade de hoje anda desvairada com umas falsas idéas de liberdade, que nos arrastariam ao caos, se não estivesse escrito que o anjo das trevas não vencerá nunca! — E tendo tomado fôlego, servendo uma pitada, prosseguiu baixando a voz discretamente: — Quer ver agora justamente o contrário de tudo isso? Está ali. É o meu afilhado. Muito teemente a Deus, muito respeitador do seu soberano, odiando os inimigos do trono e do altar, como deve fazer todo o bom católico e fiel súbdito de S. M. El-Rei. Não é verdade, António?

O moço, ouvindo o seu nome, ergueu-se assarapantado.

— Meu padrinho?

— Vem cá. Quero que nos digas uma coisa...

O ingênuo educando de frei Joaquim de Jesus-Maria-José abeirou-se de frei Quintino e de Luís Maria. Clara foi ter com a filha.

— Que tens, Leonor? Em que pensas, filha?

— Em que hei-de eu pensar, minha querida mãe?

Lembro-me de que vai para dous meses que não temos noticias do primo Frederico... e parece que há já dous anos.

— Mas não é ainda tarde. Bem vês que não faz mais do que cumprir uma ordem de teu pai não escrevendo tanto a miúdo... poderia levantar suspeitas, e... — Clara tomou carinhosamente a mão de Leonor: — Ora vamos, não te quero ver assim, filha...

Frei Quintino estava sujeitando a uma prova de espezteza e de bons e sãos principios *legitimistas* o seu afilhado.

— E então que te dizia êsse respeitável teólogo?

— O snr. padre-mestre, o que me dizia sempre era que, quem falava contra El-Rei Nosso Senhor, que Deus guarde, fazia um grande peccado, e até ia contra o 4.º mandamento da lei de Deus — *honora patrem tuum*...

— *Et matrem tuam*. — rematou frei Quintino radiante. — Muito bem, muito bem. — E tendo scismado um instante: — Efectivamente... Mas vamos a saber porque é assim?

— Porque... porque o rei legítimo é o pai comum do seu povo, e se o 4.º mandamento nos diz — honrarás pai e mãe — o que se segue é que ninguém pode falar contra o rei, sem ir contra êsse mandamento.

Luis Maria com difficuldade disfarçava a sua impaciência, e pensava:

«Não mudaremos de assunto?»

— Chama-se a isso falar como um verdadeiro filósofo cristão — acudiu frei Quintino. — Por todos os lados que encaremos esta lamentável pendência suscitada pelos maus portuguezes, os argumentos surgem naturalmente a favor da santa causa. *Dignus Dei est hic*, meu amigo. Em tudo isto se anuncia o dedo de Deus!

— Antes de mais nada — cortou Luis Maria, — estou autorizado a convidar o snr. frei Quintino e o seu afilhado a juntarem connosco. A Clara já deu ordem para que não faltasse o seu prato favorito, a orelheira com o competente feijão branco.

— A snr.ª D. Clara e duma bondade extrema.

O afilhado de frei Quintino principiou de mostrar-se inquieto, olhando para o padrinho, fazendo executar

ao chapéu um rápido movimento de rotação e engulindo em seco.

— Perdão... mas, padrinho... v. reverendíssima... — tartamudeou êle.

— Que tens?

— Mas... perdão...

— Estás aflito! Explica-te.

— É que... em Barcelos, o dia de hoje... era dia de jejum...

— E é, tanto em Barcelos como noutra qualquer parte. A religião católica é a mesma para todos os povos.

— E a Clara que não se lembrou! — exclamou Luís Maria, não sei se verdadeira se falsamente contrariado.

— Nesse caso peço que não lho lembre. A digna espôsa do meu amigo é escurpulosíssima em pontos de religião, touvora a Deus, e deveria incomodar-se muito se soubesse que tinha faltado ao preceito, ainda que involuntariamente. Nemi tam grave é o pecado, que não tenha absolvição aos pés do confessor. — E erguendo-se: — Agora, se me permite, retiro-me. São horas de entrar no convito para a reza. Há três dias que fazemos preces particulares ao Aflixisimo porque sejam aniquilados os inimigos da religião e condenados aos tormentos eternos... *et eant in supplicium*.

— *Per omnia sæcula sæculorum*... — rematou desta vez o mancebo numa loada perfeitamente eclesiástica.

— Então não nos dão o prazer de jantar connosco? — perguntou Clara adiantando-se.

— É com a mais profunda mágoa que sou forçado a recusar tam distinta honra bem como igualmente o meu afilhado... Obrigações... deveres a cumprir... emfim, minha senhora, outro dia será.

— V. rev.^{ma} sabe que nos dá sempre muita satisfação sentando-se à nossa mesa — acrescentou ella.

— São favores... — e despedindo-se: — Meu caro snr. Luís Maria, sem incómodo; minha snr.^a D. Clara, minha querida menina...

António seguiu-o. Chegando à porta voltou-se, e cortejando com o mais profundo acanhamento:

— Adeus, meu snr... Fiquem com Deus, minhas senhoras — E desceu atrás do padrinho.

II

Carta do destêrro

Como dissera Clara, Frederico, cecundo a uma prudente recomendação de seu tio, espaçava de dois e três meses as suas cartas para êle. É que a espionagem miguélista era terrível, e a-pesar de ter um excelente escudo a defendê-lo de suspeitas perigosas, a amizade de frei Quintino, Luís Maria não estava livre de ser encarcerado — para averiguações.

Pois alguns dias depois da apresentação do joven António de Pádua na casa da rua Chã, estavam Clara e Leonor costurando próximo da janela, quando o negociante entrou alvoroçado na sala.

— Clara ! filha ! uma carta ! uma carta ! — exclamou êle.

— E de quem, Luis ? de quem ?

— Pois de quem há-de ser ? do teu sobrinho ! de teu primo, Leonor ! Mas deixem-me descansar um instante... que subi os degraus dois a dois.

Luís Maria sentou-se; depois tirou do bôlso uma carta.

— E que diz êle ? onde está agora ?

— Já vais saber tudo. Para te falar com franqueza, nem tempo tive para a lêr.

Leonor estava pálida, comovida, silenciosa.

Luís Maria abriu a missiva do emigrado e leu:

«Havre, 8 de dezembro de 1830.»

— Vês ? — atalhou êle. — Está no Havre.

E prosseguiu:

«Meu tio. — E com os olhos vidrados de lágrimas, com a alma a trasbordar de saúdades pela pátria, com o coração em ânsias de morte por todos os que nos são caros, depois duma insónia de quarenta e oito horas, que eu principio esta carta, mil vezes mais feliz do que eu.

«Sim, porque ela partirá amanhã e eu fico para aqui mudo, estático, sentado num penedo da praia, com a vista gelada no horizonte, onde julgo destacar um ponto negro — Portugal; porque ela chegará brevemente ao seu destino, e eu nem mesmo posso dizer qual será o que me espera; porque... porque sou um grande desgraçado!»

Neste lanço da carta houve um pequeno intervalo de silêncio comovido. O negociante prosseguiu:

«O destêrro! o exílio! Quem pôde jámais contar as longas horas de profunda mágoa, de mortal desalento e de tenebroso desespero, em que vive mergulhado aquele que a mão da fatalidade atirou para longe de tudo o que lhe era caro? Oh! o destêrro! — A solidão no meio dos grandes ajuntamentos, a invencível tristeza no meio das ruidosas alegrias, o luto constante de uma alma por aqueles que vivem ainda, o escuro céu do presente sulcado apenas, de longe a longe, por um tenue raio de esperança, a idea dum passado luminoso apagando-se nas trevas profundas do insuadável abismo do futuro, a familia distante, os amigos dispersos, a pátria inacessível... O destêrro! — a saudade, a nostalgia, a morte enfim!»

— Pobre rapaz! — cortou Luis Maria de-véras comovido.

— Como deve ter sofrido, éle, que nos queria tanto! — disse Clara enxugando uma lágrima.

Leonor não trava o lenço dos olhos.

«Há pouco mais dum ano — prosseguiu o negociante lendo com voz pouco segura — partia eu para Coimbra, descuidoso, pensando muito em si, meu protector, em minha tia, a mais carinhosa das mães, e em Leonor, o meu anjo bom, que não me desacompanha nunca. Ah! como eu era então feliz! como o futuro se me povoava das mais risonhas imagens e se me antolhava radiante! Quem teria previsto que alguns meses depois, todo êsse encanto desapareceria a um acêno desta feticieira, que todos conhecem mais ou menos pelo nome de «fatalidade», que andaria fugido, expatriado e que Portugal seria teatro dos mais hor-

ríveis crimes, das mais negras perseguições em nome do direito e da justiça !?

«Tudo isto me ocorre, me consome as noites, encerrado nas quatro paredes nuas da minha água-furtada !

«Ah ! mas enquanto elles pensam consolidar o seu poderio aviltante pelo terror, fazendo ostentação de novas vilinias, nós trabalhamos, nós lutamos e a hora tremenda do ajuste de contas há-de finalmente soar; e triumpharemos então, porque a nossa causa é a causa santa dos oprimidos, é a causa da justiça arrastada hoje aos pes do carrasco ! Tardará muito essa hora ?...

«Comecei esta carta gelado pelo frio intensissimo desta manhã de dezembro; termino-a ardendo em febre.

«Não posso mais.

«Lembranças a minha tia, uma saúdade a Leonor, e a si, meu tio, o sincero reconhecimento do exilado

Frederico.»

Succederam á leitura destes períodos alguns instantes de silêncio, durante os quais os três personagens desta scena enxugaram as lágrimas.

— Não se sabe, pois, quando vollará ainda ! — exclamou finalmente Clara.

— Por ora, não — disse Luis Maria, — mas o que é certo é que os ares se vão toldando e que não passaremos talvez sem muito sangue derramado.

— Mais ainda do que o que tem havido ? — perguntou Leonor atterrada.

— Muito mais, filha. Deus permita que tal não aconteça; mas se chega a travar-se a guerra civil, oh ! então, será terrível ! Não haverá quartel para ninguém ! As famílias dissolver-se hão para se hostilizar, o ódio particular não será estranho a tudo isso, o luto invadirá todas as casas — e aí dos vencidos ! É sempre assim nestas guerras de irmãos com irmãos !

— Que horror ! — exclamou a filha do negociante.

— Mas Deus é pai e há-de permitir que não cheguemos a ver semelhantes desgraças — observou Clara. — Temos confiança na misericórdia divina.

— Eu também digo o mesmo. Entretanto o teu sobrinho anda emigrado, sofrendo tôda a sorte de provações, todos os dias se prende gente a esmo por denúncias infames, e haverá um ano que se apearam dos postes as cabeças dos últimos justicados...

— Pelo amor de Deus, Luís! — atalhou a pobre senhora aterrada; — quem te ouvisse falar dêsse modo, havia de dizer...!

— Tens razão. Protestei não querer saber nada disto, e ia-me esquecendo. Mas esta carta! esta carta! Um homem não é nenhum santo, e lembrar-se de que tem um sobrinho, um filho vagabundo, lá por essas terras, sem poder voltar a Portugal...! Emfim...! — E entregando a carta a Clara, Luís Maria acrescentou: — Guarda-a pela tua mão e não a mostres a ninguém, ouviste? a ninguém! Estamos num tempo em que não há fiar do nosso melhor amigo...

III

A Snr.^a Rosa

Um dos mais frequentes motivos de consumição para Leonor, — que, depois da partida de Frederico, ficára sabendo que o amava, pois que até aí não se dera conta do sentimento, que a alvoroçava de alegria à aproximação das férias, e a entristecia como a noite vendo que estavam a terminar por dias; — um dos seus mais frequentes motivos de consumição, repito, era ouvir frei Quintino, cujos discursos contra os liberais cada vez reçumavam mais fel e desejos sanguinários não satisfeitos inteiramente, levando o ousio a fazer transparentes e ofensivas alusões ao estudante emigrado, contra quem parecia ter duplicado de rancor.

Numa dessas ocasiões, em que frei Quintino expectorára tôda a sua bilis sôbre os infames *malhados*, que pretendiam acabar por uma vez com a religião

e os seus ministros, lastimando terem escapado tantos para o estrangeiro, depois da saída d'êle, o negociante foi ter com a filha, que se tinha retirado, por já não poder conter as lágrimas.

— Porque choras, Leonor?

— Ora! porque há-de ser! — atalhou a mãe. — Incomodou-se com ouvir o snr. frei Quintino falar da-quele modo. Pensa que tudo se vai reflectir no Frederico.

Leonor enxugou furtivamente as lágrimas.

— Quem sabe! — exclamou Luís Maria, pensativo.

— Também tu!... Deixa falar teu pai, minha filha. Sossega; teu primo está a salvo. Além de que, não há maior injustiça do que supôr o snr. frei Quintino capaz de nos dar o menor desgosto!

— Assim o julgo; dantes, porém, era mais moderado, mais indulgente; agora, creio que por ver aumentar o partido contrário, a paixão cega-o, tornou-se rancoroso... — e voltando-se para a filha, amimando-a: — Mas o que êle diz não se escreve e o teu primo, Leonor, não há-de por lá ficar eternamente. Deixa esfriar os ânimos, e esquecer o motivo, que o obrigou a emigrar, porque, enfim, contra êle há apenas a devassa instaurada em Coimbra, e vê-lo hemos entrar-nos pela porta dentro mais satisfeito... do que quando partiu, estou certo disso.

— Oxalá, Luís!

— Deus o permita! — disseram ao mesmo tempo mãe e filha.

Bateram nas escadas, ao passo que uma voz de mulher, dizia:

— Dão licença?

— Quem é? — interrogou D. Clara, e, ao ver assomar à porta da sala uma mulher de capote e lenço, exclamou indo ao encontro da recém-vinda:

— É a Rosa! Entra! há que tempos que não nos vens ver!

O novo personagem, que acaba de fazer a sua entrada na casa de Luis Maria e na presente história, indicava ser mulher do povo, contar trinta e oito anos de idade, ter um carácter expansivo e nenhum aca-

nhamento nas maneiras e nos gestos. O olhar era franco, a expressão do rosto quâse invariavelmente risosinha. Tinha criado Leonor e ficára-lhe com uma entranhada amizade, que ela retribuía em igual moeda.

— Ai, a ania! — exclamou Leonor, correndo a ela. — Enlão como está?

— Eu, bem, minha menina. E a sr.^a D. Clara e o sr. Luís Maria?

— Vai-se vivendo — disse com bondade o negociante. — O seu homem está bom e os seus pequenos!

— Muilo obrigada; graças a Deus, por ora não há razão de queixa.

— Alé já pensava que se linha esquecido de nós! — disse Leonor tirando-lhe o capote, e dobrando-lho nas costas duma cadeira. — Há mais de quatro meses que não aparece.

— Enlão eu podia lá esquecer-me da minha rica menina? — replicou ela contemplando-a amorosamente. — Ora já viram! Quem a conheceu, um pegulhinho assim, do lamanho do chão, que não queria andar senão ao colo, e como está agora uma senhora! Não que nem quero que me lembre! Sempre lomava cada perrice! Isto, isto é que nos faz vêlhas, minha senhora! — terminou voltando-se para Clara.

— Mas sente-se, Rosa — disse Leonor, trazendo-lhe uma cadeira; — o pai dá licença. Enlão já se quer ir embora?

— Eu, não, minha menina.

— Ah! cãidei! Era o que fallava!

— Vês? É isto! — observou alegremente Clara. — Também só tu é que serias capaz de a distraíres. Mal le vê, muda logo.

— E acerta-se. Parece outra — apoiou Luís Maria. E lomando o chapéu, acrescentou: — Eu desço à loja e não me demoro.

O negociante saiu. Ficaram as duas senhoras e Rosa.

— É verdade — interrogou a antiga criada de Clara: — e que noticias há do sr. Frederico, vamos a saber?

— Esse... por lá anda.

— Quem no havia de dizer ! um moço daquele feitiço, criado na abundância, lá por essas terras de Cristo a comer o pão que o diabo amassou, só porque não diz *amen* com essa corja, que não conhece outra lei senão a força, o Senhor me perdoe !

— Cala-te ! — interrompeu Clara assustada. — Sabes lá o que dizes !

— Sei, minha senhora; oxalá não soubesse; mas desgraçadamente também me tocaram pela roupa.

— Então bateram-lhe ? — perguntou Leonor.

— Pouco faltou, minha menina. Aqueles magarefes não me bateram por um tris, mas rasgaram-me um lenço de seda novinho, quando ia para a missa no dia de todos os santos ! O que lhes valeu foi não ir com o meu António ! Ah ! que sempre chorei mais lágrimas naquele dia !

— E porque lhe rasgaram o lenço, ama ? Que mal fazia ele ?

— Mal, nenhum. Mas como era todo branco, às pintas azuis, pegaram-lhe por aí, começaram a chamar-me nomes, a dizer que o lenço era malhado, até que, por fim, um soldado à paisana botou-lhe a mão, tirou-mo da cabeça e fê-lo em firas num prunho.

— Pobre Rosa ! já viram ? !

— Enquanto se não lembraram de te mandar para o cárcere, dá graças a Deus — ponderou Clara. — Foste de uma grande imprudência em saíres à rua com o tal lenço.

— Mas eu sabia-o lá, minha senhora ? Depois foi que me disseram ! Forte desgraça ! Até por se trazer um lenço ao gosto duma pessoa, mala que é danado ! Mas por quem eu perguntava, era pelo sr. Frederico. Tem ele ao menos dado notícias suas lá do estrangeiro ?

— Algumas tem dado; muito pouco animadoras por sinal.

— Então que quer a sr.^a ? A gente não sabe nunca para o que está laçada neste mundo ! Às vezes, só de me lembrar que o vi crescer aos meus olhos tão meigo, que parecia mesmo uma donzela, e do que ele terá passado agora, até me dá vontade de chorar ! E

a snr.^a D. Leonor, se anda triste, já se sabe porque é! também, ambos da mesma criação, por assim dizer, não era de esperar outra coisa! Pois sossegue. minha filhinha, diz-me o coração que ainda o há-de tornar a ver. É um palpite que eu tenho.

— Passas hoje cá o dia? — perguntou D. Clara.

— Passa, passa! não se pergunta! — apressou-se a responder Leonor.

— Agradeço muito, mas a gente não é senhora da sua vontade. *Ele* ao meio dia vem do trabalho, e, se não me vê, é capaz de não comer nada e ficar em cuidados até à noite: além de quê, os pequenos...

— Então vai, vai, Rosa. O dever em primeiro lugar. Dás-te tu bem com o teu homem?

— Como Deus com os anjos. De vez em quando lá me chega o seu bofetão... mas isso não vale nada.

— Não vale nada?! — exclamou Leonor com naturalíssimo espanto.

— Pois que vale agora um bofetão? Eu, por assim dizer, às vezes até gosto.

— Ora essa, Rosa! — observou por seu turno a esposa de Luís Maria.

— Não que a snr.^a não sabe! — tornou a bôa da mulher com ar de simplicidade velhaca: — é porque êle no fim... pede-me sempre perdão!

Riram-se.

— Vem até cá dentro — disse-lhe Clara. — Vais ver uns lindos quadros que tenho na sala da frente, representando D. Inês de Castro. Deram agora 11 horas, e como só tens de estar em casa ao meio dia...

— Ande, venha daí, ama!

— Pois, sim, minha senhora; mas não me poderei demorar muito.

IV

Um soneto e um desengano

Frei Quintino amiudára as visitas a casa do negociante, quâse sempre acompanhado do joven António de Pádua, cujos dotes e prendas fazia sobressair. Mais de uma vez mesmo jantaram em familia, mostrando-se as pessoas da casa empenhadas em os obsequiar quanto possível.

Frei Quintino tratava Leonor com particular estima, revelada em adjectivos lisonjeiros e açucarados, e Clara e Luis Maria com a mesma exuberância de palavras seráficas:—minha mui religiosa senhora,—meu mui católico amigo...

António de Pádua, êsse, cheio de uma timidez fradesca, não falando senão quando o interrogavam, não se aproximando senão quando o chamavam, não se sentando senão quando teimavam, com a cabeça curvada, relanceava olhares rápidos e ardentes sobre Leonor.

A filha de Luis Maria é que não dava por isso.—Ou occupada ou ociosa, estava sempre tam distraída. que raras vezes se lembrava de que tinha pessoas estranhas na sala.

Frei Quintino observava isto, e uma ligeira nuvem descia a assombrar-lhe o rosto. Em seguida, como consequência, espirrava a sua bilis represada contra os pedreiros-livres e ateus, cujo completo extermínio era o maior serviço, que se podia prestar à santa causa da religião e do trono.

Leonor empalidecia, esforçava-se porque não suspeitassem as comoções, que lhe agitavam o seio e apressavam a respiração, mas o frade, que a espiava, bem via em tudo aquillo o efeito *salutar* das suas palavras. E deixava a casa de Luis Maria despeitado e de um mau humor apenas contido.

— O que não padecer a menor dúvida — dizia numa dessas occasões consigo mesmo, — é que a sonsa da rapariga tem lá tal ou qual afeição ao malhado do priminho; e como toda se incômoda, que lhe falem contra elle! Pena é que o António não seja um pouco mais desembaraçado!... Mas isto de mulheres é para onde lhes venta. Hoje por um e amanhã por outro. E depois, ella é ainda uma criança! Entim a questão é de tempo, e não se pode perder.

Frei Quintino prosseguiu neste monólogo, que nada tinha de mystico e levantava a ponta do véu, que encobria o motivo das suas assiduidades junto da familia do negociante e do seu reputado ódio contra Frederico.

— Ah! que se eu tivesse adivinhado! — pensou elle um dia em que tinha tido mais um desengano cruel à vista da indiferença, quãse fastio, com que foram acolhidas algumas frases de elogio para o seu afilhado António. — Ah! que se eu tivesse adivinhado, não era elle que tinha passado a raia!... É bem certo que quem o seu inimigo poupa... Veremos!

O caso que motivára este solilóquio, que envolvia um pensamento sanguinário, foi o seguinte:

Frei Quintino tinha accitado para si mais para o afilhado o convite, que lhe fizera Clara, de irem lá jantar certo dia.

O religioso mostrava-se atencioso, delicado e afável como de costume, e, dirigindo-se a Leonor, não se cansava de elogiar o seu fino e sisudez, verdadeiramente excepcionais na sua idade.

— É o modelo das filhas, deve ser o exemplo das mães — terminou o religioso, afogueando com estas palavras o rubor do pejo nas faces da donzela.

A cabeceira da mesa, o lugar de honra foi para frei Quintino; à direita e esquerda o negociante e a esposa; em seguida, fronteiros, Leonor e o moço António de Pádua, cujo olhar não era ja ranceiro e tímido, como no dia da sua apresentação em casa de Luís Maria, o que, ainda assim, não lhe tirava o cunho de suino, que o caracterizava.

Leonor, ao ver occupado aquelle lugar, que de ordi-

nário ficava devotuto, lembrou-se de que era ali que seu primo costumava sentar-se, e como que se lhe contrangeu a alma. Vazio, aquele espaço parecia esperar por quem o ocupára invariavelmente durante alguns anos. Achando-se ocupado por outro homem, acudiu-lhe naturalmente ao espírito esta singela reflexão:

— Nunca mais o verei sentado ali?

Leonor passou, pois, aquella hora, perdida numa grande abstracção, talvez mergulhada num triste seismar, comendo à sobreposse e a instigações do pai e do religioso.

— Dou-lhe a minha palavra, sr. frei Quintino, — dizia Luís Maria — que não sei de que esta pequena se sustenta! É um verdadeiro prodígio.

— Pois, minha menina, sem comer é que ninguém vive! O alimento é tão necessário para o sustento do corpo como a religião para a salvação da alma. São duas cousas que não se podem dispensar, uma para a prolongação da vida terrena, a outra para a conquista da vida eterna.

— Mas se lhe repugna a comida! — exclamou Clara. — E depois, quando teima, vem-lhe engulhos.

— Algum motivo terá para êsse fastio. Mágoa do coração, pena de alma, saudades, que sei eu? A verdade é que só ela o poderia dizer — aventurou o beneditino com reservada intenção.

— Eu... não tenho nada. Sempre comi muito pouco. O pai e a mãe bem o sabem — acrescentou pensando em ambos um olhar suplicante, como para implorar-lhes que mudassem de assunto.

Veio a sobremesa.

O frade entrou nela e no vazio fino de modo a tornar-se menos eloquente e mais loquaz, começando o vigésimo panegirístico do seu afilhado... — não era por êle estar presente!

António de Pádua, ou porque para aí o chamasse a viscera da ternura ou porque lho tivesse insinuado particularmente o padrinho, litava amiudadas vezes a filha do negociante, que, se tinha dado pela insistência, não o parecia.

Por último o bom do religioso convidou o afilhado

a recitar o soneto, que elle tinha escrito e lido dias antes no refeitório de S. Bento.

— Como verá o meu respeitável amigo, o soneto é feito para comemorar o dia do feliz aniversário natalício de S. M. El-rei Nosso Senhor. Ora dize lá.

O moço António de Pádua não se fez rogar. Tirou da algibeira da japona meia folha de papel manuscrita, desempediu a garganta de algum esgarro impertinente, e leu com voz comovida, tomando a respiração no fim de cada verso:

«Sobe, Augusto Monarca, ao Trono Luso,
Que livrara de Afonso a Espada Invita.
Dispõe, ordena, manda e precipita
Modernas luzes do clarão confuso.

«Os antigos costumes já sem uso
Do pó do esquecimento ressuscita,
A' Santa Inquisição, ao Jesuita,
Entrega o «laço» de prender o abuso.

«A paz, abrindo as suas asas d'ouro
Ante a Corôa, que te adorna a frente,
Risonha te abrirá fiel tesouro.

«Serás Pai, serás Rei de mansa gente
Sem que mais ouças revoltoso estouro,
Obra dos filhos de infernal serpente.» (1)

Durante a leitura desta composição *poética*, frei Quintino, passeando a vista pelos circunstantes, com um leve sorriso de íntima satisfação, natural num padrinho extremoso, especialmente quando esse padrinho é um eclesiástico, marcava o ritmo com a cabeça.

— Heín? que me diz aos versos? — interrogou elle voltando-se para Luís Maria, antes mesmo do poeta haver concluido.

— Muito bons... — Estão muito bonitos — disseram ao mesmo tempo o negociante e Clara.

(1) Vid. *Correio do Porto*, folha riallista da época.

—E que me diz àquilo a menina Leonor?

—Também gostei... — respondeu ela contrangendo os lábios num sorriso, que era uma violência ao que elles queriam talvez exprimir.

António de Pádua estava rubro e confuso.

—Houve até já quem dissesse, que eram do dr. Ferro, êste nosso talentoso e denodado correligionário! Hei-de mandá-los bolar ao *Correio do Pôrto*, que são dignos disso.

Bebido o último trago, frei Quintino ergueu-se, no que foi acompanhado pelos restantes comensais, e proferia o *Deo gratias* sacramental, epílogo de tôdas as refeições fradescas, o qual, traduzido livremente, queria dizer: — Estamos com as barrigas repletas. Deus nos castigue sempre com o mesmo. — Ao que os presentes responderam — *amen*.

Vieram para a sala das visitas.

Clara e Leonor faziam companhia ao joven António de Pádua; frei Quintino dirigia-se para a varanda com Luis Maria.

—Onde passa melhor, — perguntou ao afilhado do religioso a espôsa do negociante, forçada a fazer *as despesas da conversação*, como se diz em frase escolástica, — no Pôrto ou em Barcelos?

—Eu... a respeito de saúde, sempre passava melhor em Barcelos; agora, quanto *ao resto*... — e fitava tímidamente Leonor, ao passo que um rubor súbito lhe invadia as faces — passo melhor aqui.

—Quanto ao resto, como?

—Sim... digo eu... quanto ao resto... — tartamudeou êle, vermelho até ao branco dos olhos.

—Ah! percebo... refere-se à companhia de seu padrinho; e, com tôda a razão.

Uma criada veio à porta da sala chamar Clara, para consulta de negócios caseiros.

Ficaram sós Leonor e o joven António de Pádua. Leonor, pouco preocupada, aparentemente pelo menos, em continuar no diálogo encetado por sua mãe, ficou silenciosa, esfolhando distraidamente uma flor, que tinha tirado, na passagem, de uma jarra.

Ao vê-la, não era mesmo difícil perceber que a

presença do afilhado de frei Quintino lhe era importuna.

Ele, pela sua parte, engolia em sêco, molhava os beiços com a ponta da lingua e rolava o olhar em volta como espantado, à procura de assunto para enlazar meia dúzia de frases de mistura com uma amabilidade «a lam formosa menina» — palavras suas.

Por último parece que tomou uma resolução heróica; compôs um sorriso modesto, abriu a bôca, sorveu um grande hausto de ar, soltou uma espécie de gemido, um som inarticulado, — e não disse mais nada, porque nesse momento Clara acabava de entrar na sala.

Outro qualquer ficaria contrariado com esta interrupção. Ele achou-a providencial, porque, a-pesar de ter aberto a boca e principiado mesmo o periodo por um pequeno rugido, ignorava ainda o que se propunha dizer.

Luís Maria deixou a varanda e entrou na sala. Frei Quintino seguiu-o continuando no diálogo interrompido.

Clara conheceu no rosto do marido uma sombra de contrariedade.

Vinha dizendo o frade:

— Mas não acha que o céu galardoou aquele moço com talentos especiais? .. Ao menos êste sabe-os aproveitar bem aproveitados em honra do trono e do altar! Agora quando êles estão às ordens de Satanás, e em vez de servirem para a salvação da nossa alma, não prestam senão para a sepultarem nos abismos infernaes, tanto pior. Louvores, porém, devo a Deus, de que não se dá isso com o meu afilhado...

— Os meus parabens... — disse Luís Maria, de modo que frei Quintino lhe relanceou os olhos, como para conhecer a intenção daquellas palavras, que tanto poderiam ser uma ironia mascarada como uma congratulação franca.

Parece, porém, que o religioso, não saíu muito satisfeito do seu rápido exame, porque mordeu o lábio inferior, mudou de assunto, e logo depois despedia-se na companhia do mancebo António de Pádua, e monologava pelo caminho as frases sanguinárias que assinalamos numa das páginas anteriores.

— Porque não mandei antes esperar o estudante ao caminho, pois que, mesmo longe, expatriado e vagabundo, é um tropêço para os meus planos? — pensava o virtuoso frade, com os punhos fechados.

Cumpre saber-se que, a-pesar da lôda a confiança que o beneditino se criára em casa de Luis Maria, de parte a parte tinha sempre havido a delicada reserva de nunca se falar em Frederico, o que não impedia o bom do religioso de lhe espirrar na sombra o fel, que o ódio e o despeito lhe traziam aos lábios.

V

As manhas da raposa

Todavia, nem sempre assim pensava, e, mesmo pensando assim, nunca frei Quintino desesperára da empresa a que tinha metido ombros — e cabeça.

Ele depositava demasiada confiança em si, nos seus meios de acção e no seu predomínio no ânimo das duas mulheres para duvidar do resultado próximo ou remoto das suas tentativas.

Sómente irritava-o a idéa de ser talvez Frederico, — o homem cuja vida salvára... não o mandando assassinar, — o unico obstáculo à immediata realisação dos seus cálculos ambiciosos.

Eis o que elle escrevia ao seu douto amigo frei Joaquim de Jesus-Maria-José, de Barcelos, relativamente ao *negócio*, que mais o preocupava por aquella occasião:

«Porém, deixemos em boa e santa paz esses ladrões de herejes liberais, para quem seriam poucas lôdas as cordas, que se fabricam nas cordoarias do reino capazes de segurar um homem pelo gasnete a dois palmos do chão, — e passemos ao nosso rapaz.

«Permite-me que te diga: achei-o teólogo de mais para quem se destina às delicias do matrimónio.

«As idéas são boas, como não podiam deixar de

ser bebidas em tão pura fonte, o latim excelente como era de esperar dum latinista da tua força, mas as palavras, especialmente diante de mulheres, é preciso estar a arrancar-lhas com uma tenaz.

«Esqueceste-te de mo tosquear, meu reverendo. Vém com muito pêlo... Está melhor numa sacristia do que numa sala.

«Isto, quanto a mim, tem-o prejudicado um pouco junto da noiva, a quem é preciso fazer esquecer o priminho, um mariola que estudava direito em Coimbra e anda agora pelo estrangeiro a comer o pão que êle mesmo amassou.

«Por mais lições que lhe dê, por mais recomendações que lhe faça, vai comigo muito animado, muito disposto para casa do sogro, que Deus há-de fazer, mas, chegando lá, fica todo acanhado diante da sogra e da noiva, e até quâse perde a fala, contentando-se em deitar olhadas furtivas para a rapariga.

«Não ajuda nada, e eu vejo-me obrigado a fazer tudo.

«Por enquanto, como o rapaz ainda está verde, apenas me tenho limitado a apalpar o terreno e a dispor as coisas, de modo que não haja grandes atritos a vencer, quando chegue a ocasião própria.

«O pai da noiva é um negociante abastado, daqui, muito considerado, com loja de panos na rua das Flores, mas hoje pouco entregue ao negócio, que está a cargo do primeiro caixeiro, que associou ao seu nome. Bom fundo, cordato, muito amigo da família; quanto às idéas, posfo que nunca lhe ouvisse proferir uma palavra de antipatia pelo governo constituído, não me parece muito seguro. Emfim, veremos.

«A mãe é uma senhora estimável, virtuosa, muito temente a Deus e *minha confessada*. Por essa fico eu, bem como pela filha, uma graciosa menina de dezoito anos, um verdadeiro anjo de candura, educada nos sãos princípios da mãe, e que tem, quanto a mim, um só mas grave «senão» — gostar do primo. Isso, porém, não passa duma criancice, que não oporá resistência às minhas exortações.

«O mais curioso de tudo é que, interrogando o teu

discípulo sobre o que lhe parecia a pequena, elle não pôde impedir um suspiro, e tornando-se muito vermelho, balbuciou estas palavras, que eu quasi só percebi pelo mexer dos beiços:

«— Parece-tue muito bem, muito boa menina.

«O rapaz talvez fizesse tenção de acrescentar mais alguma coisa, mas eu é que não o deixei continuar

«Rematarei por te dizer, meu reverendo, que, admitindo a fragilidade de que resultou o nascimento do rapaz, o que não se discute, não me arrependo de ter feito dêle um cidadão prestante à causa do altar e do trono, e de contribuir para lhe assegurar um bom futuro casando-o rico.

«Adeus, velho amigo. Vou para o côro. Só me resta o tempo preciso para te desejar tantos anos de vida, quantos sejam precisos para varrer da superficie da terra a herezia, que parece ter deitado raizes em Portugal.

Do teu irmão em N. S. J. C.

Frei Quintino da Expectação.»

«N. B. Abro esta carta para te dizer que umas práticas, que eu agora faço tôdas as sextas-feiras, estão dando um resultado exceciente.

«Em dia de prédica, é sabido: os *malhados* teem recomendações minhas. Foi uma idéa inspirada, a das tais práticas. Vale.»

Ninguém dirá, ao lêr esta carta, que o seu autor é o austero e grave frei Quintino, de maneiras seráficas e ares piedosos, que temos visto sempre.

A explicação é fácil. A máscara tolera-se durante horas, sofre-se uma noite de carnaval, mas, constantemente afivelada ao rosto, é incômoda, deve ser mesmo insuportável. Ora frei Quintino, de tempos a tempos, a sós com o seu amigo único frei Joaquim de Jesus-Maria-José, punha-se à vontade, e então era familiar e até brêjeiro.

Sómente num ponto não variava, era sempre o mesmo homem, — quando se referia aos inimigos do

altar e do trono. Naquele ódio entranhado e feroz contra a *corja*, não havia postigos. Era bem sincero e bem de raiz.

Por algum tempo ainda frei Quintino esperou pelo decurso dos acontecimentos, confiando talvez demasiadamente no coração de Leonor, ao qual concedia uma volubidade própria dos seus dezoito anos, ou a natural tendência de certas organizações, sopeadas por uma educação perfeitamente claustral, para o amor visível e palpável, para o amor material, que, exaltando-as, as faz passar por ideais sensações desconhecidas.

E usava de certos meios diplomáticos para, sem grande reparo, poder chamar a atenção de Leonor para o afilhado.

Assim, nos domingos, ao saírem da missa das 9 horas, na Sé, que era a sua missa habitual, Clara e Leonor encontravam de ordinário o religioso e o moço António de Pádua, que sobraçava um grosso missal, vindo ambos das suas devoções.

Naturalmente frei Quintino entretinha-se a falar com D. Clara, e também naturalmente o mancebo collocava-se ao lado de Leonor.

Outras vezes era António de Pádua, que se apresentava só em casa de Luis Maria, portador de um recado de seu padrinho; e como sucedia àquella hora o negociante estar fóra de casa, pedia licença para esperar por elle...

Outras ainda era frei Quintino e o afilhado, que, tendo passado por ali vindo dos Grilos, onde tinham ido visitar frei Fulano, que estava enfermo ou despedir-se de frei Cícero, que partia a missionar, para os subúrbios do Porto, entravam a informar-se da preciosa saúde da virtuosa senhora D. Clara e de sua estimável família.

Mas estes meios estratégicos produziram talvez o effeito contrário no ânimo de Leonor, que se alediaava a escular as raras frases piégas que António lhe desfechava tremulo, confuso, com voz quasi imperceptível, como se dissesse aquilo mais para cumprir um dever do que para se fazer ouvir.

Isto mesmo adivinhou por último frei Quintino,

uma vez que observava a filha de Luís Maria, a quem o afilhado recitava uma sensaboria de aprendiz de clérigo, e resolveu, despeitado, mudar de objectivo.

VI

Um passo errado

— Efectivamente, é assim. A quem devia ter ido direito desde o principio era ao pai e não à pequena. Procedi como um leigo... Pois que me deve importar a mim que ela ganhe afeição ao rapaz, se consigo que o pai aprove o enlace? O essencial é ter pelo meu lado o negociante. Dê êle o seu consentimento, — e há-de-o dar, se Deus quizer, — e a batalha estará ganha. Eu dispenso que ela o ame, contanto que se faça o casamento. Depois, que remedio terá!... É mesmo, para a castigar de preferir um hereje, um rebelde, a um moço ornado das mais apreciáveis virtudes cristãs...

«Suponhamos que o primo chega a casar com ela, aqui ou no estrangeiro... Que daninha prote de perdidos, de ateus, combatendo pelas idéas do pai, propagando as suas infernaes doutrinas liberastas, conspirando contra o altar e o trono!

«Por consequência... estou dentro dos meus principios, trabalhando para que se effectue este casamento com o rapaz, e presto um serviço relevante à causa da santa igreja e de el-rei... Até o maior serviço é para ambos; o enlace é apenas o resultado de essa obra prestantissima, para a qual eu contribuo... com o meu afilhado.

«Já agora não há tempo a perder. Basta o que desperdicei à espera de que a rapariguinha correspondesse aos olhares apaixonados do moço. Estão a dar 9 horas na torre... A esta hora ainda êle não tem saído de casa. Vamos lá.»

Isto pensava frei Quintino, enquanto se preparava na sua cela, dispondo-se para sair, depois de ter engrolado as matinas no côro e o almoço no refeitório. Havia mesmo ocasiões, em que falava alto e gesticulava dirigindo-se para um escabelo ou para um recanto.

E, forte com os seus novos argumentos, que explicariam dum modo louvável a tenaz interferência dêle no suspirado enlace do seu afilhado com a noiva do hereje, encaminhou-se para a rua Chã.

Luís Maria, electivamente, achava-se ainda em casa e acabava de almoçar.

Ora convém que o leitor saiba, se não é pai, porque sendo-o, deve-o já ter adivinhado, que o negociante havia concebido graves suspeitas com respeito às frequentes visitas do religioso e do seu protegido, apesar da estudada reserva do primeiro e do acanhamento imbecil do segundo.

— Quererá meter-me o rapaz a cara para genro? — pensou êle; e sem comunicar as suas suspeitas à esposa, que tinha pelo frade um quase lamatismo respeitoso, esperou.

Frei Quintino, cuja face, ao transpôr a portaria do mosteiro indicava um vago contentamento, compôs a expressão da fisionomia ao entrar com as palavras sacramentais — Deus seja aqui — na sala onde o negociante estava escrevendo, sentado à carteira.

Depois das perguntas e cumprimentos do estilo, e tendo Luís Maria acabado de tomar os seus apontamentos, voltou-se para o religioso.

— Que manda v. rev.^{ma} d'êste seu criado? — perguntou êle.

— São favores... — disse frei Quintino baixando a cabeça. — Como, porém, o meu bom amigo está occupado com o seu negócio, e o assunto que me traz aquí é demasiado grave...

— Perdão. Tenho concluido o meu trabalho. Estou inteiramente ao dispor de v. rev.^{ma}.

— Nesse caso, sempre me afoitarei — disse frei Quintino tirando gravemente da sua caixa redonda eclesiástica. Depois, segurando-a na mão direita, deu-lhe duas

ou três leves pancadas com a esquerda, abriu-a, ofereceu rapé ao negociante, e tomando uma pitada, sorveu-a sem ruído nem aparato, e com solenidade.

Tinham-se sentado. O religioso começou espaçando as palavras:

— Saberá o meu respeitável amigo, que há meses penso muito em alguém desta exemplar família, cuja bondade e candura, juntas a um arreigado sentimento religioso, são garantias seguras de um futuro coroado de bens celestiais...

— Fala da minha Leonor? interrompen Luís Maria.

— Justamente.

E o negociante pensou consigo:

«Nunca me tinha enganado.»

— Mas... antes de prosseguir - disse o beneditino dando-se um tom leviano, - creio não me afastar muito da verdade concedendo ao sr. Luis Maria, um dos mais acreditados negociantes desta praça, uma fortuna talvez superior a 100.000 cruzados ?

— Vejo que v. rev.^{ma} está bem informado nesse ponto - não pode eximir-se a dizer o negociante com um imperceptível sorriso indefnido a enrugar-lhe o lábio superior.

— Foi apenas um cálculo. Ora pois ! Mas, voltando ao meu caso, o interêsse, que a virtuosa e cândida filha do meu respeitável amigo soube despertar em mim, tem feito com que lhe consagre algumas vigílias, pensando no modo de lhe garantir a felicidade de que, por todos os motivos, se torna merecedora.

— Não sei como possa agradecer a v. rev.^{ma}... — murmurou o negociante curvando-se; e de si para consigo acrescentou: — Compreendo.

— Cumpro unicamente o meu dever, como director espiritual desta casa - disse frei Quintino com um gesto serafico. - Promovo o bem-estar dos meus semelhantes na limitadíssima órbita, a que aprouve à divina providência circunscrever a minha humildade. Deus Nosso Senhor sabe que, se não faço mais, é porque não posso. Uma das cousas que me lembron immediatamente, foi a triste e dolorosa situação em que se

acharia aquella inocente donzela, se um dia lhe viessem a fallar os seus protectores naturais. Só, sem prática do mundo, rodeada de homens sem princípios nem religião, que fazem do santo sacramento do matrimonio uma especulação vil, é-nos dado imaginar que futuro de lágrimas seria o seu, tendo dado a mão de esposa àquele que primeiro tivesse sabido cativá-la com as suas mentirosas palavras. Se, porém, não casa, se resiste às mil seduçõs, que a serpe da cobiça desenrolará diante dela, pior, muito pior. Os tempos vão revoltos, como sabe o meu respeitável amigo, a impiedade lavra, o partido da rebelião, longe de esmorecer diante dos avisos de *paternal severidade*, com que o governo de Sua Magestade pretende adverti-lo, está-se tornando cada vez mais petulante; e, se por desgraça desta pobre nação o castigo dos nossos pecados, se declara uma guerra civil, do que Deus Nosso Senhor nos defenda, que será de essa infeliz donzela, sem um braço que a proteja, sem um nome que a faça respeitar?... Creia que estas e outras considerações, relativas ao futuro de tam interessante menina, me tem preocupado seriamente, porque sei o rico tesouro de singulares virtudes, com que a divina providência a dotou, e também porque dedico a seu excelente pai toda a afeição a que tem direito os homens honrados e bons.

— De novo agradeço... — tornou Luis Maria curvando-se.

— Não tem de quê. *Vox populi, vox Dei*. Digo unicamente a verdade, reconhecida e affirmada por todos, meu amigo. Em conclusão, depois de bem ponderadas as circunstâncias, e sabendo quanto o snr. Luis Maria estremece aquelle querubim, com que Nosso Senhor o galardoou, lembrei-me de lhe falar neste assunto, visto que ninguém pode contar com o dia de amanhã. Cuido, pois, não o surpreender dizendo ao meu particular amigo o único meio, que naturalmente se oferece, para atalhar a tam aterradora perspectiva. Um pai, e sobretudo um pai extremoso, como o snr. Luis Maria, é, antes de tudo, providente, e deve ter também pensado nisto...

— Com certeza, snr. frei Quintino — disse o negociante gravemente; — tenho pensado muito.

— *Tantum melior*, meu amigo; calculei isso mesmo, e vejo que não me enganei. Dispensa-me, por conseguinte, de me espalhar sobre o minúsculo escrúpulo que um pai deve ter na escolha do homem, que destina para inseparável companheiro e protector de sua filha. Que ele seja dócil, bondoso, dedicado, respeitador dos princípios estabelecidos, e amante da nossa santa religião, tais as qualidades que devem concorrer, *ab initio*, no individuo que um pai destine para seu genro. Sem elas, creia o meu bom amigo, não há, não pode haver felicidade possível no interior da família. Ora esse homem, a quem não falta uma só dessas qualidades, que eu mencionei, infelizmente bem raras nesta época de corrupção moral, achei-o eu, louvores a Deus, e...

— Já sei — atalhou o negociante, esforçando-se por conservar a voz na afinação cerimoniosa, que lhe era habitual, mas que, desta vez, quando outra coisa não fôsse, um sorriso forçado traía à primeira vista. — Já sei; é o atallado de v. rev.^{ma}...

O beneditino mostrou-se surpreendido; — e dizemos simplesmente «mostrou-se», porque na verdade ignora se ele o estava.

— Quem lho disse?! — perguntou fitando Luis Maria.

— Depois da exposição, que eu acabo de ouvir, não era muito difficil adivinhá-lo. Não me tenho na conta de perspicaz mas há muito que eu estava prevendo o alvo dos imensamente sensatos e aproveitáveis conselhos, de que v. rev.^{ma} fez preceder a sua proposta.

Frei Quintino, que prestava toda a atenção às palavras do negociante, tirou a caixa do bolso e dispôs-se a saborear nova pilada. O honrado homem prosseguiu depois de alguns instantes de concentração:

— Agora, e em resposta, tenho a dizer ao snr. frei Quintino, que me penhora minúsculo o interesse que liga ao futuro da minha Leonor, que me considero extremamente honrado com a proposta que me acaba de fazer, mas que julgo minha filha muito nova ainda

e que tenho na conta de indispensável para a harmonia e felicidade dum casal a dedicação e o amor entre os noivos.

— Ora ! o amor ! o amor ! — exclamou frei Quintino com um expressivo movimento de ombros. — Crianças, meu estimável amigo ! Quem é que toma essas coisas a sério ? Um pai é o único responsável pelo futuro de seus filhos e a ele só pertence decidir o que melhor lhe convém. A obrigação dêles é obedecerem cegamente: o amor, esse virá depois pela intimidade, pelo trato, pela convivência. Quanto à idade de sua digna filha, longe de me parecer um inconveniente, acho que é uma razão poderosíssima para se efectuar quanto antes esta ligação, abençoada por Deus. Em primeiro lugar, a sr.^a D. Leonor é ainda muito nova para ter entregado o coração a quem quer que seja; tudo vai do princípio: com a alma a transbordar de doces e angelicos sentimentos, afeiçoar-se-ia depressa àquele que seu pai, a sua providência visível, lhe tivesse destinado para seu companheiro e amparo durante a vida. Isto, meu inclito amigo, sem contar...

Luis Maria interrompeu o beneditino. A insistência dêle enchera-o de enfado, que já mal podia ou queria dissimular. Por isso, e sem rodeios, disse-lhe gravemente, sêcamente, com o tom do homem que não admite réplica:

— Eu rogo a v. rev.^{ma} para adiarmos a discussão dêste melindroso assunto, visto que não estou por enquanto disposto a dar marido a minha filha.

Depois, erguendo-se, — que o mesmo era dizer que dava a entrevista por concluída:

— E agora — disse êle — se o snr. frei Quintino mo permite, antes que passe a hora do correio, vou ainda responder a esta carta de negócio, que recebi quando v. rev.^{ma} entrava. Eu chamo minha mulher...

— Por quem é, peço-lhe que não incomode a snr.^a D. Clara tôda entregue à lida da sua casa. Eu mesmo não me posso demorar, porque deveres a meu cargo me chamam a outras partes. Entretanto espero que o meu bondoso amigo, pesando melhor as minhas palavras, há-de achar que eu tenho tôda a razão e pro-

cedo como um amigo lial. Sem incómodo... Os meus respeitos à sr.^a D. Clara e à menina Leonor... Até um dia breve.

Frei Quintino desceu lentamente as escadas, tendo-se voltado ao cabo do primeiro lanço para cortejar Luís Maria, que ficára no patamar superior esperando a vénia do religioso.

A fisionomia do negociante, ao voltar para a sala, mudára completamente. Trazia a fronte avineada, o olhar duro, as narinas dilatadas, os lábios trémulos, a face contraída. Bastava relancear-lhe a vista para conhecer que aquele homem acabava de fazer um violento esforço por se conter durante a scena precedente, cujo alvo previra desde o começo.

Luís Maria sentou-se de novo à carteira, apoiou nela os cotovelos, encostou a cabeça aos punhos e conservou-se imóvel por muito tempo.

Depois, como despertando, ergueu-se e murmurou com dolorosa expressão:

— Queira Deus !

Entretanto, pensava frei Quintino, descendo a rua do Loureiro com as mãos nas mangas do hábito e os olhos nas lajes da calçada:

— Não me resta a menor dúvida ! a frieza com que me ouviu, a maneira quâse desabrida por que me interrompeu, tudo vem confirmar as minhas suspeitas.

«É isso... destina a filha a êsse hereje, que anda fugido lá por longe como criminoso que é.

«Não me tinha enganado nos meus cálculos; guarda a rapariga para o sobrinho: espera que êle volte.

«Pois nós veremos !

«E que volte ! Será ocasião de ajustarmos umas contas, que datam do dia da sua partida.

«Depois, cem mil cruzados não são cem mil réis. Com êles terei assegurado o futuro do... de... do meu rapaz, a quem não posso dar um património importante...

«Oh ! mas não serão para o outro, isso lho juro !

«Antes de mais nada, convêm destruir êsse estôrvo, arredar êsse homem para sempre, trancar-lhe as portas da pátria !»

E como naquele instante passava em frente da porta principal da igreja das freiras de S. Bento, e o som grave e arrastado do órgão lhe chegasse aos ouvidos, dirigiu-se para o templo, murmurando com as mãos postas:

— Deus, por cuja honra e glória trabalho e trabalharei até ao último alento; que, pela sua infinita presciência, vê os perigos de uma tal união para a santa causa do trono e do altar, Deus me inspirará!

VII

Uma torpeza seráfica

Ignoramos se Deus inspirou o beneditino como Ele havia mister para honra e glória Sua, mas o que é certo é que, passados alguns dias da entrevista com Luis Maria, frei Quintino transpuzia o portal da casa da rua Chã a hora a que o negociante costumava achar-se na sua loja da rua das Flores, — por volta das 11 horas da manhã.

Recebeu-a Clara.

Depois dos cumprimentos do estilo, e tendo perguntado pelo seu *estimável amigo Luis Maria*, pela *cândida menina Leonor*, e sem dar tempo a que a esposa do negociante pudesse encetar palestra inoportuna ao motivo da sua visita, frei Quintino prosseguiu:

— Já agora, aproveito a ocasião de estarmos sós para lhe falar num objecto, a que eu, por delicadeza, me tenho mostrado alheio, e do qual fencionava occupar-me a primeira vez que a minha exemplar penitente ajoelhasse ao raro do confissionário.

Aquí o beneditino fez a pausa, que lhe era habitual, quando tratava de assuntos, a que pretendia dar um certo carácter de gravidade.

Clara mostrou-se inquieta com o exórdio.

— Verdadeiramente — continuou elle — o caso não diz

sómente respeito à snr.^a D. Clara, mas envolve a todos. Apesar da extrema confiança com que sou honrado neste lar hospitaleiro, ia afirmar que ela, ainda assim, não é completa, o que me levará a resignar o cargo com que não podem os meus débeis ombros, o de director espiritual desta virtuosa família.

Frei Quintino dera ao rosto uns toques de profunda compunção. O seu olhar era baixo e a sua voz áspera, a que pretendia dar toda a solenidade, era por vezes trémula.

— Pelo amor de Deus, snr. frei Quintino! — exclamou aterrada a pobre senhora. — V. rev.^{ma} está completamente enganado! nós não temos segredos...!

— Queira perdoar-me a espôsa do meu illustre amigo snr. Luís Maria. Há mais de ano e meio deixou esta casa, para não dar contas das impias doutrinas, de que se fizera eco, o seu infeliz sobrinho. Desde então até hoje ainda aqui ninguém proferiu o seu nome diante de mim. Isto, não o posso occultar, tem-me desgostado profundamente. Será porventura que eu seja considerado um espião?

— Não! nunca!... Jesus! Quem se lembraria de tal?!

— Creio-a piamente, porque sei quanto é religiosa. Nem tão pouco me atrevo a culpá-la d'este silêncio, que tanto fere a minha dignidade de amigo e de sacerdote. A snr.^a D. Clara não faz mais do que obedecer às ordens do seu digníssimo espôso.

«Cumpre um dever.

«Mas que motivos terá o snr. Luís Maria, carácter probo e vassalo fiel, para me occultar as suas esperanças ou as suas penas com relação a êsse desventurado moço?

«Não sei: tremo de o saber.

«Mas a divina providência não dorme, e o dever de todo o bom católico é investigar-lhe os desígnios. Ela, que proporcionou esta entrevista, foi, sem dúvida, para que a snr.^a D. Clara emendasse o passo errado de seu exemplar marido, contando-me tudo...

— Mas... — murmurou afflita a pobre senhora — se eu não sei cousa alguma? se...

— Compreendo-lhe os escrúpulos — tornou com bondade o beneditino — e, repito, não a censuro.

«Pego-lhe sómente que serene o seu espírito. Ouvi-la hei debaixo de sigilo. Não está aqui frei Quintino, o amigo desta casa, está o seu confessor, minha senhora.

«Queira dizer-me: seu sobrinho tem escrito?

— Meu sobrinho... — murmurou ela em tortura — meu... sobrinho...

— Nem mesmo assim?! — disse o religioso com postiga serenidade; e despedindo um suspiro ao tempo que se erguia da cadeira onde estava: — Então queira a snr.^a D. Clara desculpar-me. Vejo com grande sentimento da minha alma que deposei uma excessiva confiança na amizade, com que era recebido nesta casa, e que me enganei quanto aos sentimentos religiosos de...

— Snr. frei Quintino! — exclamou suplicante a mísera senhora.

— Não direi mais — disse o beneditino depois dum breve intervalo. — Antes, porém, de transpôr os humbraes daquela porta, cumpre-me declarar que são tranquilo, porque a consciência diz-me que pratiquei sempre o meu dever; e que, se de algum crime sou réu, *feliz culpa!* é de ter consagrado à snr.^a, a seu espôso e a sua filha uma dedicação, de que, invoco o meu santo padroeiro por festimunha, me não arrependo.

E dirigindo-se para a porta:

— Eu retiro-me...

Clara tomou-lhe febrilmente a mão;

— Pelo amor de Deus, snr. frei Quintino, fique! brado ela. — Eu não tenho, não devo ter segredos para v. rev.^{ma}, que tam nosso amigo tem sido! Perdoe-me!

— Ainda bem! ainda bem, snr.^a D. Clara, e com isso se expande a minha alma em louvores à divina providência! ainda bem que o arrependimento baixou como raio de luz celeste sobre o seu espírito obsecado pelo anjo das trevas.

E erguendo as mãos aos céus, postas em adoração, exclamou:

— Graças ! Graças, meu Deus ! que voltou ao rebanho uma das vossas mais queridas ovelhas !

Depois, baixando a voz e em tom familiar, disse:

— Ora vejamos, minha senhora e mui devota serva de Deus: seu sobrinho acha-se escondido em Portugal ?

— Não, snr. frei Quintino: às últimas notícias ainda estava em França, no Havre.

— Já se vê: tem escrito...

— Sim... tem...

— Nesse caso — disse frei Quintino com autoridade sêcamente — dê-me as suas cartas.

— Mas... as cartas...

— Há pouco a snr.^a duvidou de mim, ferindo não só o homem, o amigo, mas — ó desvario duma alma religiosa, — o confessor. Depois mostrou-se arrependida, acreditei-a. Agora exijo as provas dêsse arrependimento, as cartas de seu sobrinho. Negar-mas há ? Recuará pela segunda vez diante do dever a minha penitente ?

— Não ! não ! — exclamou Clara em cujo espírito a voz já untuosa já intimativa daquele homem exercia um poder irresistível. — Eu vou buscá-las.

E safu para voltar pouco tempo depois com um masso de cartas, dez ou dôze, aladas com uma fita de nastro.

— Estão aqui — disse ela entregando-as.

Um lampejo, instantâneo como o relâmpago, iluminou o olhar de frei Quintino ao apossar-se daqueles valiosos documentos.

— E se elas se extraviam, o que será daquele pobre rapaz ? — interrogou a mãe a pobre senhora.

— A êsse respeito pode a snr.^a D. Clara estar tranquila — disse o beneditino. — Não se extraviarão. E se mais alguns escrúpulos restam ainda a ferir-lhe a consciência, não foi de balde que Deus nos concedeu o privilégio de julgarmos dos actos e intenções do próximo. Queira ajoelhar.

Clara ajoelhou quâse maquinalmente. Então frei Quintino, estendendo o braço direito e com a mão descarnada aberta sôbre a cabeça da sua penitente, em-

quanto cerrava na esquerda os papeis, disse com voz solene:

— *Absolvo te in nomine Patris, et Filii et Spiriti Sancti. Amen.*

VIII

Uma amostra de pano... azul e vermelho

As perseguições e violências por motivos políticos, já accumulando-se em cárceres infectos, já perseguindo-se a caceladas pelas ruas todos os individuos suspeitos ou acoimados de liberaes, tinham tocado o delírio.

O primeiro miserável, que se adornasse com um tope azul e vermelho, tinha o direito livre de maltratar um velho, de insultar uma senhora, de invadir a casa do cidadão, de revolvêr todos os seus papeis, de devassar todos os seus segredos, contanto-que fizesse preceder qualquer acto d'estes da seguinte voz: — *Ê malhado.*

A população portuense, accusada na sua grande maioria de tal *mancha*, era sem d'úvida aquella que, dentre as de várias cidades do reino, estava sendo mais vexada pela tirania dos grandes e pequenos vilões, dos que empunhavam a vara do poder e dos que manobravam o cacetete de cerquinho.

Ongamos sobre o caso um cronista do tempo, que se nos afigura insuspeito, pois que o não desvaira a paixão partidária e limita-se a narrar o que viu e ouviu.

O cronista é a snr.^a Rosa, que tem ido visitar a sua menina a casa de Luis Maria.

Ja não chegamos ao principio do diálogo, mas entramos ainda a tempo de ouvir o mais interessante d'ele. Exclamava:

— Ah ! minha rica senhora ! não faz uma pequena idéa ! A snr.^a está muito bem entregue aos arranjos de sua casa e não dá fé do que vai pelo mundo !

— Não é tanto assim, Rosa; eu também estava persuadida disso, mas o sr. frei Quintino é que me explicou os motivos...

— Bem digo eu que a sr.^a não sabe nada! Olha quem!... Os motivos!... Os motivos é haver quem queira mal a uma pessoa. Manda-se uma denúncia ao sr. corregedor ou à alçada, e disse! Foi alma que caiu no inferno. Vai-se logo fazer companhia aos outros desgraçados, que estão atrelados na Relação... pelo mesmo crime.

— E se prendem o pai? — interrogou Leonor, inesperadamente, e com o susto estampado no rosto.

— Estás doida, filha! — exclamou Clara sobressaltada; — que idéa!

— Não; pelo sr. Luís Maria fico eu. Tem bons amigos e sabe viver com todos. Demais a mais lá estava o sr. frei Quintino em caso de necessidade...

— Sim, dizes bem... o sr. frei Quintino...

— Pois que dúvida! Também, se os amigos não servem para as ocasiões, então arrenego de semelhante gente. Apesar de que, a falar a verdade, eu não vou lá muito com os frades; mas enfim, como excepção, acho que não fiaverá motivo para desfazer neste...

E como Clara guardasse silêncio, Rosa acrescentou admirada:

— Ou há?

— Motivo, nenhum! Ora essa!

— Parece que a sr.^a D. Clara ficou assim um pouco pensativa quando falei no sr. frei Quintino...

— Enganaste-te. Já viram?! Então porque havia de ficar pensativa?... Um homem tão bom, tão virtuoso...

— Lá isso é... se não fôsse o resto!

— Que resto?

— Ser dos laís. Sempre ouvi dizer que de mouro...

— Isso não se diz, Rosa. Deves lembrar-te ao menos de que é um religioso.

— Peço perdão, mas tenho visto tanta cousa, que já perdi a fé com semelhante gente. Enfim, enganarei-me, mas duvido.

— Faz-me tanta pena quando o ouço falar contra

o partido do primo Frederico! Tem-lhe tanto ódio! — observou Leonor, que se tinha conservado silenciosa.

— Minha querida menina! — disse Rosa acariciativa. — E que tem que fale? Ora! Deixe-os falar! O que êle diz não se escreve. Quer a snr.^a saber um caso sucedido lá na minha vizinhança?

— Com o snr. frei Quintino?!

— Com êsse, não; mas com outro da mesma côr, Deus me perdõe se peço!

— Então que foi? Ó ama, conte, conte! — apressou-se a dizer Leonor preparando-se para ouvir.

— Vivia lá ao pé de nós, na rua Escura, — começou Rosa — um pobre encadernador com mulher e cinco filhos, que todos êles juntos cabiam debaixo dum cesto. Aquilo, bastava a gente olhar para as crianças, p'ra ver logo a miséria que havia naquela casa. O pai, consumido, trabalhando quando lhe davam que fazer, com o seu pouco e algumas esmolas dos vizinhos, que se condoíam daquela família, lá ia sustentando aquele ranchinho como Deus era servido. A mulher, essa há oito meses que está na cama com uma queixa de peito e não irá muito longe, coitadinha!

«Pois, snr.^a; no fim da semana passada, numa ocasião em que o encadernador tinha saído, entrou-lhe na loja um frade benito, que era fregues da casa, e começou a ver os alfarrábios que êle tinha. Enfim tanto vasculhou, tanto mexeu, tanto andou, que foi dar com um livro, que estava lá p'ra encadernar em segredo e que, pelos modos, era desla seita nova que há, dos pedreiros-livres.

«Sabe o que aconteceu, minha senhora? Foi o maroto do frade ir logo dali, como um rato, denunciar o homem à justiça, e êle ser preso quando vinha a entrar p'ra casa. Não que nem mesmo lhe deram tempo de se despedir da mulher e das crianças, que faziam um choro de partir o coração. Ora aqui está um caso bonito!

— Mas se o livro não era do homem — observou Clara — com certeza que o mandaram embora.

— Qual mandaram, minha senhora! Mandavam se êle quisesse delatar quem lho deu p'ra encadernar; mas

pelos modos o homem tinha dado a sua palavra de que o não dizia a ninguém, e aí está aquele desgraçado na Relação sem ter feito crime nenhum, a pobre mulher vendo chegar a hora da morte sem poder despedir-se d'ele, e aquelas criancinhas, órfãs, por assim dizer, de pai e mãe, a viverem da caridade dos vizinhos!... E tudo porque? Por amor daquele frade bento, a quem Deus dará o pago das suas boas obras, não tem duvida! E ainda quer a snr.^a D. Clara, que eu tenho devoção por semelhante gente, com aquele painel diante dos olhos? Não, que era preciso não ter entranhas, minha senhora.

— Mas o que um faz não deve ser deitado à conta de todos — observou Clara. — Sabes o que te digo, Rosa? É que deves ter mais lenço na língua ou ainda passas por algum desgosto.

— Também, o que faltava, era a ama ir para a cadeia! — exclamou Leonor segurando-a por um braço, como se efectivamente lha quisessem arrebatár.

— E porque? — replicou a desempenada mulher. — O que eu digo é tudo verdade; e mais ainda não digo tudo!

— Mas nem todas as verdades se dizem. Sabes o que deves fazer? Meteres-te com a tua vida, cuidares dos teus arranjos, tratares da roupa do teu homem, deitares a tua teia, e não queres saber o que vai por esse mundo. Assim como assim, não o melhoras, e tu é que podes piorar. É verdade... — e dizendo, Clara procurava na algibeira; depois, entregando dinheiro a Rosa: — Toma lá estes dous pintos para dares à mulher do encadernador. Não é tanto como eu tinha na vontade, mas... para pão sempre chega.

A boa mulher tomou a mão, que lhe dava o socorro para aqueles desventurados, e quis beijá-la, cheia de reconhecimento.

— Ó minha senhora — exclamou ela sensibilizada a ponto de a voz lhe tremer nos lábios, — muito e muito agradecida em nome de tamanhos infelizes! Não que ninguém imagina a pena que faz a pobrezinha da doente, ali, para um canto, numa enxérga, com a cara que parece uma caveira, a perguntar se já lhe mala-

ram o marido, e as criancinhas a chorarem com fome à volta da cama! Ai, Senhor! nem quero que me lembre! é de estarrecer uma pessoa!

— Que desgraça! — exclamou Leonor estremeecendo.

— E diz bem, minha menina; que desgraça!

Assim corriam aqueles ditosos tempos, em que o trono e o altar se mutuavam os bons serviços, combatendo, perseguindo, derrubando o inimigo comum.

Quem dissesse «liberal» dizia hereje; um inimigo do trono absoluto era um inimigo do altar católico. Daí as excitações sanguinárias declamadas no púlpito, as denúncias olvidadas pelo confessionário, a obra dum clero numeroso e fanático auxiliando a prepotência e o rancor disfarçado sob as cândidas vestes da justiça e do direito.

Consequência — as cadeias pejudadas de infelizes, os cadafalsos manchados de sangue, as perseguições decretadas como garantias de segurança para o altar e para o trono, a vida e a propriedade do cidadão em risco iminente, numa palavra — o terror.

IX

A negra teia

Frei Quintino deixára de amiudar as suas visitas a casa do negociante, que, depois da scena em que lhe insinuára o afilhado para genro, se sentira esfriar muito da sua consideração por elle.

O religioso, porém, é que era sempre o mesmo, atencioso, cheio de extremos de gratidão, abundante de adjectivos corteses, dedicado e bom, como se nada tivesse havido a contrariar-lhe os legítimos desejos.

Sómente o afilhado já não estava no Porto. Recambiara-o para o virtuoso padre-mestre frei Joaquim de Jesus-Maria-José, em Barcelos, precedendo-o da seguinte epistola:

«Meu reverendo padre-mestre:

«Saúde e appetite, com a graça de Deus. Quando esta receberes já o António irá a caminho para essa vila. Achei dificuldades na realização immediata do meu projecto, com as quais não contava, e o rapaz ia-se-me apaixonando pela noiva mais do que convinha. Por algumas vezes o encontrei a chorar sôzinho e outras vezes a fazer odes, em que se queixava da fereza do coração de *Leonilda* (a filha do negociante é *Leonor*), chegando mesmo a perder o appetite.

«Como vês, a cousa principiava a tomar um carácter grave, e tanto mais que o negócio tem ainda suas estações, até que chegue à conclusão, que te prometo há-de ser em tudo conforme aos meus desejos. Ora convêm mesmo fazer esquecer por enquanto o rapaz, dando a supôr que o meu projecto nada tinha de firme propósito, e que desisti dêle facilmente, não pensando em renová-lo. Depois, a seu tempo falaremos.

«O pai da rapariga, que eu supunha um pobre homem inofensivo e condescendente, saiu-me um perfeito *malthado*, e para mim é fóra de dúvida que êle destina a filha ao tratante do sobrinho, cuja fuga para o estrangeiro eu protegi, julgando que lá estaria seguro; donde concluo que todo o bem que façamos a êstes enviados de Belzebulh é um pecado de que mais cedo ou mais tarde teremos de nos arrepender.

«Felizmente consegui haver à mão a correspondência do sobrinho para o tio, e ela só é garantia mais que sufficiente do bom êxito da projectada união. O energúmeno estorce-se naquelas laudas proferindo blasfêmias e infâmias contra o altar e o trono, como se o estivessem exorcismando de estola e hissope. Eu, assim que li aquilo, fiquei mais satisfeito do que se tivesse tido uma herança de dez mil cruzados. Do que se trata agora é de banir para sempre do reino o tal bacharel *in minoribus*. Dêsse modo desaparecerão tôdas as esperanças, todos os cálculos do negociante e ficarei eu senhor do terreno, certo da vitória.

«O que desde já te affianço é que a rapariga não é para o ímpio do primo, que nas cartas lhe dirige os

mais descarados galanteios. Custa mesmo a crêr que o pai consinta naquilo. Mas o mundo está assim, e poucos rumos lhe vejo de emenda, enquanto por cá tivermos dessa raça daninha, que tudo disente e tudo perverte, e que só o carrasco, um dos homens mais prestantes da sociedade de hoje, faz calar.

«Emfim, aí te mando o rapaz, que eu nunca pensei susceptível da fragilidade de uma paixão, e espero que êle, na volta para o Pôrto, já não traga mazela de cuidado.

«Adeus: visitas à *velhota*, e quando se lembrar de ti com algum caixão de garrafas de vinho, lembra-te tu de mim com meia dúzia. Eu pago o frete.

«Deseja-te mil venturas e outros tantos anos de vida satisfeita

o teu confrade

Frei Quintino da Expectação.»

N. B. Não me torças a vocação ao rapaz. Fâ-lo tratar mais com gente e ajudar menos à missa. Nunca pensei fazer dêle um sacristão; o que eu quero é vê-lo capitalista.»

Quando António de Pádua foi despedir-se de Clara e de Leonor, desatou a chorar na sala.

— E demora-se lá muito tempo? — perguntára a esposa do negociante.

— Disse o meu padrinho que vou para acabar a minha educação. Disse que eu estava ainda muito *verde*...

— Então volta para os seus estudos?

— Creio que sim, minha senhora.

— O que admira é que o snr. frei Quintino o não destine para a vida eclesiástica!

— Eu também, falo com franqueza, já tive mais tendência para ela do que sinto agora — e relanceava um olhar furtivo para Leonor. — Um homem, quando não pode ser um religioso como o snr. padre-mestre frei Joaquim de Jesus-Maria-José ou como meu padri-

nho, então melhor é para elle e para a religião, que não se ordene. Maus padres não faltam, que infelizmente até os há no partido dos traidores.

— Mas o sr. António de Pádua não seria dêsse número; e então...

— É que... enfim, minha senhora, nem todos os homens são bastante fortes para se saberem dominar e vencer. E eu...

António interrompeu-se, còrando até às meninas dos olhos.

As duas senhoras olharam para elle, esperando a conclusão da frase.

Ele continuava embaraçado.

— E o sr. ... ? — auxiliou Clara.

— E eu não sei se já iria com o meu espírito tranqüilo — rematou o moço com a voz trémula de commoção.

Clara pensou descobrir naquelas palavras referência a algum caso particular do afilhado com o padrinho, e guardou um discreto silêncio. António fazia girar na extremidade dos dedos o chapéu braguês. De tempo a tempo erguia timidamente a cabeça ora para uma ora para outra senhora, e baixava-a immediatamente. Estava-se conhecendo no rapaz quanto lhe era custoso ter de se retirar, de se ir embora — para não tornar tão cedo.

E sentia-se preso à cadeira, e não sentia forças que o levantassem, e a bôca secava-se-lhe e elle não tinha nada que dizer.

Durára alguns segundos o silêncio. Clara lembrou-se então de lhe perguntar:

— Leva algumas saúdades do Porto?...

O moço, como se o surpreendesse aquella pergunta, ficou por um instante a vista espantada no rosto de Clara, abriu os lábios para responder, mas, tendo sufocado, rompeu num choro desfeito e escondeu a face no chapéu para não lhe verem as lágrimas.

As duas senhoras ficaram admiradas por aquelle desabafo imprevisto, e cercaram-no de atencões e palavras animadoras, dizendo-lhe que não se affligisse, que voltaria dentro em pouco, que pediriam ao sr.

frei Quintino para que o não deixasse ficar muito tempo em Barcelos.

António de Pádua serenou, ergueu-se, despediu-se de Clara e de Leonor — com palavras devotas, — desejando que Deus Nosso Senhor as tivesse sempre na sua santa guarda, e desceu as escadas lentamente, como se as pernas ainda o estivessem tirando para trás.

No entanto a espôsa de Luís Maria explicava mui naturalmente o *flato do choro*, que tinha acometido o afilhado do beneditino, attribuindo a castigo imposto pelo padrinho o seu exílio para Barcelos, e ela ter-lho recordado com a inocente pergunta, que lhe dirigira.

— Vê-se que é um rapaz de sentimentos — rematou Clara, para quem a explicação do caso não tinha contestação.

Um dia o negociante entrou em casa triste, preocupado, e ás perguntas sobressaltadas da espôsa e da filha, respondeu com evasivas.

— Não tenho nada... Estou bom... Pois que hei-de ter?... Nada me preocupa.

— Alguma coisa é, que não me queres dizer — feimava Clara. — Que te aconteceu, Luís?

— Mas se eu te digo que não foi nada!

— Talvez más noticias de teu sobrinho? Anda, fala: eu, assim como assim, já pouco espero daquele rapaz. Ah! parece-me que acertei. É por causa dêle que estás triste!

— Justamente... é por causa dêle.

— Ilús-de contar-me tudo o que há a seu respeito.

— Pois sim: logo.

O negociante não dizia a verdade. A tristeza e a preocupação de que vinha possuido tinham uma origem mui diversa.

Achava-se à porta do seu estabelecimento na rua das Flores com alguns amigos, e ao grupo juntou-se o escrivão da alçada, sujeito estimável, que Luís Maria em tempo havia protegido com o seu valimento.

Este homem, a quem um propósito firme parecia demorar ali, pois que pouco o interessava a conversa

travada entre os individuos presentes, esperou que se retirasse o último, para enfiar o braço no de Luis Maria e levá-lo a um canto menos devassado da loja.

O negociante, silencioso, interrogava-o com o olhar.

— Que há? — disse elle por fim.

O escrivão da alçada, sem lhe responder à pergunta, formulou esta outra:

— Frei Quintino continúa a ir por sua casa?

— Mas...

Responda, que não posso demorar-me aqui muito tempo.

— Continúa.

— Na sua ausência?

— Às vezes.

— Pois bem; evite que elle entre lá, quando o snr. lá não estiver.

— Porque?

— É quanto lhe posso dizer.

— Mas...

— Nada de reflexões: o beneditino é um homem perigoso, convença-se disto. Cautela, pois, meu amigo; muita cautela com elle! Não lhe recomendo discrição, porque é desnecessário. Está avisado. Adeus.

E retirou-se à pressa, depois de um apêrto de mão expressivo.

Luis Maria ficou meditando e aterrado.

X

Uma sentença da alçada

Nos dias seguintes o negociante não saiu de casa, pretextando um leve incómodo de saúde; porém, a verdade é que elle não ousava deixar sós as duas senhoras.

— Mas que haverá de exacto neste aviso? — pensava consigo. — Ninguém melhor do que elle deve estar ao facto do que se passa lá na justiça! Basta ser o

escrivão da alçada! E vir-me prevenir assim, com tanto empenho e a medo! Oh!... — e depois de uma pequena pausa, mudando de tom, influenciado sem dúvida por nova corrente de idéas: — Ainda se fôsse com outro... mas logo com frei Quintino! Nada, não é possível. Frei Quintino é incapaz de invocar o meu nome com o propósito de me comprometer!... E contudo, a maneira por que o escrivão me disse: — Cautela com o beneditino; muita cautela! — fez-me estremecer. Lá se eu lhe tivesse dado causa...!

Certa manhã em que o negociante, medindo a largos passos a sala do primeiro andar, onde tinha a sua carteira, fazia estas ou idênticas considerações, sem nunca poder chegar a uma conclusão qualquer, ouviu passos fôfos subindo as escadas e ao mesmo tempo a tosse discreta de frei Quintino.

— É ele! — exclamou Luís Maria, sentindo uma pancada violenta no coração. — Vou saber tudo.

E dirigiu-se para a porta a receber o beneditino, tratando de dominar a cólera.

— Venho penitente diante do meu bondoso amigo — disse o religioso, depois das contumélias usuais, — pedir humildemente perdão...

— Perdão, de quê? — exclamou o negociante surpreendido.

— De ter faltado a esta casa há dezasseis dias, faltando assim aos deveres de amizade, para com tam católica família. Todavia rogo que não me julgue sem primeiro ser ouvido.

— Ó sr. frei Quintino! a mim basta saber que não foi por motivo de doença. E o atilhado de v. reverendíssima?

— Chegou a Barcelos de perfeita saúde, e pede-me na carta, que escreveu, para apresentar os seus respeitos a v. s.^a, à sr.^a D. Clara e à interessante filha do meu amigo. Também quâse que foram as únicas pessoas, estranhas ao hábito, com quem êle viveu aqui no Porto.

E depois de um breve e recolhido silêncio:

— Não foi, porém, isso o que me trouxe aqui — acrescentou êle dando à face a companhia das soleni-

dades da semana santa, — mas um motivo bem mais sério e doloroso bastante, meu digno amigo.

Luís disfarçou a sua inquietação, indo buscar uma cadeira, que ofereceu ao religioso, ao passo que lhe dizia:

— Peço a v. rev.^{ma} que se explique.

— Acha que não seremos interrompidos, nem escutados?

— Sem dúvida.

— É que eu desejaria poupar talvez um grande golpe àquelas pobres senhoras...

— Então que succede? Devo confessar que estou ansioso por que v. rev.^{ma} diga o que se oferece.

— Meu amigo; a resignação é uma das virtudes que mais distinguem o homem verdadeiramente religioso, que considera esta vida mortal como um pequeno periodo transitório para a vida eterna. Sem resignação, snr. Luís Maria, o mundo ser-nos há um verdadeiro inferno e porta por onde entraremos para o outro, que tem o ringir dos dentes e o arrastar de cadeias.

O negociante impacientava-se com o exórdio.

— Peço encarecidamente a v. rev.^{ma} que me explique o motivo da sua visita. Estou resignado.

— Ora vamos; sossegue um pouco — tornou o religioso com uma inalterabilidade desesperadora. — Felizmente não é caso de clamarmos com os olhos no céu — *vide abominationes pessimas, quas isti faciunt hic!*

«A exemplar família do meu respeitável amigo estará a salvo de qualquer provação, enquanto trilhar o caminho da virtude e as minhas fracas orações forem ouvidas pelo meu bemaventurado S. Bento.

«Se, porém, não se trata do meu particular amigo, e menos de sua digna espôsa ou de sua cândida filha, nem por isso o golpe será menos doloroso, sabendo que se trata...

— De meu sobrinho, não? — atalhou Luís Maria.

— De seu infeliz sobrinho — repetiu com uma grande mágoa estampada no rosto frei Quintino.

— Mas então que lhe aconteceu?

— A justiça de el-rei, que Deus guarda, é inexo-

rável. Diante dela não há ricos nem pobres, grandes nem pequenos. O rebelde será sempre e igualmente punido como rebelde, ou seja um grande da terra ou um humilde operário. O seu dever é punir os culpados onde quer que eles estejam, quem quer que eles sejam...

O negociante estorceia-se de impaciência.

Ele prosseguiu:

— Também, se não fôsse assim, meu bom amigo, que teria sido de nós? Entregues a um punhado de homens sem crenças nem religião, famintos de ouro e ávidos de mandar Portugal...

— Enfim, snr. frei Quintino? — atalhou Luís Maria, a quem aquela voz, monótona e cadenciada, enchia de desespero.

— Peço desculpa ao snr. Luís Maria por esta pequena divagação. Não continuarei. O meu ilustre amigo mede bem o estado lastimável, a que ficaríamos reduzidos, se porventura... digo, se por desgraça nossa triunfasse a revolução. Faz-se, pois, mister usar de toda a energia para extirpar essa hidra bem mais terrível do que a da fábula; nesta por cada cabeça decapada, nasce outra; naquela, por cada uma que se lhe corte, nascem vinte !... Por êsse motivo, como bom católico e vassalo fiel, deve conformar-se com a sentença...

— O que ? ! Pois meu sobrinho foi julgado ? ! — exclamou o negociante fazendo recuar a cadeira.

— Ontem mesmo — volveu frei Quintino cabisbaixo.

— É impossível, snr. ! é impossível ! — bradou êle.

— Por si, meu excelente amigo e por aquelas pobres senhoras, que deverão sofrer muito com êste golpe, sinto dizer-lhe que não...

E tirando da manga um papel dobrado:

— Aqui tem — disse êle. — queira lêr.

Luís Maria pegou convulso no papel, e, abrindo-o, leu a espaços, por pe uma nuvem lhe passava de tempo a tempo pelos olhos:

SENTENÇA (Cópia)

«Por acórdão da alçada se julgou o processo sumá-

rio do réu Frederico de Moraes Veloso, estudante de Coimbra, ausente, e foi condenado a 20 anos de degrêdo para Benguela, na confiscação e perdimento da metade de seus bens para a rial câmara e em 200.000 réis para despesas da alçada...

— Que infâmia ! — interrompeu Luís Maria, não podendo conter-se.

Passado um instante de anarga concentração, proseguiu:

«E porque o mesmo réu se acha ausente, o pronunciam e hão por banido, e mandam às justiças de S. Majestade el-Rei, que Deus guarda, que apeliem contra êle tóda a terra para ser preso ou para que todo e qualquer do povo o possa matar livremente, sabendo que é o próprio e não sendo seu inimigo.»

Luís Maria convulso, pálido, com o olhar desvaireado, amarfanhou o papel nas mãos, e dirigindo-se a frei Quintino, que o observava num recolhimento dolorido, abriu com esta apóstrofe a caudal da sua indignação:

— Mas como, depois de quáse dous anos de ausência, se lembraram dêsse infeliz moço, que um imprudente e generoso entusiasmo obrigára a emigrar? — Que motivos alegaram êsses juizes implacáveis para o condenarem assim ao degrêdo e à miséria, a êle, que no exílio tem expiado cruamente a sua nobre dedicação?... Porque molivo a alçada aniquila o futuro de um rapaz de 23 anos, quebra para sempre os laços, que o prendiam à família, bane da pátria um coração que palpita por ela, condena ao degrêdo, ou antes, à morte, um desventurado, cujo crime, snr. frei Quintino, é... a indignação das almas nobres diante dêsse poder, que de dia a dia se vai tornando mais odioso?

Frei Quintino ouvia as apóstrofes do honrado negociante com uma verdadeira cara de réu. Disse êle:

— Mas, meu muito benemérito snr. Luís Maria, a paixão cega-o. Entretanto respeito-lhe a dôr e desculpo-lhe as palavras. É o seu pobre coração magoado que fala. Se, porém, houvesse um meio...

— De o fazer voltar ?

— Não: isso é impossível: de tornar menos sensível a sua falta.

— Como?

— Eu sei que o sr. Frederico, que Deus ilumine com um raio da sua divina graça, era mais do que seu sobrinho, porque era o prometido espôso da cãndida filha do meu honrado amigo...

Luis Maria relanceou sobre o religioso um olhar investigador.

— E que mais? — perguntou êle com a voz alterada.

— Ora... — prosseguiu o religioso hesitando, talvez mesmo arrependido de ter encelado o período — se, para o seu lugar se pudesse escolher um outro, que, pelas suas qualidades, nos autorizasse a crê-lo digno de possuir tam invejável tesouro de virtudes, a perda, como vê, não era até certo ponto irreparável...

Frei Quintino arrastava as palavras e acusava-se de imprudente.

Luis Maria, — como se naquele instante um clarão imenso lhe iluminasse as trevas do mistério, que cercava aquella sentença de desterro, — pálido, com os olhos pregados no rosto macilento do frade, soltou um grito:

— Ah! o aviso!... agora compreendo tudo!

E dirigindo-se ao beneditino, terrível, ameaçador, de modo a fazê-lo recuar, ia-lhe dizendo com os dentes cerrados:

— Malvado! impostor! denunciante!

— Mas... Deus de Misericórdia!

— Sim! — clamou Luis Maria, baixando e elevando a voz alternadamente, em cólera concentrada, e olhando para as portas, receoso de ver acudir a espôsa. — Sim! foi o sr. que o denunciou!... E eu a perguntar quem teria sido o infame, tendo-o aqui diante de mim! Mas diga-me: que mal lhe fazia lá, tam longe, êsse pobre rapaz?... Eu sei! Quis exercer uma vingança tam miserável como o senhor mesmo, e arrastou-se até ao estrado da justiça! Cobiçou o meu dinheiro para o seu... afilhado, e fez-se denunciante! A sombra daquelle honrado moço incomodava-o a tantas léguas de dis-



Cobiçou o meu dinheiro para o seu... afilhado

I. F. Q.

tância; via nêlo um obstáculo à realizaçã dos seus sonhos de providente padrinho, e... tratou de o perder !...

Luís Maria estava a dois passos do beneditino, que, de cabeça baixa e as mãos en cruzadas nas mangas, guardava uma attitude resignada. Ao ver aquelle cinismo hipócrita, o negociante, completamente desnorreado, com os olhos injectados de sangue, tomou frei Quintino pela gola do habito:

— Ah ! frade ! — resmungou êle sacudindo-o — que eu bem sei qual seria a paga da tua negra intriga, se quisesse manchar aquella parede com os teus miolos perversos !

E arremessou-o a distância.

Frei Quintino enfiou um pouco, e mordeu o lábio inferior; depois disse com a voz um pouco alterada, e que se forçou por tornar solene:

— Jesus Cristo também sofreu inocente. Não serei eu que retire o cálice, que êle, pela sua divina Misericórdia, me faz chegar aos lábios !

— Cale-se ! e váia já ! — disse o negociante, apontando-lhe para a porta; e, tendo-lhe voltado as costas, rompeu neste desafôgo: — E são êstes homens, com o coração a trasbordar de fel, de ódio, de peçonha, que se apresentam como defensores da religião, como pregadores da doutrina de Jesus ! Êles, os hipócritas ! êles, os denunciantes ! êles, os sanguinários ! E eu tam cego, que lhe abri a minha porta, que lhe franqueei a minha casa, que o sentei à minha mesa, que lhe confiei os meus segredos, que fiz ajoelhar aos seus pés minha mulher e minha filha !... E queixam-se de que se faz guerra aberta à religião ! mas se é a êles sómente que é feita guerra ? !...

Depois, como visse frei Quintino, que se aproximava dêle com o rosto contrito:

— Que faz o snr. ainda aqui ? — perguntou.

— Espero que o snr. Luís Maria reconsidere, e se arrependa.

— Eu ? ! Quer então que o mande pôr fóra desta casa por algum dos meus caixeiros ?

— Não será preciso tanto — replicou o beneditino

pousando um olhar sereno e firme no negociante. — Eu retiro-me. Deixe-me, porém, dizer-lhe que não levo a menor animosidade pelas ofensas, com que deu largas à sua cólera injusta contra mim. Lastimo-o e perdoo-lhe. Mas outro tanto não poderei dizer pelo que respeita às injúrias, com que tentou manchar a santa instituição das ordens religiosas. Foi a Deus que o snr. injuriou. Responderá por isso.

Frei Quintino dizia estas palavras próximo da porta. O seu gesto era severo: a sua voz grave.

— E quem me acusará? — interrogou o negociante cruzando os braços no peito.

O religioso estava já no patamar da escada; voltando-se, disse distintamente:

— Eu !

Luís Maria ficou por um momento alheado; depois soltou um rugido e correu à porta. O beneditino transpunha os últimos degraus da escada no seu passo habitual e solene.

O negociante, deixando-se cair sôbre uma cadeira, repetia com desespero:

— E lembrar-me eu de que tenho uma filha !

XI

Consuma-se a infâmia

Passaram-se alguns dias sem que Luís Maria tivesse tido notícias de frei Quintino; e apesar de não o supôr capaz de ir delatar as suas palavras naquela hora de exallada indignação, em que tivera conhecimento da sentença do sobrinho, andava inquieto e comia pouco.

Isto era o suficiente para as duas senhoras estarem num completo desassossêgo. O honrado homem não tinha mesmo comunicado à mulher a ausência obrigada de frei Quintino naquela casa.

Rosa, que viera trazer os agradecimentos e as bênçãos da mulher do livreiro, preso na Relação, consolava como podia Clara e Leonor, combatendo-lhes os pressentimentos, quando a porta da sala se abriu e entrou um rapaz, caixeiro da casa, todo esbafoado, com um papel na mão.

— Que é, Joaquim? — perguntou Clara.

— Minha senhora, vieram trazer esta carta a toda a pressa p'ra o patrão.

— E ele não está na loja?

— Não, minha senhora...

— De mando de quem, não disseram?

— Também não; mas o homem que a trouxe vinha alagado em água.

— E foi há muito?

— Agora mesmo.

— Bem; eu lha entregarei.

O rapaz saíu.

— Uma carta... urgente... — disse Clara olhando para o sobrescrito, — e ele que não me deixou dito para onde ia!

— Talvez seja cousa de negócio — aventou Rosa.

— Não me parece. Aqui há um grande segredo, que se trata de me esconder por lôdas as formas. Não o tenho visto senão preocupado, incomodando-se com as minhas perguntas, — disse ela baixando a voz, lôda trémula — e num estado como nunca o vi. Meu Deus! Se pertencesse também a algum dêsses clubs, em que se conspira contra o govêrno!?

— Então, que tinha lá isso, minha senhora?... — exclamou Rosa. — Pois eu cá, juro-lhe pela boa sorte dos meus filhos, que, se fôsse homem, havia de ser dos primeiros!... Então isto há-de ser sempre assim? Ele, quando me lembra de que me rasgaram um lenço de sêda novinho, aqueles malditos, até me dão ganas!...

— Cala-te, mulher! — interrompeu a esposa do negociante com severidade. — Eu agora nem me parecia estar a ouvir uma mãe! Era preciso que o meu Luis não me tivesse já nenhuma afeição nem à filha, que estivesse aborrecido da vida e que se não importasse com a sua casa para ir arriscar os seus dias numa

carta, que era como se fôsse uma sentença de morte ou de degrêdo. O que eu não quero, Rosa, é que me suceda o que succedeu ainda há dous anos às famílias daqueles desgraçados, que a alçada mandou à força — ir um dia a abrir a minha janela, e dar de frente com a cabeça do meu homem espelada num poste !

Clara terminou, escondendo o rosto nas mãos, entre soluços.

Leonor correu a abraçá-la.

Rosa tomou-lhe a mão.

— Ó minha senhora — disse a pobre mulher como-vida. — perdõe-me ! Eu não a queria afligir.

Clara, impressionada, não abandonava a sua idéa.

— Mas... é impossível ! — prosseguiu ella, depois de ter olhado ainda uma vez para o sobrescrito da carta : — êle, que tem sabido conservar-se há tantos anos separado dos partidos e estimado de todos, não ia agora jogar a vida para deixar a pobre mulher viúva e a filha órfã ! Não !... Olha, Rosa, eu ainda não acuso aquelle que é só no mundo e se deixa levar pelo calor dos partidos até lhe chegar o triste desengano, que é o que tem acontecido ! Não se deve a mais ninguém, acabou-se ! Agora, quando um homem não pertence só a si, quando à vida dêle andam ligadas outras vidas, então não tem desculpa ! — E voltando-se para a filha : — Mas eu conheço bem o teu pai e não o acho capaz disso.

— Pois não, não, minha senhora; e por êle fico eu. O sr. Luís Maria é um homem muito prudente.

Ouviram-se passos na escada; era Luís Maria. Clara saiu-lhe ao encontro.

— Ah ! até que chegaste finalmente !

— Porquê ?

— Estava ansiosa por ti. Vê esta carta.

Clara entregou o papel e ficou de parte observando o marido, como se quisesse lêr na sua fisionomia, nos seus gestos, o conteúdo da missiva.

— «Urgente» ? ! — exclamou êle, lendo o sobrescrito — e não conheço esta letra ! que será ?

Luís Maria, depois dum instante de hesitação em

que um terrível pressentimento lhe segredava desgraça, abriu a carta e leu para si:

«Meu caro amigo,

«Para evitar compromettimentos não me assino. Vou, porém, preveni-lo de que frei Quintino da Expectação, da ordem de S. Bento, acaba de dar uma grave denúncia contra si. Trate immediatamente de pôr-se a salvo, pois ameaça-o grande risco.»

Luis Maria deu largas à sua indignação.

— Ah ! cumpriu a promessa, o malvado !... Esconder-me, eu ? Porque ? De quem ? Qual é o meu crime ?... Não ! esperarei aqui a justiça ! serei eu que interrogarei o juiz !

— Mas o que foi, homem ? Dize, querem prender-te ?

— Querem prender o pai ? !

— Querem.

— Mas porquê ? que mal fizeste, Luis ? Oh ! os meus pressentimentos !

— Não sei... Olha: vai perguntá-lo ao snr. frei Quintino.

— Pois ele sabia-o, e não te preveniu ?

— Não... Esse santo homem, que nós acolhemos, a bem dizer, como um irmão mais velho, e cujo hábito beijáveis ambas, esse santo homem antes quis prevenir a policia ! Foi denunciar-me !

— A ti ? !

— O snr. frei Quintino ? !

— Esse mesmo — confirmou Luis Maria entregando a carta a Clara, que a leu ávidamente. — Oh ! mas não me esconderei ! Seria o único documento que esses miseráveis teriam contra mim, seria culpar-me aos seus olhos ! Esconde-se o culpado; o inocente não foge, espera !

— Luis ! Luis ! — exclamou Clara suplicante, tendo concluido a leitura; — pela tua vida, pelo futuro da nossa filha, por tudo o que há de mais sagrado, foge, esconde-te, não apareças, Luis, que te prendem !

— Fuja, meu pai ! — soluçava também Leonor, caindo-lhe aos pés. — Pelo amor de Deus, fuja ! Olhe que o podem matar !

Rosa, a distância, com os olhos a nadar em lágrima,

mas, contemplava aquella scena dolorosa, e murmurava:

-- Que desgraça!

-- Mas se nada disto pode ser! -- bradava Luis Maria bracejando. -- Se não há uma única prova! -- E como se esta última palavra lhe despertasse no espirito a idéa da existência de alguns papéis compromettedores, dir-se-ia que o sangue lhe refluiu ao coração e uma palidez súbita lhe desmaiou a côr afogueada do rosto. -- Ah! as cartas! Onde estão as cartas do Frederico? Que é das cartas de teu sobrinho? Vai buscá-las! Quero vê-las!

-- As cartas, -- murmurou Clara depois de um instante de hesitação, apoiando-se a um móvel para não cair -- pediu-mas o sr. frei Quintino.

-- E tu... dêste-lhas?

-- Eu... dei.

Luis Maria sentiu como que a lâmina fria dum punhal atravessar-lhe o coração. A energia, que não o tinha abandonado, desapareceu inteiramente. Naquele instante mediu a profundidade do abismo, que tinha a percorrer na queda; e exclamou, apertando a cabeça nas mãos, com grande acento de dôr:

-- Ah! mulher! mulher! agora sim, que me perdes-te!

-- Mas fuja! -- não cessava de bradar Leonor. -- Fuja quanto antes, meu querido pai!

O mesmo rapaz, que tinha trazido a carta, entrou de novo, esbaforido, quâse sem fala.

-- Patrão, patrão! -- disse elle a custo. -- Pararam á porta uns soldados e vem aí atrás de mim um homem da justiça!

-- Bem -- murmurou Luis Maria esforçando-se por aparentar serenidade, que não tinha. -- Já não há tempo de fugir. Ao menos vê-se que o sr. frei Quintino é um homem de palavra!

A porta da sala appareceu um official de justiça seguido de quadrilheiros. Estes tomaram as entradas da sala a uma indicação do primeiro, que se adiantou pedulante, com o chapéu na cabeça, adornado com um tope azul e encarnado; do pulso pendia-lhe, suspenso dum cordão, um pequeno cacele de sobreiro.

Tendo dado um empurrão ao caixeiro, que lhe ficára no caminho e relanceado a vista para Luís Maria, o patrazana — como então chamavam a êstes fieis servidores das justiças do seu tempo — tirou um papel da algibeira e desdobrando-o, leu:

— «Luís Maria Veloso...» — E dirigindo-se ao negociante, num tom desabrido: — «Está preso! Venha comigo.»

Durante êste rápido lance, Clara e Leonor como que tinham ficado alheias ao que se passava. Clara estava quâse desfalecida; Leonor mal podia crêr o que presenciava; mas apenas ouviu a terrível ordem, soltou um grito e correu a lançar-se de joelhos aos pés do aguasil.

— Oh! snr.! mas meu pai está inocente, — clamava a infeliz juntando as mãos — meu pai não fez mal a ninguém!

— Isso é lá com êles! — voltou o homem do cete.

Luís Maria tinha-se dirigido a Clara, pálido, abatido. Ela caiu-lhe nos braços sufocada em choro.

— Clara, abraça-me — disse-lhe o marido. — Eu sei que não és culpada, não. Crédula e boa, não supunhas tanta maldade junta. Depositaste, como eu depusitei, uma cega confiança num malvado, que se embuscou no seu hábito de religioso para nos roubar a alegria, o sossêgo, a felicidade, denunciando teu sobrinho e atirando-me para o fundo dum cárcere!

Clara soluçava sempre.

Entretanto Leonor arrastava-se aos pés do patrazana, e tomando-lhe a mão:

— Por quem é, snr.! não leve preso o meu pai!

— Deixe-me, criatura! — exclamou o agente da lei, arremessando de-bruços, por um movimento rude, a chorosa menina; depois voltou-se para o negociante:

— Olá! — bradou-lhe — toca a aviar que eu tenho mais que fazer.

Luís Maria correu a levantar a filha:

— Anda cá, meu amor — disse-lhe êle, quâse sufocado pela comoção profunda que lhe embargava a voz. — Basta de humilhações aos pés de miseráveis! Não

chores ! Eu tenho fé que ainda hei-de voltar ! Olha, Leonor; faze muito por seres uma mulher de juízo... e segue sempre os conselhos de tua mãe, minha filha !... Snr.^a Rosa, não se esqueça de as vir ver. É agora que elas mais precisam da sua companhia. — E cingindo as duas num abraço, mãe e filha, murmurou sufocado: — Adeus ! adeus !

Depois, quando já se retirava a passos vagarosos, correu a tomar uma das mãos da esposa, que desfalecia, e disse-lhe ainda:

— Clara, minha pobre vítima... desde já te perdão... se um dia subir as escadas da forca !

E de arremetida, por um esforço desesperado, partiu seguido dos quadrilheiros.

Clara soltou um grito, deu um passo para a porta, e caiu como fulminada.



TERCEIRA PARTE

MARTÍRIOS

I

No cárcere Uma visita à cadeia

Acusado de se conservar em correspondência activa, na qual se faziam as mais criminosas referências «ao paternal governo de Sua Majestade el-Rei», com um traidor, e como tal julgado e condenado, Luís Maria entrou nas cadeias da Relação no meio de seis quadri-lheiros, comandados pelo aguazil que effectou a prisão.

Tinha-se juntado algum povo pelo caminho e os comentários, de quem os conheciam o negociante, eram-lhe em extremo honrosos e unânimemente se attribuía a vingança particular o motivo da sua prisão.

Entretanto, Luís Maria, atirado para o fundo duma sombria masmorra, em companhia de alguns desgraçados e de verdadeiros facinoras, entregava-se aos mais dolorosos e confusos pensamentos.

E via-se perdido, quâse irremediavelmente perdido, entre quatro paredes com grandes nódos escuras de limo, formando desenhos caprichosos, como grandes

mapas, recebendo luz por dous postigos gradeados de ferro, numa atmosfera de ar viciado, — mais para sufocar do que para respirar, diziam os que de lá saíam.

A noite atirava-se para uma enxêrga, cuja palha já moída e usada lresandava a mófo, e cobria-se com uma vêlha manta cheia de buracos.

O alimento, um caldo desenxabido e requentado, vinha-lhe para êle e para os companheiros, da Santa casa da Misericórdia duas vezes por dia.

Debalde Clara tentou fazer chegar até êle um colção, um cobertor, uma sôpa. Não havia ordem de receber cousa alguma para os *malhados*.

Seria tentativa sem resultado satisfatório descrever o estado de espírito de Luís Maria naquela masmorra, convivendo com homens depravados, ouvindo a cada momento as frases mais lorpes, as expressões mais rasteiras, e, quando pretendia extremar-se demasiado dêsses miseráveis, as ameaças mais ferozes.

Os desgraçados, a quem a infâmia duma denúncia, oblida por meio de sugestões ou extorquida pelo confissionário, também havia arremessado para ali, viam-se igualmente forçados a confraternizar com os facinoras, muito mais considerados na prisão do que êles, e para quem não havia os refinamentos de crueza com que os distinguíam particularmente.

Entre as vítimas do rancor político, que então predominava, encontrou o honrado negociante o infeliz livreiro, cuja prisão Rosa tinha referido, e que se effectuára por denúncia dum piedoso frade, que lhe encontrou na loja, para encadernar, um *Manual do Mação*.

Luís Maria ouviu-lhe a história, e julgou-o ainda mais infeliz do que a si próprio.

— A esta hora, que será feito da minha pobre Maria, tísica, e dos meus cinco filhos, sem pão para comer?... E há já três meses que me teem aquí, sem esperanças de sair lam cedo !

— Mas que exigem êles do snr. ?

— Que lhes diga o nome do freguês que me deu o *Manual* a encadernar.

— Porque o não diz ?

— Entendo que não o devo dizer. A pessoa que me

levou êsse livro a minha casa fez-me conhecer o perigo que eu corria, se êle fôsse encontrado; respondi-lhe que não tinha dúvida.

«— Mas se o livro fôr descoberto e o snr. fôr preso, dirá quem lho deu» — perguntou-me êle pouco resolvido a entregar-mo.

«— Juro-lhe pela boa sorte dêstes meninos, que a minha boca não se abrirá para lhe dizer o nome» — tornei-lhe eu.

«Êle entregou-me a brochura. Um desleixo meu foi o causador de tôda esta desgraça. Agora acha que devo perder quem me trazia o pão para a mulher e para os filhos, e usou de tanta lialdade comigo?»

— O snr. é um homem honrado, — volveu Luís Maria cheio de indignação — mas êstes miseráveis é que não podem nem sabem comprehender a nobreza da sua alma, e o snr. ainda tem muito que sofrer.

— Paciência. Deus se compadecerá daquela infeliz e daqueles inocentes, que não teem culpa de nada. Não me dói a consciência por ter feito uma acção má.

Clara vivia no maior desespero, ignorando noticias do marido, não sabendo se era vivo, ou se era morto, se residia ainda na Relação ou se o tinham mandado nalguma teva de presos para outra cadeia do reino, como às vezes acontecia.

Chorava, definhava-se por isso, e Leonor, em quem era igual a pena, esquecia as próprias dores para consolar a pobre mãe, dando-lhe palavras de resignação e conforto.

Um dia veio Rosa visitar as duas senhoras e achou-as lavadas em lágrimas.

Completava quarenta e dous anos o negociante, e havia um que tinha tido à sua mesa frei Quintino e o afilhado.

Que recordações !

— E não saber nada dêle ! — soluçou Clara.

— Mas vou lá eu saber. Quer a snr.^a que eu vá lá ? — disse a corajosa mulher.

— Não ! não ! faziam-te o mesmo que me fizeram a mim.

— Não tinha medo ! Não que eu havia de usar de outra maneira que a snr.^a usou.

— E depois ?

— Depois falava com o snr. Luis Maria.

— Seria capaz disso, ama ?...

— Tanto era que vou lá — disse Rosa pondo o capote. — A gente é p'ra as ocasiões. Ora as minhas senhoras vão ver como dou conta do recado sem aquela nenhuma.

Clara, ao mesmo tempo que sentia o alvoroço do contentamento, experimentava o retraimento do medo, o receio.

— Pois sim, vai... mas não... podem prender-te; não quero...

— Qual prender ! O que fôr, soar. A snr.^a quer que lhe dê algum recado ? E a minha menina ?

— Diz'-lhe... diz'-lhe... Espera... Meu Deus ! não me acode nada de tanto que tinha para lhe dizer... Olha... diz'-lhe quanto nós temos sofrido... conta-lhe tudo... a minha visita à cadeia... tudo... Ah ! espera ! — exclamou Clara correndo à antiga secretária do marido — aqui tens: guarda este lápis e este papel... pode ser que elle queira escrever algumas palavras... mas cautela à saída, que não te revistem... Anda, vai... fico em ânsias.

— Vou já. E a minha menina ?

— Eu... sim, diga-lhe que lhe mando muitos abraços... e que... — as lágrimas sufocaram-na.

Rosa desceu apressada para a rua.

Clara e Leonor ficaram outra vez sós.

Expliquemos uma referência de Clara, no decurso do diálogo precedente — a sua visita à cadeia.

Um dia de manhã, Clara preparou-se para sair.

Vestiu a sua saia prela, deitou sobre os ombros o seu chale com flores bordadas, pôs a sua mantilha de lapim. Em todos os seus movimentos denunciava

uma resolução premeditada e assente; tinham-lhe secado os olhos, em que havia uns lampejos de febre.

— Onde vai, minha mãe? — perguntou-lhe Leonor quãse assustada.

— Vou à loja da rua das Flores; preciso de falar com o Francisco, mas não me demoro.

O Francisco era o sócio e ex-caixeiro de Luis Maria.

Clara saiu. Ia apressada, o que não era seu costume, e não reparava em ninguém, como pessoa que vai possuída de uma idéa fixa e não pensa senão em executá-la.

Desceu a rua do Loureiro, atravessou a praça de S. Bento em direcção aos Congregados, seguiu paralelamente à Praça Nova, de triste recordação, meteu à calçada dos Clérigos e aponhou para a Porta do Olival...

Evidentemente não ia falar com Francisco, à loja da rua das Flores, como dissera.

E disse mesmo teve a certeza Leonor, que, vendo demorar-se a mãe, mandára ao cabo de uma hora a criada ao antigo estabelecimento de Luis Maria.

Nem mesmo tinha aparecido lá.

Imagine-se o desespero da infeliz criança.

O pai sabia ela que estava preso; mas a mãe? tê-la-iam prendido também?

No fim de duas horas Leonor ouviu passos e vozes confusas no portal. Correu abaixo, dominada por um pressentimento horrível.

Pálida como uma defunta, com os olhos cerrados, a face ensangüentada, um grande ferimento na testa com curativo de pano adesivado, os cabelos empastados, a saia rasgada, imóvel, assim Leonor viu a mãe estendida sobre uma maca de lona, que uns homens lhe tinham trazido a casa, e que muito povo acompanhára, comenfando o caso e vociferando.

Leonor soltou um grito agudíssimo, lançando-se sobre o corpo de Clara, supondo-a morta, e erguen-a nos braços.

Veio um cirurgião, que tinham ido chamar.

Mandou conduzir a maca para o quarto de Clara, fez com que deitassem a enfêrma cuidadosamente na

cama, e affiançou, que não oferecia gravidade o golpe que ela tinha na testa; recomendou também que não lhe fizessem perguntas, que, no caso de não se lembrar da origem do ferimento, lho explicassem da maneira mais natural e simples, terminando por anunciar uma nova visita para mais tarde.

Leonor, chorosa, atribulada, esperou à cabeceira da mãe, que ela abrisse os olhos.

Fê-lo daí a pouco, mas, como o previra o facultativo, não se lembrava de coisa alguma...

Eis o que tinha ocorrido:

Clara, triste, abandonada, sem notícias do marido, havia tomado uma resolução heróica, de que nunca se julgára capaz, ela tímida, irresoluta, medrosa, com tôdas as hesitações duma educação claustral; — ir ver o homem à Relação.

Foi naquele dia.

Ao encarar com o enorme e sombrio edificio, que lhe guardava o marido, Clara sentiu vergarem-lhe os joelhos e a luz fugir-lhe dos olhos.

— É ali! — murmurou ela, parando; depois, como se lhe tivesse renascido uma nova coragem, ao cabo de alguns instantes de contemplação muda, disse com viril energia: — Vamos!

E entrou pela porta de serviço para as prisões.

Ignoramos se o leitor penetrou alguma vez naquele medonho casarão, — devido à iniciativa de D. José de Almada; mas se não entrou lá nunca, evite transpôr-lhe os humbrais, mesmo como visitante, porque se poupa às mais desagradáveis sensações, que necessariamente desperta a contemplação de tudo o que há de ignóbil, de sujo, de imundo e que se aglomera ali dentro.

Um inocente, sob aquelas abóbadas, deve julgar-se criminoso aos seus próprios olhos. A atmosfera naquele recinto é pesada, espessa, os corredores escuros, as enxôvias húmidas, fétidas, o aspecto dos vários compartimentos gélido, em tudo aquilo há uma grande repelência, e ansiamos pela franca luz do sol, pelo bom ar livre.

Ah! quando deixamos aqueles muros, parece que

retornamos uma vida nova. respiramos a largos haustos, e instinctivamente nos afastamos dêsse edificio lúgubre, só porque nos demoramos lá dentro numa rápida visita de cincoenta minutos.

Lembre-mo-nos agora de que há quem demore ali anos, recebendo aquella luz escassa e triste, inundando os pulmões de aquele ar estagnado e corrupto, contemplando aquelas espêssas paredes húmidas e rachadas, e dêmo-nos por felizes em vivermos num tempo em que, para ser arremessado a um tal antro, se faz mister que um homem tenha a responder — por um crime.

Clara transpôs o pequeno pátio lamacento da entrada, sem mesmo reparar na sentinela, subiu os dois lanços da escadaria de pedra, cujos degraus estão já gastos da passagem constante de quem sai e de quem entra, e chegou a uma porta feita de grossas cruzetas de ferro.

Um homem, que estava por dentro, tomou uma enorme chave que trazia com outras à cinta, meteu-a na fechadura e tendo-lhe dado uma volta, fez rodar pesadamente a porta sôbre os gonzos.

— Que quer vocemecê? — interrogou êle.

— Desejava falar com o preso Luís Maria Veloso.

— Onde está?

— Aqui, preso.

— Não lhe pergunto isso. Em que enxôvia?...

Neste momento sobreveio um homem de longas barbas, sobranceiras espêssas e péssima catadura. Era o carcereiro das cadeias da Relação, condigno instrumento nas mãos dos inquisidores daquela época.

A vista dêsse homem, que ela não conhecia mas cuja presença aterrava como a do carrasco, a infeliz espôsa do negociante sentiu percorrer-lhe o corpo um vago calafrio.

— Que é isso? — perguntou ao chaveiro com desabrimento.

— Esta santinha quer falar com um preso.

— Que preso é? como se chama?

Clara repetiu o nome do marido.

— Ah! bem sei! um mariola de *malhado*, que cons-

pirava contra el-rei Nosso Senhor e contra a Santa Religião com outros patifes da igualha d'ele, que estão no estrangeiro ! O que eu tenho pena é de os não agarrar também cá. Um dia havia de ir tudo raso, a golpes de machado, que é o que merecem todos !

— Mas, senhor, meu marido está inocente ! — disse com voz humilde Clara, por entre lágrimas.

— Qual inocente ! É tudo uma canalha ! e então esse tal Luís, que maroto !

— Por quem é, meu snr. ! — insistiu Clara, caindo de joelhos e tomando-lhe suplicante a aba do casaco de grosseira saragoça.

O carcereiro, num gesto de arremêso, empurrou de si a pobre senhora. Ela estava à beira da escada, e perdendo o equilíbrio, foi cair de rosto, sobre a aresta de um dos degraus, rolando depois até ao primeiro patamar, onde ficou estendida e sem acôrdo.

O carcereiro, ao ver a desastrosa queda, encolheu os ombros e resmungou:

— Vai-te c'os diabos !

Depois, voltando as costas, mandou ao chaveiro que corresse a lingueta da fechadura à porta gradeada.

Mais tarde umas mulheres, que saíam de ver alguns presos, encontrando aquele corpo inerte com a testa ensangüentada e a mantilha e a saia com grandes rasgões, ergueram-no, e com o auxílio de mais alguém lá o conduziram à Santa Casa, até lhe fazerem o primeiro curativo, sem contudo voltar do desmaio: e como apparecesse, quem indicasse a habitação da infeliz senhora, deitaram-a numa maca e assim a conduziram para casa.

Ora, a pequena distância da scena que descrevemos, na cadeia, Luís Maria, sentado na sua enxérga, com a face apoiada nas mãos, perguntava a si mesmo, cheio de amargura e desânimo:

— E Clara ? e Leonor ? que será feito daquelas infelizes, meu Deus ?...

II

Mulher corajosa

Decorreu uma hora e mais, sem que Rosa voltasse.

— Jesus ! que sucederia à pobre mulher ? se foi sacrificar-se por nossa causa !

— Tenha mais confiança, minha querida mãe.

— Confiança... em que, Leonor ?

— Em Deus, que é bom. Quer que lhe diga ? Eu nem um momento só perdi a esperança de tornar a ver o pai.

— Na tua idade, é tão fácil viver-se de esperanças ! Oxalá que assim fôsse !... Ainda agora seismava nisso mesmo.

— E então ?

— Pensava que, para o desengano não ser tão cruel, era melhor trocarmos a esperança pela resignação. Aquela gente, filha, não sabe perdoar.

— Mas se o pai não é criminoso !...

— Que importa isso ? Bem mo tinham dito. O que elles querem é um pretexto. Os juizes bem hão-de saber que teu pai não conspirava, sabe-o perfeitamente êsse maldito frade, o Senhor me perdôe... e contudo, mandaram-no já soltar ? Pelo contrario; há todo o rigor com êle, nem que fôsse um salteador de estrada. Lembra-te do que me aconteceu há seis semanas, quando fui para o visitar. Injuriaram-no, injuriaram-me a mim, e ao cabo, como teimasse em o querer ver, empurraram-me, e eu caí pelas escadas...

— Minha querida mãe !

— E aqui tens como foi a minha primeira e última visita à Relação para ver o teu infeliz pai. Não me atrevi a ir lá segunda vez.

— Para que ? Para a tornarem a insullar e baterem-lhe ainda em cima ? Ah ! o primo Frederico tinha bem razão em odiar semelhante gente !

— Contudo — obtemperou Clara — se não fôsse êle...

— Não o vá acusar também, minha mãe.

— Quem te disse que eu ia acusá-lo? Havia de ser assim por força. Estava escrito. Demais disso, elle não o adivinhava. Da nossa parte é que foi uma imprudência não lhe queimarmos as cartas. E a Rosa, que se demora!

— Foi porque sempre conseguiu falar com o pai. Quanto mais tempo se demorar, melhor.

— E se não volta?

— Meu Deus! não será isso! Veremos.

— Sim, filha, veremos, se não lhe aconteceu o mesmo que me succedeu há mês e meio: se não a deitaram por alguma escada abaixo!

— Não diga isso, minha mãe! Pois seriam capazes...?

— Não mo fizeram já a mim?

— É verdade!... Pobre Rosa! se vinha a ser vítima sua dedicação!

— Depois, é tam desprecitada! tam imprudente!

A porta da sala abriu-se. As duas senhoras voltaram-se em sobressalto.

Era Rosa.

Uma exclamação de alegria acolheu a boa mulher.

— Ora aqui me tem as snr.^{as}! — disse ela radiante de contentamento e ofegante de cansaço.

— E então? sempre falaste com elle? — perguntou Clara ansiosa.

— Falei, sim, minha senhora. Pois não havia de falar?

— Que fortuna! — exclamou Leonor. — Ainda bem, ama.

— Louvado seja Deus! E como está o meu homem? Parece outro, não é assim?

— Outro, não parece. Mas está muito mais abatido e tem o cabelo quáse todo branco, minha senhora.

— Em cinco meses! Quanto deve ter sofrido aquella alma, Deus do céu!... Mas conta, conta. Diz-me o que se passou. Estou tôda trémula.

— Foi assim — encefou a boa mulher desembaraçando-se do capote: — Como a snr.^a D. Clara me tinha dito que elles não deixavam falar com o snr. Luis Ma-

ria, vai eu então indaguei cá por fóra quem era o preso, que estava assim mais em harmonia com o carcereiro. Era um homem de apelido o Relôxo, que tinha não sei quantas mortes e um roubo de igreja.

«Vai eu entrei pela Relação dentro, subi muito resoluta a escada de pedra, e quando cheguei ao cimo, eis que me appareceu a uma porta gradeada um barbaças com mais de trinta chaves, a perguntar o que eu queria; disse-lhe o nome daquele mau homem, e então elle a resmungar abriu-me a grade e guiou-me por onde eu havia de ir.

«Ah! minha senhora! que medonho é aquillo tudo lá por dentro! umas abóbadas muito altas e muito defumadas, umas paredes muito negras, uma luz muito escassa e um cheiro, oh! minha senhora! um cheiro que fazia andar a cabeça à roda; e depois, ao fundo de cada corredor, uma janela só com varões de ferro da grossura do meu braço!

«Que susto, meu Deus! até cheguei a imaginar se estaria também presa! Na minha salvação que, se não fôsse por amor das senhoras, tinha logo tornado p'ra trás! Fiquei mesmo em suores frios.

— Como te hei-de agradecer! — exclamou Clara tomando a mão da prestimosa criatura.

— Ó minha senhora! oxalá não fôsse preciso nada disto.

— E depois? — cortou Leonor.

— Depois, minha menina, comecei a perguntar pelo sr. Luís Maria a uns homens que me pareciam guardas e a dar os sinais dêle. Vai eu tanto andei, tanto perguntei, que por fim acertei! Já era tempo!

«Foram-no chamar.

«Quando me viu pelo grades, disse o meu nome, e largou num choro, como se fôsse uma criança pequena...

Clara e Leonor soluçavam; Rosa enxugou com a ponta do lenço da cabeça uma lágrima, e prosseguiu:

— Só se lhe destacavam as barbas quâse brancas naquela quâse escuridão. Parecia um vêlho.

«Depois, perguntou-me pelas senhoras, como passavam, se a sr.^a D. Leonor estava animada, se a sr.^a

D. Clara já não chorava tanto: enfim, não me falou doutra coisa enquanto lá estive. Eram as perguntas umas atrás das outras, que nem me dava tempo de lhe responder; e confiou-me um recado p'ra a senhora...

— Sim? que é?

— Eu disse-lhe que a senhora me tinha dado uma pena de lápis e um papel para o caso em que lhe quisesse escrever duas regras..

— E elle escreveu? Onde está o papel?

— Está aqui, minha senhora — tornou a ama tirando um bilhete do seio, e prosseguiu: — Enquanto o guarda ia até ao fundo do corredor, eu passei-lhe pelas grades o papel e o lápis. Depois elle escreveu este bilhete... Mas antes preciso de explicar à senhora uma coisa. O sr. Luis Maria perguntou-me se tinha cá tornado a casa o marolo do beneditino; eu disse-lhe que não, e então elle recomendou-me que, se apparecesse, as senhoras não lhe dessem ouvidos; que não estava contente de o ter desgraçado a elle, e queria também desgraçar a menina.

— A mim?! — exclamou Leonor, assustada.

— Como?

— Pelos modos a idéa de sua reverendíssima era que a sr.^a D. Leonor lhe casasse com o gêbo do afilhado por amor do dinheiro.

— Bem me quis parecer! — murmurou Clara.

— E foi por o sr. Luis Maria recusar, que elle o denunciou à justiça — acrescentou Rosa baixando a voz e debruçando-se para a esposa do negociante em ar de confidência.

— Que malvado!

Leonor tinha empalidecido.

— Agora faça favor de lêr o bilhete — rematou a boa mulher.

— Mal se percebe — disse Clara esforçando-se por decifrar o conteúdo. Por fim, a espaços, foi lendo:

«Minha boa Clara. Estou inocente como sabes, e diz-me a consciência que serei absolvido. É esperar mais algum tempo...» Deus permita! Oh! se ainda chego a abraçá-lo!

— Pois porque não, minha senhora?

— Que lhe tenho eu dito, minha mãe?

— Quem sabe ainda? O futuro a Deus pertence. — E prosseguiu na leitura: — «Tenho sofrido muito, minha pobre Clara! Aqui é quase sempre noite e mal se respira nestas enxôvias. Quando sair, temo asfixiar com tanto ar e cegar com tanta luz. Já estou desacostumado.

«Não te queria falar num homem, mas não há remédio. Se ai aparecer frei Quintino a renovar uma proposta, que me fez poucos dias antes da minha prisão, manda-o embora. Eu não accitaria a liberdade que me viesse dum semelhante comércio. Confia na minha inocência e nada receies.

«Um abraço para ti e outro para a nossa Leonor. Cá fico esperando. *Luís.*» Que resignação a sua!

— Lá resignado está ele, minha senhora!

— Ai, Rosa! que nem tu sabes o bem que me fizeste! — exclamou Clara tomando cheia de reconhecimento uma das mãos da criada e com os olhos a nadar-lhe em lágrimas. — Metade da minha vida, que tu me pedisses por esta hora de satisfação, era tua, dava-la eu, que não há dinheiro que a possa pagar.

— A sua vida, minha senhora?... Guarde-a, que loda ela, pouca é para a gastar ao pé deste anjo, que ainda ontem começou a abrir os olhos para o mundo. — disse Rosa apertando nos braços Leonor. — Mas eu não acabei. Depois...

— É verdade; e depois?

— Passou-me o bilhete, que tinha escrito, e perguntou-me se o sr. Frederico... — outro infeliz, louvado seja Deus! — tinha continuado a escrever.

— E tu que lhe disseste?

— Disse-lhe que não. Acho que acertei.

— Acertaste; parece que adivinhou esta desgraça. Nunca mais tornou a dar noticias suas!

— Isso lá, quem sabe o que está para acontecer! Eu ouço contar tanta coisa, minha senhora! Até já me disseram que esses emigrados, que andam fugidos lá pelo estrangeiro, como o sr. Frederico, se juntaram todos aí numa ilha longe, para virem depois sobre estes homens do governo e põem-nos daqui p'ra fóra!

— E o primo também virá, Rosa? — perguntou Leonor, cheia de alvoroço e com os olhos brilhantes por uma alegria súbita.

— Não creias em nada, filha — atalhou Clara, a quem as repetidas provações tinham tirado tôda a esperança num futuro melhor. — Deus não há-de permittir que vejamos tamanha desgraça.

— Desgraça, minha senhora?!

— Sim; que dúvida! Não escaparia nenhum. Seria um espectáculo mil vezes mais horrível do que em maio de há dois anos. Matá-los-iam a todos! Olha que matavam! E quem sabe até se teu pai escaparia!

— Jesus, senhora! Eu nunca vi quem fôsse mais desanimado! Mal de nós se estas coisas não mudassem, fôsse lá de que maneira fôsse!... Quanto ao sr. Luis Maria, êsse, como disse, mandou muitas saudações às senhoras, pediu-me que tornasse lá cedo, e assim que me vim embora, começou a soluçar agarrado às grades de ferro, que eu já descia as escadas de pedra, e ainda o ouvia gemer lá dentro.

Clara e Leonor não cessavam de enxugar os olhos.

— Que tormentos!

— Meu pobre pai!

— Emfim, minha senhora, quando me pilhei cá fora, parece que me tiraram oito arrobas de cima do peito! E mais não vinha de estar presa! que fará aqueles que a sua desgraça alirou para o fundo dessas enxôvias!

— É verdade!... Mas tu hás-de lá tornar, sim?

— Torno, minha senhora; de hoje a oito dias vou lá outra vez.

— Agradecida! muito agradecida! conto contigo!

— É muito nossa amiga, pois não é, Rosa?

— Ó minha menina! o que eu não fizer às senhoras, é porque o não faço a mim mesma, podem ter a certeza! Mas isto hão-de ser horas de meter as couves na panela, e eu não queria falar com o caldo ao meu Anlónio.

E tendo posto o capote.

— A sr.^a D. Clara não quer mais nada?

— Quero que continues a lembrar-te de nós e não

le esqueças do que me prometeste, de vollaes à Relação a veres como êle está.

— Fica ao meu cuidado.

As duas senhoras acompanharam a boa mulher até à porta da sala. Aí Rosa voltou-se a beijar Leonor como lhe fazia em pequena.

— Adeus, minha querida menina — disse ela.

— Adeus, ama.

— Vai, Rosa, vai. Deus te dará o pago de tanta dedicação.

III

O Pôrto nos felizes tempos

Era por principio de março de 1832, e ao Pôrto havia chegado a noticia, que Rosa lha transmilido a Clara e a Leonor, — de que os emigrados se haviam reunido na Ilha Terceira e formavam um corpo de exército, com que viriam a Portugal combater pela liberdade da pátria e contra o usurpador.

A noticia dêste ousado comelimento por parte dos foragidos, exasperou os defensores do trono e do altar, que levaram ao requinte da malvadez e da covardia a sua perseguição contra tudo o que se lhes afigurava professar idéas contrárias.

A grande malta dos caceteiros tinha ampla liberdade de perseguir a bordoadas ou de deixar estendidos nas ruas e becos, por morfos, os individuos em quem enxergavam suspeilas de liberalismo: o mais leve indício, o mais insignificante descuido bastava.

Dois botões do coleto desapertados;

Um objecto qualquer azul e branco, um lenço, uma flor;

A demorada contemplação do mar, de qualquer eminência da cidade, — da alameda da Lapa ou do sítio da Torre da Marca.

«Ah! o malvado tinha a petulância de se esquecer

a olhar para o Oceano, como quem espera ver assomar na linha do horizonte os rebeldes, que andam a conspirar no estrangeiro contra o altar e o trono?

«Ah! o miserável tinha o descoco de se ficar embobido na contemplação do torpe elemento, que, alfanheiro e rebelde como elles, se dava a impudência de ter ondas *azúis* franjadas de *branco*?

«Pois que sofra! que apanhe! E o Oceano, êsse atrevido, que se dê por muito feliz em não apanhar também, como nos bons tempos de Nerves.»

E não era tudo: caso inacreditável, mas infelizmente verdadeiro, que dá a medida do fanatismo e da maldade dos *fieis vassallos*: mais de um cidadão sofreu — por ter os olhos azúis!

— Enfim, por tudo se espaneava, por tudo se accusava, por tudo se perseguia.

E aí daquelle que tivesse um inimigo perverso, que não poderia eximir-se a todo êsse cortejo de infâmias, que pesavam sobre os caracteres mais ilibados e pelas quaes teria de responder num tribunal!

Comandava a quadrilha dos caceteiros, que trazia em sobressalto a cidade, composta de gente essencialmente pacífica, um capitão de infantaria 12, por êsse tempo de guarnição no Porto, de nome Pila Bezerra.

Este homem, dotado de instintos baixos e ferinos, representava, na sua acanhada órbita de acção, tudo o que o despotismo encerra de odioso e de vexatório para um povo.

As justças de el-rei, que fingiam ignorar as suas correrias e perseguições, aplaudiam tácilamente os seus feitos. Também, quando havia presos politicos a remover de prisão, era êle de ordinário o encarregado de comandar a escolla. Depois, nunca o total dos presos, que chegavam ao seu destino, acordava com o numero dos que tinham partido. É que, durante o caminho, pela estrada, ficavam sempre alguns a quem uma bala compassiva ou uma caridosa bordoadá fazia o favor da morte.

Era um benemérito da causa santa do trono e do altar, Pila Bezerra. Por isso êle com os do seu bando tinham a animadversão de todo o Porto liberal, animad-

versão surda, reservada, tãcita, que se ia acumulando de novos ódios com os novos vèxames a que diàriamente sujeitava na praça pública e nas encruzilhadas cidadãos honestos e bemquisllos; e por isso também possuía a grata consideração das autoridades e a amizade entusiástica dos vassallos fiéis.

Entre os desta categoria avultava frei Quintino, que, intolerante com o partido contrário enquanto se conservára nas relações de Luís Maria, se tornára inexorável desde que viu parte dos seus cálculos em desaminho dum feliz resultado.

Estamos na terceira dominga de quaresma, e frei Quintino espera na sacristia da igreja de S. Bento, no meio de um grupo dos admiradores da sua oratória *sagrada*, a hora de subir ao púlpito.

Entre os que o cercam vêem-se o secretário particular do snr. bispo do Pôrto, D. João de Avelar, o superior dos *crúzios* da serra, dois cônegos da colegiada de Cedofeita, o abade da Sé, e ainda outras personagens gradas sem esquecer um certo juiz do crime, cuja prole, devorando hoje à mesa do orçamento *liberal*, não faz por isso menos honra às idéas, que levavam o avô a continuar no tribunal a encetada obra dos espíões assalariados a bem do altar e do trono.

Falava-se do assunto palpitante: o desembarque dos emigrados na Ilha Terceira e a simpatia que os habitantes da ilha manifestavam pela nova causa.

— Que importa isso? — dizia o bojudado abade da Sé, com um sorriso escancarado. — O que nós queremos é que elles se juntem todos, para acabarmos a facchina mais depressa.

— Eu nunca vi canalha, que dêsse mais que fazer — observava o juiz do crime. — Pois não é por eu os não despachar para logar seguro! O ponto está em elles me caírem cá debaixo da vara da justiça.

—... Que não é vara, é fueiro — observou um dos cônegos, aspirante a gracioso.

— *Amen* — aprovou o secretário do snr. bispo.

— Efectivamente — observou o juiz — a vara da lei tanto pode ser uma vergasta como um arrôcho; o caso está em considerar o mínimo ou o máximo da pena.

Agora para os meus amigos pedreiros-livres estou sempre...

— Do lado do arróchio — concluía festivamente o abade da Sé.

— Justamente — apoiou o juiz.

Todos riram. Frei Quintino conservava-se silencioso, como recolhido, coordenando as idéas.

Abriu-se a porta da sacristia e aproximou-se do grupo um homem reforçado, de barba preta, olhar esquadrihador e feroz, vestindo uma espécie de jaqueta de pano grosso abotoado até acima, e com um pequeno cacele pendente do pulso por uma correia.

Era Pita Bezerra, que de ordinário substituíra a farda por um fato qualquer, dando para isso as duas razões seguintes:

Estar mais à vontade;

Não ser lam conhecido.

O grupo abriu praça ao temível caudilho, fazendo-lhe uma recepção simpática.

Pita Bezerra beijou a manga a frei Quintino.

Um dos circustantes perguntou-lhe o que havia de novo.

— Por enquanto nada — respondeu o façanhoso capitão, — mas logo espero que não perderei o meu dia.

— Algum *malhado* fresco? — perguntou o abade da Sé com o seu sorriso alvar.

— Se não me enganam os meus rafeiros. É preciso ensinar esta corja. Eu, palavra de honra que já me sinto cansado de desancar tanto maroto; mas vejo que não tomam emenda!

— Nunca as mãos lhe dão! — observou o superior dos cruzios, cerrando as pálpebras com beatilude. — Estão aqui três beneméritos da santa causa, sem desfazer nos restantes: é o nosso reverendo prêgador frei Quintino, cuja eloquência bebida nas sãs doutrinas do Evangelho, desperta nos povos o santo ódio por esses perdidos, sem fé e sem princípios; é o snr. capitão, que lhes recorda o seu erro por meio de correctivos, fazendo-os arrependar a tempo do seu alucinado propósito, e é o snr. juiz do crime, que, na aplicação austera da lei, se empenha em limpar a sociedade

dessa cáfila de ímpios e rebeldes. Bem hajam todos.

— *Amen* — repetiram os circunstantes.

— Quem eu queria pilhar cá, eram os tais esfo-meados da Ilha Terceira! — disse Pita Bezerra fazendo um gesto ameaçador com o cazele. — A esses é que eu havia de pôr o sal na móleira!

— Dizem que se batem como leões — observou timidamente do lado um dos cônegos de Cedofeita.

— Pudéra não! Eles bem sabem a sorte que os espera!

— Mesmo assim, não acredito — replicou da banda o capitão do 12 quáse desabridamente. — Se fôsse outro que o dissesse e não o *sur.* cônego, já lhe ficava com a vista em cima. Desculpe, mas aí anda dedo de *muthado*.

— Em que, *sur.* capitão? — interrogou o cônego enfiando.

— Nessa noticia. Pois é lá possível que uma reles paizanada, que nem sabe como se pega numa arma, se bata como cá os militares, que tem disciplina e tudo? Ora! ora! isso, quanto a mim, é mentira graúda, que esses marotos fazem espalhar p'ra se darem coragem! Pois que venham! que venham p'ra cá, e nós veremos os tais leões, que a final de contas saem p'ra aí uns borregos!

«Mas não tenha medo v. rev.^{ma}, que não hão-de ser êles que hão-de pôr cá os pés. Por essa fico eu! Não que as forças ainda eslão no mesmo silió, e o João Branco mostrou bem que sabia da *poda*!

Palavras de aprovação receberam a tirada de Pita Bezerra, cujos olhos despediam lampejos sinistros.

Na sacristia entraram em fila os religiosos beneditinos que vinham buscar o prêgador.

Frei Quintino com gesto humilde baixou a cabeça aos circunstantes, que lhe abriram caminho respeitosos.

— Vá, vá — disse-lhe o abade da Sé na passagem — e que a sua palavra autorizada fulmine ainda uma vez da cadeira da verdade a mais infame praga, que o inferno vomitou contra nós.

*Frei Quintino incorporou-se ao cortejo, e entrou

no templo de frente baixa, olhos no chão e braços em cruz sôbre o peito.

Ao seu aparecimento houve um rumor simpático no auditório, que pejava o corpo da igreja.

Tôdas as vezes que frei Quintino subia ao púlpito, o concurso dos fiéis era numeroso. Gozava fama de bom prégador, e a sua eloquência arrebatada, cheia de *actualidade*, vibrando golpes terríveis sôbre *essa corja*, enchia de contentamento os corações dos honestos defensores do trono e do altar, ao mesmo tempo que lhes acordava uma santa indignação.

Frei Quintino altravessou as duas renques de religiosos na postura que fica descrita, e subiu lentamente as escadas do púlpito.

Os indivíduos, que o acompanhavam na sacristia, incluindo o capitão, entraram após êle na igreja.

O dia estava triste, húmido, e coava pelas vidraças embaciadas da frontaria e das tribunas uma difusa claridade, que sepultava na penumbra o auditório, composto na máxima parte de mulhierio devoto; mas uma janela, aberta em frente do púlpito, deixando cair nêle tôda a sua luz, fazia destacar a figura esguia e macilenta do prégador, que passou um olhar vago e frio por sôbre aquela aglomeração movediça de cabeças, antes de proferir as primeiras palavras. O padrinho de Anlónio de Pádua escolheu para tema do seu discurso o texto — *Quod est Dei Deo, quod est Cæsaris Cæsari*, — e applicando aos sucessos da ocasião êste mandamento de Cristo, deu em invectivar os liberaes:

«— êsses foragidos da religião e da pátria, que negavam a César o que era de César e a Deus o que era de Deus; êsses desgraçados, em quem o anjo das trevas insuflára o seu sôpro maldito de rebelião contra tudo o que tinha uma origem divina, o altar e o trono; que, como êle, seriam precipitados nos negros abismos infernaes.»

E prosseguiu clamando que:

«Êles tinham sido arremessados a êste mundo, como em tempo o haviam sido as pragas do Egipto, para castigo do povo portuguez, em quem parecia ir acabando o respeito pela religião e pelos seus ministros,

representantes de Deus no espiritual como eram no temporal os reis legítimos.

«Que o facto, porém, de elles terem sido enviados como punição aos nossos delitos, não impedia, antes reclamava o exterminio urgente de tal praga, pois que nisso estava a absolvição dos nossos pecados como serviço prestado à igreja de Roma.

«Que enquanto vivesse um só dèsses rebeldes filiados nas seilas infames dos carbonários, Deus não estaria contente na sua morada celestial nem tam pouco os reis legítimos se considerariam seguros nos seus tronos de origem divina.

«Que Deus perguntaria a cada alma, que se lhe apresentasse a dar contas: — Que fizeste em meu favor na terra? — porque era essa a obra mais meritória, que uma pessoa temente a Deus lhe podia prestar em quanto neste mundo.»

«O ímpio, meus amados ouvintes, — clamou êle neste lance da sua oração — é pior do que a bêsta fêra, que nos espreita na espessura das matas virgens da América ou nas florestas da Africa. Porque êsse animal, de instintos sanguinários, caindo sôbre nós, que faz? rasga-nos e devora-nos as carnes, êste involucre miserável, que, mais cedo ou mais tarde, os bichos da terra nos comerão; mas a alma, essa parte divina de todo o sêr humano, vôa intacta ao seio de Deus. E entretanto, qual é a obra do ímpio? Êle não vos rasga nem devora as carnes, que são mortais; êle pretende, por seus conselhos depravados e torpes doutrinas, roubar-vos a alma, que é immortal, e arrojá-la para todo o sempre nos horrores do inferno!

«É por isso que o ímpio, meus amados filhos, é mais perigoso que um lôbo, ao qual se fazem montarias, e o seu castigo deve exceder tudo que a lei marca para os mais infames assassinos!»

Neste lance do verrinoso discurso, o juiz do crime fez um gesto de aprovação para a direita e para a esquerda, aos circunstantes, que tinham fitado nêle olhares interrogativos e curiosos.

Frei Quintino rematou o sermão aconselhando os seus amados ouvintes «a darem a Deus o que é de Deus

e a César o que é de César», fechando os ouvidos às praticas dessas serpentes enganadoras, filhas da que perdeu Eva no paraíso com os seus conselhos, e que querem perder a humanidade, remida pelo sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo e pelo sacrificio de tantos mártires.

«E se no vosso caminho — foram as suas últimas palavras — topardes uma dessas viboras, esmagai-a com o pé ou chamaí quem a esmague, pois que prestais assim um relevanlissimo serviço ao vosso Deus, que não o esquecerá no dia em que fôrdes chamados à sua divina presença. *Amen.*»

Seguiram-se as três *avè-marias* do estilo: a primeira pelo triunfo pleno da Igreja e extinção completa da impiedade: a segunda pelo prolongamento da preciosa vida de S. M. El-Rei, Nosso Senhor, e do seu feliz reinado; a terceira por quantos tiveram a paciência de o ouvir.

Ajoelhou tudo, e após um breve murmúrio de rezas, começaram a sair os *fiéis*, comentando de um modo assaz lisonjeiro para o prégador aquele novo produto da sua oratória sagrada.

— Isto é que se pode *ver* prégear! — diziam.

— Eu só queria que os *malhados* o ouvissem!

— Ele até deu a entender que quem estripar ou denunciar um *malhado*, apanhava indulgências! não acha?

— Tem uma lógica de ferro! — exclamou o abade da Sé, com os olhos brilhantes da satisfação íntima.

— Que vigorosa argumentação! — apoiava o superior dos cruzios.

— A gente até eria novas *ganas* contra êsses ladrões! — regougou Pita Bezerra, empunhando instintivamente o cacele, que lhe pendia do pulso.

E no resto daquela tarde e noite imediata, pacíficos e honrados portuenses, que não faziam alardo dos seus sentimentos rialistas, foram acossados com mais ardor pela quadrilha do benemerito capitão. Em mais de um sítio, pela manhã seguinte, foram levantados corpos exánimes.

Não tinham caído em *saco roto* as palavras de frei Quintino.



Foram acossados com mais ardor

L. F. Q.

Tal era o lamentável espectáculo que o Porto offerecia em começos de 1832: — o bealério excitado ao fanatismo, o cacele arvorado em lei suprema, a vingança brandindo o gládio da justiça, e por trás de tudo isto, e superior a tudo isto, como numa glória — o esqueleto das forças da Praça Nova, conservadas desde as últimas execuções para escurmento e lição a futuros rebeldes !

IV

Surge frei Quintino

Clara e Leonor costuram próximo duma janela donde lhes vem uma rêslea de sol primaveral.

O rosto de Clara está pálido, cavado; o cabelo, onde começam de apparecer alguns fios brancos, reúne-se-lhe atrás em desleixado monelho; tem o olhar apagado pela permanência das lágrimas. De quando em quando o peito ergue-se-lhe num doloroso suspiro e a mão descai-lhe, mal sustendo a agulha.

Leonor offerece o meigo viço dos seus vinte anos, posto que os transe, que tem atravessado durante o período da prisão de seu pai, lhe tenham impresso no rosto abalido, cansado, sinais da sua passagem. Entrelanto di-la-iam ainda mais angélica, mais formosa e simpática, assim.

De uma das vezes, em que a espôsa de Luís Maria, fatigada mais do espirito que do corpo, deixou pender o braço, os olhares de ambas encontraram-se.

— Que lições que nos traz a adversidade ! — disse Clara, como se continuasse alto o pensamento, que naquella instante lhe trabalhava o espirito. — Vês tu, minha filha ? De tantas pessoas, que nos visitavam, que pareciam interessar-se por nós, estamos reduzidas à nossa antiga criada Rosa ! Quando mais precisávamos de quem nos consolasse, é que nos achamos sós com essa dedicada mulher, que chega a esquecer a sua casa.

os seus filhos e o seu homem, para nos dar uma hora de satisfação, de bem triste satisfação afinal.

— Oh ! mas quem se atreveria a fazer o que ela faz ? !

— É verdade; ninguém !... Espera... e se eu fôsse com ela... ? Não ! não ! Denunciar-me-ia logo ! Não me poderia arrancar de ao pé das grades do seu cárcere, e aqueles homens talvez me arrastassem para fóra, mesmo aos seus olhos !

— Não há-de tornar lá, pois não ? — implorou Leonor, juntando as mãos.

— Não; não tornarei.

— Promete ?

— Prometo... Sei que viria de lá doida; e custa-me a crêr que já o não esteja há muito.

— Minha mãe !

— Ah ! mas havemos de ir esperar teu pai no dia em que êle sair da cadeia, sim ?

— Quem dera que fôsse amanhã !

— Tam tarde; amanhã ! quem dera que fôsse já, neste momento, Leonor ! Mas nem hoje nem amanhã ! Quem sabe para quando estará o julgamento; e depois, ainda, qual será o seu resultado !... Se mentiam as suas esperanças !... Oh ! mas não será demasiada confiança, meu pobre Luís, fiar-te sómente na tua inocência ? !... A justiça ! a justiça ! Pois não vês como ela deu ouvidos a êsse frade, tam religioso e tam nosso amigo, e como te mandou prender sem se importar de mais cousa nenhuma ?

Clara, alheada da presença da filha, como que estava falando com o vulto do marido, que entrevia na penumbra do seu desvairamento. Mas uma voz conhecida, e que havia muito lhe não tinha soado aos ouvidos, veio chamá-la à triste realidade.

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo para sempre — disse frei Quintino à porta da sala.

É indizível o que passou, com a celeridade do relampago, pelo espirito daquellas duas criaturas.

Clara, que estava de costas para a porta, — com as órbitas dilatadas e o espanto no rosto, como se tivesse escutado uma voz do outro mundo, — voltando-se num relance, perguntou alterada:

— Quem é ? ! quem... esta aí ?

Leonor, tinha visto aparecer a figura esguia do beneditino, mas o medo, o terror, haviam-lhe afogado a voz na garganta, e só depois da interrogação de Clara é que correu a refugiar-se atrás dela, exclamando:

— Ele aí está, minha mãe !

Clara tinha-se erguido. A costura havia-lhe escapado do regaço. A face contraira-se-lhe numa expressão indignada. Os olhos faiscavam-lhe. Os lábios tremiam-lhe. Estava hirta, terrível, nobre. Como que a tinha transfigurado a presença daquele homem funesto e odiado. Era outra.

— Não me esperavam, bem sei — disse frei Quintino, adiantando-se. — É naturalíssima a surpresa.

— É mais do que surpresa, snr. ! — exclamou Clara com a voz quãse estrangulada na garganta. — É indignação em mim e é medo nesta criança ! — e voltando-se para Leonor: — Vamos; não tenhas receio, minha filha — disse ela. — Êste snr. não sabe ferir senão pelas costas !

Depois, moderando um pouco o entôno, interrogou:

— Que vem s. rev.^{ma} fazer aqui ? Presenciar a sua obra ? avivar a nossa dôr com a sua presença ? É escusado, bem o deve saber, porque nos conhece bem. Tenha a bondade de nos deixar em paz. — E, com a voz abalada pela comoção, rematou escondendo uma lágrima: Não está cá o dono da casa para o receber !

— Eu sei, minha mui religiosa senhora — redarguiu seráficamente frei Quintino. — Eu sei o doloroso golpe que a punge; e só Deus é testemunha do quanto me tem magoado...

Clara interrompeu-o. O cinismo daquele homem tinha-a como assombrada. Custava-lhe a crêr o que via e ouvia.

— O snr. vem disposto a zombar da nossa desgraça, ou que pretende de nós ? — exclamou.

— A minha Santa Religião impõe-me o dever de consolar os que sofrem — disse frei Quintino, que não parecia o mesmo que ouvimos em S. João Novo incitando o povo ao assassinio e à denúncia dos liberais. — Eu era incapaz de zombar da desgraça de ninguém,

e ainda menos duma senhora cujo abundante pecúlio de virtudes cristãs pede para si o respeito de tôdas as pessoas iluminadas por Deus com um raio da sua divina graça.

Clara tomou Leonor pelo braço, e fazendo menção de sair, disse com gesto digno:

— Peço licença para me retirar com minha filha.

— Apenas dois minutos de atenção, e, pelas minhas palavras, espero que a snr.^a D. Clara me fará a justiça, que tanto mereço. Não quero dizer que seja isento de pecar... — e voltando o rosto e os olhos para o firmamento... da sala, interrompeu-se: — Ao contrário, meu divino pai do céu, — disse êle com lágrimas na voz — serei eu o maior pecador de quantos peregrinam neste vale impuro, serei; mas o manto da vossa graça é infinito, Senhor, e êle me abrigará contrito na hora extrema. *Amen.*

E prosseguindo:

— Não quero dizer que não peque. Desta vez porém, de nada me acusa a consciência. E... apesar do modo insólito porque fui tratado por seu marido, minha senhora, apesar de ter escutado de seus lábios expressões, que ainda hoje ecoam aos meus ouvidos com somido infernal; apesar de ter sido ameaçado e expulso desta casa como um criado infiel, ainda assim, perdoadas as injúrias em desconto dos meus pecados, não posso esquecer a gratidão, que devo a lam exemplar família, nem deixar de olhar para ela com paternal solicitude, *solicitududo magna...*

— Obrigada a v. rev.^{ma} — disse Clara com frieza, e acrescentou com mal disfarçada ironia: — Talvez nos fôsse melhor que não se tivesse interessado tanto por nós. Peço-lhe pela segunda ou terceira vez que se explique imediatamente, que eu mesma nem sei se o deveria estar ouvindo.

— A snr.^a D. Clara parece impaciente — voltou o beneditino — e a impaciência, como diz o grande doutor da igreja S. Bernardo, é a perdição das almas...

— Acabemos com isto! — exclamou resolutamente Clara.

— Não quero que a minha ex-penilente se agaste,

Dois são os motivos da minha visita, podendo contudo resumir-se num só. Em primeiro lugar trata-se do sr. Luís Maria...

— Do pai?

— De meu marido? — exclamaram as duas senhoras esquecendo já a repugnância, que lhes despertava aquelle homem, para se aproximarem dêle.

— Sim, minha senhora. Depois de amanhã deve ser julgado.

— Depois... de amanhã?! — repeliu Clara, sufocada, apoiando-se no braço de Leonor.

— Justamente.

— Oh! meu Deus!

— Contudo o caso não é para desesperar.

— Pois há algum meio...?

— Falemos do segundo motivo que me trouxe aqui. Conheço um rapaz, que viu por vezes uma donzela, cuja educação dirigida por uma senhora virtuosa — os rostos da mãe e da filha iam passando gradualmente para a expressão do medo — a lorna modelo das meninas da sua idade. Viu-a, e apaixonou-se lam cegamente por ella que morre se a não desposar. Esse moço é o meu afilhado António de Pádua; a donzela é a menina Leonor.

— En?! — exclamou ella, pálida, escudando-se com a mãe.

— Nunca! — protestou Clara. — Mas a que propósito vem o casamento de minha filha para o julgamento de meu marido?

— É simples. Nas mãos da snr.^a está o futuro de meu afilhado, que se finá de amores pela menina Leonor; nas minhas mãos está o futuro de seu marido, que...

— Mente! — bradou Clara, tremendo de indignação.

— Minha mãe! — soluçou Leonor, abraçando-a suplicante.

— Sentirei muito ver-me obrigado a provar o contrario nos tribunais — redarguiu frei Quintino inalterável.

— E qual é o seu crime? diga, snr.!

— Grave, muito grave. Estar em comunicação di-

recta com os rebeldes emigrados, e portanto ser um membro secreto da nova conspiração.

— É falso ! O snr. sabe-o perfeitamente !

— Há provas.

— Quais ? As cartas de meu sobrinho ?

— Mais as que êle já escreveu depois disso, e que tem sido interceptadas.

— Pois... ?

— Era bem de ver, minha senhora. A justiça não dorme.

— Mas o snr. vai declarar...

— Se quiser...

E tendo olhado à volta, baixando a voz, prosseguiu:

— Declaro tudo quanto julgar necessário, e o snr. Luís Maria sairá imediatamente da sua prisão para os braços da sua família, se essa união se efectuar. Do contrário...

— Mas isso é... infame !

— Jesus Cristo recomênda o perdão das ofensas.

— Não é ofensa ! O snr. frei Quintino é um malvado !

— Sou um religioso... Creio, porém, que, antes duma resposta definitiva sobre assunto de tanto melindre, seria conveniente falar com seu digno marido.

— Meu marido escreve-me isto.

E tirando da algibeira o bilhete, que Luís Maria lhe havia escrito tempo antes, entregou-o ao beneditino. Este leu-o com dificuldade, e o seu rosto, de ordinário impassível, traíu-se num gesto de enfado.

— Muito bem — disse êle, entregando o papel — vejo que me posso retirar. Levo a consciência tranqüila por ter praticado o meu dever e o coração escorrendo sangue por ver até onde pode levar um mero capricho.

— Capricho ? ! Não ! não é capricho negarmos o sacrifício de uma filha, que é a luz dos nossos olhos, — e cingia Leonor contra o peito — aos desejos ambiciosos de um homem !

— Mero capricho, repito, diante das consequências, que necessariamente deverá acarretar semelhante resolução a uma familia criada na paz e na abundância ! Porque depois de amanhã, todos os seus bens lhe serão

confiscados, a miséria e a fome invadirão esta casa, enquanto que seu marido, minha senhora, partirá para o degrêdo a buscar na morte remédio para uma hora de pecaminosa soberba.

Ao acabar de proferir estas palavras, frei Quintino dirigiu-se gravemente para a porta.

Leonor caiu aos pés da mãe, lavada em lágrimas.

— Pelo amor de Deus, salve o pai! — bradou ela num arranco de dedicação sublime. — Diga-lhe que... Eu sacrifico-me! eu caso!

— Não! não! — repetiu Clara, lutando consigo mesma. — Aquele homem não diz a verdade! Ele não será condenado!

— Vê-lo hemos... — voltou frei Quintino, parando junto da porta.

— Deus é pai, e perdoa! — disse a pobre senhora, tendo erguido a filha do chão.

— Deus é juiz, e castiga! — replicou o frade com acento austero.

Leonor desfalecia. Clara amparando-a nos braços, cingindo-a ao peito, soluçou:

— Filha! minha filha!

O religioso desceu as escadas sereno, imperturbável, solene.

V

Infâmia sôbre infâmia

Frei Quintino dissera a verdade. Estava por dois dias o julgamento de Luís Maria.

O honrado negociante, cumpre dizê-lo, tinha entre as suas relações bons amigos, sinceros, dedicados; mas por tal forma se tinha inoculado em todos os espíritos o medo de *poderem parecer* liberais aos olhos dos espiões rialistas, que imediatamente se viu isolado, só, ele, a mulher e a filha, valendo-lhes apenas a boa Rosa, nas horas escassas, que podia furtar às suas ocupações caseiras.

O mesmo sócio de Luis Maria, seu antigo caixeiro, apesar de toda a gratidão de que lhe era crêdor, tratou de liquidar o negócio sem a mínima consulta, de seu motu próprio receoso, a conselho de alguns amigos prudentes, fazendo bem pública a noticia da dissolução duma sociedade, que lhe podia trazer sérios desgostos.

A liquidação, feita à pressa e sem a mínima fiscalização por parte de um dos interessados, na ausência forçada d'êlê, rendeu para Luis Maria, sem medo de reclamações ou protestos, a sexta parte do que lhe poderia ter dado, se presidissem a ella o escrúpulo, a equidade, a honradez.

Acrescentemos que o snr. Francisco não commun-gava as idéas do seu antigo patrão, ou pelo menos as do sobrinho — *que é tudo o mesmo* — dizia êle, e não fallava a uma exposição do Senhor, em chinelos que fôsse, na igreja da Misericórdia ou dos Congregados, as duas mais próximas do estabelecimento.

Assim, pois, Luis Maria viu-se abandonado de quantos podiam prestar-lhe algum serviço, já empenhando-se com os magistrados criminaes para se lhe tornar menos duro o cárcere, removendo-o de um logar infecto e da companhia de facinoras; já aliviando-o das acusações, a que avergava, com o seu testemunho importante.

Uns retiravam-se, porque, pertencendo ao partido rialista, não queriam entrar em relações com um conspirador, com um *malhado*; outros fingiam indiferença, porque, sendo liberais as suas idéas, receavam que os suspeitassem de cumplicidade.

Luis Maria apenas tinha de quando em quando as visitas de Rosa, e essas mesmas a medo, porque a bôa da mulher nunca se introduzia na cadeia, dizendo que era ao negociante que desejava falar.

Uma vez, porém, dias antes da scena, que esboçamos no capitulo anterior, a pesada porta da sua enxovia rodou sobre os gozcos para dar passagem a um ajudante do carcereiro, que perguntou do alto das estreitas escadas, que desciam áquele escuro antro:

— Quem é aí Luis Maria?

— Sou eu — disse o negociante alvoroçado.

— Venha p'ra falar com uma pessoa que o procura.

Luis Maria sentiu o coração bater-lhe apressado no peito.

— Quem será? — perguntou para si, abotoando o casaco já descosido nalgumas costuras, e apressando-se a subir as escadas da enxóvia.

Num momento atravessaram-lhe o espirito as mais opostas idéas:

— Sera Clara? — Irão julgar-me? — Estarei já condenado sem mesmo ter sido ouvido? — Chamar-me hão a perguntas? — Conseguiriam prender o Frederico e quererão apresentar-nos em presença um do outro? — Que sera?

E caia na mesma interrogação vaga, que lhe tinha servido de ponto de partida.

Entretanto o ajudante do carcereiro tinha de novo fechado a porta da enxóvia e caminhava adiante.

Desceram alguns degraus de pedra, e dirigiram-se para a sala de entrada, que esta em frente do portão de ferro, onde passava o chaveiro, como já indicamos.

A impressão, que Luis Maria experimentava ao seguir aquele homem, era indescritível. O sangue afluia-lhe ao coração; tinha tonturas, faltava-lhe a vista; sentia percorrer-lhe a espinha dorsal uma desagradável sensação de frio, e as pernas vacilavam-lhe. Estava pálido como um defunto, e mais de uma vez se arriou à parede para não ajoelhar.

Entraram na sala.

Supondo as coisas mais extravagantes, ele não tinha mesmo suspetado, quem poderia desejar falar-lhe. A sua surpresa, portanto, ao dar de rosto com frei Quintino, foi quase fulminante, digamo-lo assim, porque pouco faltou para cair redondo no chão. Uma nuvem de sangue desdobrou-se-lhe diante dos olhos, um somdo metálico estrugiu-lhe no cerebro, a boca abriu-se-lhe como se a respiração lhe faltasse de subito, recurvaram-se-lhe os dedos como garras, e soltou um rugido gutural...

Frei Quintino recuou aterrado.

O ajudante do carcereiro cingiu Luis Maria pelas

costas, ao ver o movimento do frade e notando a transição rápida por que passára a fisionomia do preso.

Luís Maria não fez movimento algum para desprender-se. Passado o primeiro instante, os braços penderam-lhe inertes, os olhos cerraram-se-lhe para se abrirem pouco depois turvos de lágrimas, e sorveu um longo hausto de ar puríssimo, que lhe vinha de uma das janelas abertas sôbre o vasto largo da antiga Cordearia.

— Para que me prende assim? — disse êle com voz rouca mas serena, voltando um pouco o rosto para o lado e falando ao homem que o segurava. — Acha que eu ainda não estou bem preso?

— O snr. queria-se deitar ao snr. frei Quintino, que eu bem vi!

— Deixe-me! — tornou Luís Maria impaciente, mas alquebrado pela comoção violenta por que vinha de passar. — Se tivesse querido deitar-me a este... snr., não o faria aqui. Tive ocasião de o estrangular, e contentei-me em o pôr fóra de minha casa.

O ajudante do carcereiro largou-o.

Frei Quintino adiantou-se gravemente, humilde e contrito.

— Snr. Luís Maria, eu vim...

Luís Maria voltando as costas ao beneditino, dirigiu-se para o empregado que o tinha ido chamar ao cárcere.

— O snr. disse-me que alguém me desejava falar. Quem é? — perguntou com secura.

— É s. rev.^{ma}... — respondeu o outro indicando respeitosamente o frade.

— Nesse caso, não tenho nada que fazer aqui. Queira tornar-me a acompanhar à enxôvia, onde estou melhor entre assassinos. Vamos.

E dirigia-se para a porta com as mãos nos bolsos.

Frei Quintino saiu-lhe ao encontro, sem todavia lhe ficar ao alcance das mãos.

— A cólera desvaira-o — disse êle. — Perdôo-lhe tudo. Ouça-me. É a salvação que lhe venho propôr, meu bom...

— Seu bom amigo... não? — cortou Luís Maria, em

cujas veias a indignação começava de novo a acachoar o sangue; depois voltou-se para o ajudante do carcereiro: — Já disse que me quero retirar. Não posso mais! Este homem quer fazer de mim um facinora! Venha daí comigo.

E saiu para o patamar de pedra.

Frei Quintino fez um gesto serafico de resignada consideração ao empregado da cadeia e murmurou:

— Esta perdido, irremediavelmente perdido! Deus se amerceie do seu espirito desvairado.

A visita de frei Quintino a cadeia tinha por motivo a proposta que ele fizera depois a Clara, na ante-vespera do julgamento de Luis Maria.

Convém saber que o religioso, denunciando Luis Maria à polícia, fazendo com que o pronunciassem, que o reconheassem a um desses covis da cadeia da reclusão chamados enxovias, e aí fosse bem humilhado, não tinha outro fim senão deslumbrá-lo com a sua proposta de liberdade, — o aconchêgo da família, a estima dos amigos, a consideração dos estranhos, a sua reabilitação, emfim, — em troca dos cem mil cruzados, que a filha levaria em dote ao seu alichado no dia das escrituras nupciais.

O contraste das desgraças por que ele estava passando e a perspectiva doutras maiores ainda, com a promessa de um futuro placido, risonho e feliz, não deixava em frei Quintino a menor duvida sobre o resultado do seu infamissimo plano.

O religioso, calculando tudo, prevendo tudo, não tinha contado com a ombridade e a nobreza de carácter dos dous martyres do seu escuro trama, Luis Maria e Clara.

Dai o resultado imprevisto.

Frei Quintino, despertado, protestou deixar correr o julgamento sem atenuar num apice a grave accusação formulada contra o negociante.

Porque elle podia, se quisesse, obter a absolvição de Luis Maria, apresentando ao tribunal:

1.º o seu forte testemunho de tantos anos de convivência no seio daquela família;

2.º duas cartas de Frederico, que s. rev.^{ma} tinha subtraído ao mazo, que mandára para o tribunal, e nas quais o emigrado académico punha à evidência o propósito firme do negociante em se abster de tudo quanto respeitasse à política.

Mas não quis.

Depois pensou:

«A todo o tempo é tempo. O que faz com que eles rejeitem a minha proposta é a confiança na absolvição. Desenganados, lavrada a sentença, esmagados sob o peso da adversidade, perdida toda a esperança de salvação, e além disso pobres, confiscados os seus bens, ha-de quebrar-se-lhes a soberba, e o que rejeitam agora com desdém não-de pedi-lo então de mãos erguidas. Restara depois anular a sentença... Como? Irei falar aos desembargadores da casa da supplicação, aos ministros, ao próprio rei, em nome da justiça, baseando o meu pleito no aparecimento de papeis, que destroem a acusação, no meu próprio testemunho insuspeito. Marcar-se ha dia para novo julgamento, e eu triunfarei. Sim! é isto! E entretanto, êle que sofra as consequências da sua teimosia inconsiderada.»

A 6 de maio daquele memorável ano de 1832 era Luis Maria julgado e condenado a degrêdo perpétuo para Angola e na confiscação e perdimento de todos os seus bens.

Não tentaremos descrever o que se passou no espirito do negociante ao ouvir lêr a sentença, que o segregava para sempre do que lhe era mais caro no mundo — a família. Foi uma vertigem, um atordoamento, como se lhe tivessem descarregado na cabeça o peso duma clava.

Ficou anquiado, impotente. Dous officiaes de justiça conduziram-no em braços para fora do tribunal.

Quem levou a triste noticia a Clara e Leonor, que tinham passado toda aquella manhã do julgamento de Luis Maria, em joelhos diante do oratório que estava

no seu quarto, foi Rosa, que havia partido a informar-se do resultado.

Era esperada com ânsia mortal a boa mulher, e quando ela appareceu no patamar da escada, enxugando os olhos com uma das pontas do seu avental, as duas senhoras romperam num choro desfeito. Não precisavam de mais nada para se convencerem da triste realidade.

— Meu pobre homem !

— Meu querido pai !

E as vozes entrecortadas, e os soluços, e o pranto era tal, que não seria maior a desolação naquella casa, se o corpo de Luís Maria jazesse ali inteiriçado e frio no caixão mortuário.

Frei Quintino, ao ter conhecimento da sentença, que vinha coroar a sua obra, exultou.

— Degrêdo por tôda a vida ? Confiscação de todos os bens ? Quanto mais terrível fôr a condenação, e esta é-o inteiramente, maior certeza tenho de ser ouvido, de ser mesmo procurado, de se me fazerem tôdas as concessões. E eu serei louvado por quantos tiverem conhecimento da minha dedicação, pois que subirei os degraus do paço e me rejarei aos pés do trono, pedindo justiça.

Três dias depois, Clara recebia a intimação, como principio de execução da sentença, para fazer entrega de todos os títulos comprovativos da posse dos seis ou sete prédios, que Luís Maria tinha no Pôrto e de algumas propriedades rurais, que possuía nas imediações de Santo Tirso, terra da sua naturalidade.

Clara entregou tudo lavada em lágrimas, salvando apenas, por lhos haver guardado Rosa, uns 800\$000 réis, produto da liquidação da sua loja da rua das Flores.

Uma semana adiante, a espôsa de Luís Maria era intimada a evacuar para o S. Miguel a casa, em que havia mais de vinte anos moravam, — desde o seu casamento, — e este foi novo motivo para lástimas e consumições.

Os que estão ao facto da história do Pôrto nessa

época sabem que tal ordem não devia ter final execução.

Entretanto Clara, irresoluta, medrosa, sem saber mesmo o que faria, se o homem lhe partisse para o degrêdo, alugou antecipadamente um segundo andar numa rua próxima, triste, sombria, íngreme, tortuosa, chamada de Cima de Vila, — nome que ainda hoje conserva.

VI

Uma leva de presos

Foi um viver de luta, de sobressaltos, de inferno para a mulher e filha de Luís Maria, o que se seguiu à condenação dêste honrado homem.

Se o removiam de cadeia sem elas saberem?

Se o mandavam para o degrêdo, sem o menor aviso?

Se um dia ao procurá-lo Rosa, lhe dissessem da enxôvia: — Quem? O negociante? — Era assim que o apelidavam os seus companheiros de prisão. — Já cá não está —?

E ralavam-se e consumiam-se e mortificavam-se.

Um dia Rosa lembrou-se:

— Quer a snr.^a? — disse ela. Defronte da Relação, no passeio, desde pela manhã até à noite, está sentada a fiar estôpa uma pobre mulher casada com um preso, que vive no mesmo cárcere do snr. Luís Maria. Quer a snr.^a que eu a ponha de espa e quando houver alguma novidade, venha a correr dar-lhe conta? Dá-se-lhe alguma coisa, e, além da paga, é uma esmola bem empregadinha.

Clara aceitou o alvitre.

Dai em diante a mulher do preso ia diáriamente informar-se por meios indirectos, que a sua astúcia lhe ditava, do movimento da cadeia. Em seguida partia a avisar a esposa do negociante do que apurára, tra-

zendo-lhe uma certa tranquillidade para o resto de cada dia.

Mas dentro em pouco a infeliz senhora conheceu o inconveniente de tal espionagem.

Um dia, mais cedo que de costume, açodada, quâse sem fala do muito que tinha corrido, entrou a mulher do preso na casa da rua Chã.

— Senhora ! minha senhora ! — disse ela respirando fortemente nos intervalos das palavras. — Hoje... às 10 horas... vai uma leva de presos... para o degrêdo !

— E... o meu homem ? — gritou Clara, aflitissima.

— Não sei, minha senhora ! Eles, nestas ocasiões, não deixam entrar... lá dentro. Foi um soldado que mo disse...

— Quero ir... Quero ir ver se êle vai... — disse Clara desvairada, perdida. — Leonor, anda dai... a minha saia preta... o meu chale... a minha mantilha... Vão levar teu pai... Não chores... Arranja-te; ou vou só.

Clara dizia isto com a voz entrecortada, por pequenos períodos; estava muito pálida, sem verter uma lágrima, pegando nos objectos com as mãos trémulas, para os pousar depois, molhando os beiços com a ponta da lingua, vestindo-se com frenesi. Leonor pelo contrario debulhava-se em lágrimas, soluçando alto.

Clara repelia, pondo o chale, automaticamente:

— Ou vou eu só...

A mulher do preso lembrou a Leonor que não era conveniente deixar sair a mãe desacompanhada. Ela não cessava um instante de falar. Ia dizendo:

— Eu lá vou já, Luís... Espera... não tenhas tanta pressa... Eles querem levar-te... sem eu te ver ? Maus homens... Havemos de ir ambos... Eu também quero ir... e a tua filha também. Então, Leonor ! apronta-te de-pressa. Vamos para o degrêdo com o teu pai... Anda, filha... Até, mais vale assim; depois ninguém nos separará... Ninguém ! Vês tu ? que fortuna !

E cascalhava um riso monótono, como o som que produziriam algumas cabaças ôcas sacudidas dentro dum sacco.

Leonor vestia-se chorando e sem poder dar-se a explicação daquelle extravagante monólogo da mãe. A

mulher do preso, a alvicaireira da friste nova, tinha descido a escada correndo, e fôra a casa de Rosa informá-la do sucedido.

Rosa pôs o lenço na cabeça, deitou o capote aos ombros, pediu a uma vizinha que olhasse pelos pequenos, e seguiu para a casa da rua Chã, murmurando: — Que desgraça, meu Deus! que desgraça!

Quando assomava à entrada da rua pela banda da Sé, Clara, com a mantilha pela cabeça, mas tombada para um lado, apanhada em porções desiguais, mostrando em tudo a desordem que lhe ia no espírito, saía de casa encaminhando-se para a rua do Loureiro, seguida pela filha com os olhos vermelhos e mal enxutos.

Rosa estugou o passo e dentro em pouco achava-se ao lado da espôsa de Luís Maria.

— Minha senhora! minha senhora! — disse-lhe ela com o coração profundamente constrangido — onde vai assim?

— És tu? ah, és tu?... Vamos depressa, que elles podem mandá-lo adiante... para eu o não ver... — E quâse corria. — Não imaginas como elles são maus! Queriam mandá-lo só para o degrêdo... mas havemos de ir tôdas... Vou eu, vais tu, vai a Leonor... Tôdas... E eu que o não vi há onze meses... o meu Luís, o meu homem! Tu, sim; tu tem-l'o visto... tu é que me hás-de dizer... «É aquele» Porque... talvez o não conheça... Oh! conheço, conheço... Entre mil que fôsse! conhecia-o logo! «Ele ali vai!» Verás que não me escapa o meu querido homem!

E o seu passo era miúdo, freqüente, desembaraçado, como o duma rapariga de vinte anos: falava com vivacidade, em voz alta, sem atentar em ninguém, e os seus gestos eram sacudidos, resolutos.

Pela feira de S. Bento, por todo o caminho, assomavam às portas dos estabelecimentos cabeças curiosas e na rua paravam os transeuntes, espantados daquelle friste espectáculo. Alguns riam.

A pobre Rosa acompanhava-a perplexa, não sabendo o que fazer. Impedi-l-a de seguir para a porta da cadeia? Pediria auxilio para que a conduzissem de

novo a casa? E se lhe sobrevinha a fúria pela contrariedade, e agravava involuntariamente a situação da pobre senhora, exacerbando-lhe o desespero? Mas também, se via o homem na leva dos presos que seguiam para Africa?...

E, nesta coalisão, a devotada mulher não afrouxava o passo, medindo-o pelo de Clara.

Leonor seguia atrás, custando-lhe a acompanhar a mãe, trémula e soluçante, com a côca da mantilha para os olhos.

Assim foram até à Porta do Olival. Aí a vista espalhava-se pela Cordoaria, vasto descampado irregular, fronteiro a uma das fachadas principais da cadeia, campo destinado às execuções dos grandes facinoras, e onde trabalhavam diáriamente, estendendo e torcendo inúmeras cordas de linho, ou dando à manivela de grossas rodas de madeira, dezenas de homens e rapazes, mestres, oficiais e aprendizes de cordoeiro.

A primeira vista, quem da Porta do Olival olhasse para o largo, percebia que alguma coisa de extraordinário se passava para as bandas da cadeia. Os rodeiros tinham parado o seu movimento automático, sem abandonarem a manivela: os que, com grandes feixes de linho enrolados à cinta recuavam, deixando na sua esteira uma corda já torcida e pronta, haviam estacado: os homens e mulheres do povo, que naquela ocasião passavam ali, também não se mexiam, e todos voltados para o lúgubre edificio, faziam convergir as suas vistas sobre um ponto único.

Efectivamente, acabava de se desdobrar em duas alas, desde a porta até à rua das Taipas, uma força de linha com as baionetas armadas no tópo das espingardas.

Clara, que ao chegar à porta do Olival, falava mais desordenadamente ainda que ao princípio, ao ver toda aquela gente parada, como que adivinhou o que se estava passando, e gritou:

— Ah! Lá estão eles! Esperem! Eu vou! eu vou!

E começou a correr, levando a mantilha a rastos, desorientada, louca. Rosa gritou a um individuo, que

passava naquele momento ao lado de Clara, que a segurasse. Ele reteve-a. Clara tentou lutar, debatteu-se.

— Deixe-me ! deixe-me ! — dizia ela. — Vão levar o meu marido... Quero ir com êle: não me prenda.

Chegou Rosa e Leonor.

— Minha mãe ! minha querida mãe !

— Minha senhora ! — dizia a criada compondo-lhe o chale, a mantilha suja da poeira e já rasgada em sitios.

— Que tem esta senhora ? — perguntou o individuo, que a segurava sem esforço.

E enquanto Rosa abrangia algumas palavras a causa daquele desvairamento, Clara exausta, ofegante, respondia também, mas baixo, quasi em tom confidencial:

— Pois não sabe ? querem-no levar p'ra o degredo sem mim, sem a minha filha, e sem esta... sem a ama... Ora não há ! Vamos todos... Deixe-me !

Tinha-se juntado alguma gente, que fazia os seus comentários, e se apiedava soltando interjeições magoadas.

— Foi uma imprudência deixarem sair esta senhora num tam lastimoso estado ! — disse o individuo, que tinha segurado Clara.

— Quer o snr. ? — disse-lhe ela. — Venha também conosco.

— Pois eu vou também — voltou o sujeito com affabilidade e como se tratasse com uma criança — mas a snr.^a há-de prometer-me não ir depressa, nem gritar, sim ?

Pois sim; mas vamos, vamos; quando não... !

O desconhecido, com uma verdadeira paciência evangélica, seguiu no seu o braço de Clara, e acompanhou-a, tentando desviá-la da porta fatal; mas todos os seus esforços eram para êsse ponto e êle julgou mais acertado fazer-lhe a vontade. Além disso, Rosa tinha-lhe dito que não havia a certeza do marido da snr.^a ir naquele dia.

Cousa notável ! O frenesi de Clara tinha abrandado; falava baixo com o bom homem que o acaso lhe

deparára no caminho, tinha-lhe respeito. Era muito de crêr que a superioridade de forças, que lhe havia mostrado, segurando-a por algum tempo, imobilizando-a, lhe tivesse inculcado êsse sentimento, facto comum nos idiotas.

Leonor encostára-se ao ombro de Rosa, e extenuada lá ia seguindo a mãe.

Pararam a alguns passos da escolta, onde era licito estacionar.

Os presos ainda não tinham saído.

Bastante povo, quâse tudo mulheres da infima camada, descalças, de chales de algodão traçados no seio e lenços de chita na cabeça, com os cabelos penteados e luzidios, algumas com crianças ao colo, demorava por ali.

— Ainda não foram embora, pois não? Ainda lá estão dentro, não estão? — perguntou Clara inquieta.

— Estão... ainda não saju nenhum... mas o seu marido não vai... Foi um engano — disse o adventício.

— Como, não vai!? Há-de ir! Quem o manda é o sr. frei Quintino! Não conhece o sr. frei Quintino?... Queria que a minha Leonor casasse com o sobrinho dêle. Já viu que disparate? Pois não há-de casar! não casa! e não casa!

— Mas, se o marido da sr.^a não fôsse?

— Quem? O meu Luís? Se êle não fôsse?... Ah! Se êle não fôsse... — disse Clara esfregando a testa com a mão, como a procurar uma idéa.

Nisto ouviu-se a voz de «sentido!» dada pelo comandante da escolta; e logo depois os soldados, a uma segunda voz, executavam a manobra conhecida de «braço armas!»

Assomaram à porta da cadeia os primeiros presos. É uma triste cousa uma leva de degredados!

Os que deviam seguir para Africa naquele dia eram trinta e quatro.

Vinham com os pulsos algemados e ligados dois a dois.

Caminhavam devagar por entre as filas da escolta.

Havia ali rostos patibulares, e fisionomias abertas, serenas. E era ver uns voltando a cara para não se-

rem conhecidos, outros rindo com cinismo para a gente aglomerada, êste chorando cabisbaixo, aquele dirigindo uma chufa às meretrizes, que se tinham agrupado nomeando e apontando os conhecidos, e promiscuamente, rotos e limpamente vestidos, em cabelo ou com o chapéu derrubado para os olhos, novos e velhos!

Entre os degredados iam também três mulheres, algemadas como êles; uma não poderia ter mais de vinte e dois anos.

Os espectadores daquela scena comentavam-na a seu modo mais ou menos contristados. Alguns soluços e vozes chorosas cortavam o sussurro do ajuntamento:

— O meu querido homem, que não torno a ver!

— Ai o meu rico irmão!

— José, adeus! — soluçava uma aldeã, lavada em pranto e retirando o lenço dos olhos para acenar com êle a um dos presos, ainda moço, e que parecia succumbido; o seu noivo talvez.

— António! — gritava, chorosa e aflita, uma velha mirrada, posta em cima duma pedra e agitando os braços para um homem de pele tisonada, com um grande gilyás na face e a sobranceira espessa, que voltou a cara para o lado oposto àquele donde lhe soára a voz: — António! diz ao menos adeus à tua mãe!

E uma outra:

— Deus te leve a salvamento, Francisco!

Entretanto Clara, que o adventicio mais que nunca segurava pelo braço, estudando-lhe no rosto as impressões por que passava, prevenido para o momento em que ella reconhecesse o marido, Clara ia dizendo, ao mesmo tempo que apareciam os presos por entre as espingardas e as cabeças imóveis dos soldados:

— Não é êste... nem êste... nem aquele... nem o outro... nem êste...

Haviam desfilado os trinta e quatro condenados e Clara repetindo sempre:

— Também não é aquele... nem êste... nem o outro...

A leva tinha parado a pequena distância da cadeia, a escolta tinha formado aos lados, na frente e na retaguarda; a uma voz, o tambor rufou e tudo se pôs em

marcha, pesadamente, fazendo ressoar as passadas pela íngreme rua das Taipas, em direcção ao rio.

— E o meu homem? que é do meu homem? — perguntou Clara, com a respiração difícil e os olhos brilhantes, ao desconhecido, a Rosa, a Leonor, que choravam de contentamento.

— Não foi, minha senhora!

— Não foi, minha mãe! — disseram quâse a um tempo.

— Eu bem disse que êle não ia — observou o adventício, sem retirar a vista de Clara, cujo rosto se iluminou; e logo abriu-se-lhe a bôca, o peito arfou-lhe, soltou alguns monossilabos, e rompeu numa gargalhada nervosa, sacudida, prolongada, estridente, que por fim a sufocou, tirando-lhe o acôrdo, ao tempo que duas grossas lágrimas lhe rolavam nas faces contruidas pela convulsão do riso.

Levaram-na para uma botica próxima, no meio de grande ajuntamento de povo, que estacionava ainda por ali.

O desconhecido era o dr. Silveira, médico do hospital de Santo António, um dos raros que faziam da sua bela profissão um sacerdócio, — como acontece ainda hoje.

Foram prestados a Clara os socorros precisos, e como tardasse em voltar a si do desmaio, foi recolhida a uma cama, que o boticário ofereceu de boamente, e a cuja cabeceira se postaram as snr.^{as} da casa.

— Não chore, menina; vamos, não chorem — dizia o médico a Leonor e a Rosa. — Esta síncope assim prolongada pode ser-lhe de um grande alívio. O pulso vai-se percebendo distintamente e não acusa grande alteração...

Em seguida trocou algumas palavras com o boticário, e acrescentou, depois de consultar o relógio de ouro:

— Bem; são dez horas e meia; vou passar a minha visita ao hospital e torno por aqui. Sossêgo em todo o caso; o maior sossêgo possível.

Uma hora depois, Clara abria os olhos e fixava as pessoas presentes, como se quisesse certificar-se do que

via. Por último, descansando a vista na filha, balbuciou:

— Água.

Trouxeram-lhe água. Sentaram-na no colchão; — bebeu um grande trago; pareceu ficar satisfeita e quis deitar-se outra vez. Deitaram-na.

Cerrou os olhos. Adormeceu.

Quando o dr. voltou, ficou satisfeito, e, tendo tomado o pulso a Clara, disse para Leonor:

— Isto já não é nada, minha menina. Agora do que precisa é de descanso, muito descanso; o abalo foi violento, e podia ter sido fatal. O menos que lhe podia ter acontecido era ficar doida.

— E não poderá ir para casa? — interrompeu Leonor timidamente.

— Veremos. Eu volto cá de tarde.

O sono de Clara foi placido: apenas de quando em quando um estremecimento nervoso lhe percorria os membros. Eram quatro horas da tarde quando acordou.

Depois de ter olhado, primeiro vagamente, e em seguida com mais atenção para tudo o que a cercava, para as pessoas que via próximo do leito, para as paredes, para o teto da alcova, perguntou com voz débil — onde estava.

— Em casa de gente honrada, minha senhora — respondeu com imensa bondade uma das improvisadas enfermeiras — e aqui está a sua menina — acrescentou ela mostrando-lhe Leonor.

— Ah! sim! já vejo... mas... que fortes dores de cabeça!

Clara levou as mãos à testa; tinha-lhe sobre vindo uma violenta neuralgia; entretanto a excitação daquela manhã havia desaparecido inteiramente, e ela mal se lembrava, como em sonho, através dum espesso nevoeiro, — do que se tinha passado.

Era grande a sua prostração. Deram-lhe um caldo.

Depois de nova visita do médico, e por conselho dêle, Clara foi conduzida à sua casa da rua Chã, numa cadeirinha.

Ardia em febre.

VII

Uma paixão infeliz

Entretanto, porque não executava frei Quintino a ultima parte do seu plano, propondo à sua vítima a soltura, a liberdade, os bens perdidos, a doce companhia da espôsa e da filha, tôdas as felicidades, a que ella devia ter dito um último adeus, em troca do que s. rev.^{ma} achava tam simples, tam fácil, tam... natural, a mão de Leonor para o afilhado?...

Tinha apenas decorrido uma semana ou pouco mais, depois que Luís Maria fôra sentenciado a degrêdo com perdimento e confiscação de todos os bens.

Resolvera o beneditino não dar o ousado passo antes de executada a última parte da sentença, para que o contraste da sua proposta redentora naquêle imenso desespêro, em que estaria mergulhado o negociante, fôsse ainda mais sensível.

Emquanto, porém, esperava a ocasião de se mostrar como ajuí salvador à desolada família, recebeu de Barcelos, do seu amigo e padre-mestre frei Joaquim de Jesus-Maria-José, uma carta, que o encheu de consternação.

Dizia-lhe êle:

«No pouco tempo, que liveste aí o António, conseguiste perdê-lo.

«Tenho-te dito por diversas vezes que a sua tristeza aumenta, que tem fastio de morte, emmagrece a olhos vistos, procura os logares retirados, aborrece a leitura e fecha-se para chorar. Pensei que o achaque passaria com o tempo, mas enganei-me. Está cada vez pior. Com quem êle se tem desabotoado é lá com a *vêlhota*, a quem diz que ama doidamente uma menina do Pôrto, que julgo ser a noiva que tu lhe destinavas. Fizeste-la bonita contando com o ovo...

«Ontem, porém, a coisa esteve para ter mais sérias

consequências, e eu não quero responsabildiades que me não pertencem. Creio que me percebes.

«Ora, pois ! Aí vai o que succedeu.

«Depois de ter recebido a tua carta última, fui a casa da *patrão*, e precisei de tirar uns papeis do bolso; pousei-os em cima da cómoda, e nunca mais me lembrei dêles. Tinha-me eu retirado quando o António entrou na sala e viu a tua carta, que lá me tinha ficado também. Conheceu a letra, e como o papel estivesse quâse desdobrado, pôde lêr a passagem em que me dizias que o pai da rapariga tinha sido condenado a degredo e não sei se mais alguma coisa. O caso e que, segundo *ela* me disse depois, o rapaz tornou-se muito enfiado e saiu, dizendo que tinha falta de ar.

«Esperou-se para jantar e não appareceu. Mandaram-me prevenir, sai apressado, ainda com o estomago cheio, em perigo de me dar «alguma», e dirigia-me a casa do morgado a ver se o tinham agarrado para a mesa, quando vejo muita gente lá longe, na margem do Cavado, e um homem, que me lobrigou, a correr acenando-me com o chapéu.

«Isto diz-se em duas palavras: aquelle povo estava ali, porque tinham pescado o teu rapaz do fundo do rio, onde se tinha lançado para acabar com a vida. Felizmente salvaram-no a tempo duma morte certa, pois, quando o tiraram da água, vinha já sem sentidos.

«Fez-se-lhe tudo o que era possível na ocasião e achase livre de perigo. Ainda assim, está de cama e eu não me responsabilizo por ele. Arde em febre, não prova nada, esta de continuo a suspirar e tem flatos de choro; a meu juizo, é preciso que venhas a Barcelos quanto antes.

«O rapaz faz pena de-veras, dói-me o seu estado porque tem boas qualidades. Adeus. Conto contigo.»

Os olhos de Frei Quintino, ao lêr as ultimas frases da carta, arrasaram-se-lhe de lagrimas, talvez as primeiras da sua vida; reagiu, porém, como quem se revolta contra a sua fraqueza; leve-os por algum tempo fechados, concentrando-se, e quando os abriu de novo, estavam secos.

Pobre moço ! -- disse elle.

E foi logo ter com o superior: daí mandou tomar um macho e criado a uma alquilaria do Carmo, e uma hora depois partia escarranchado na alimária agasalhado na longa capa preta, com o seu chapéu de abas revôltas, e um par de boas pistolas escurvadas nos coldres.

Ele ia dizendo:

— Causa notável ! Se não lhe acodem, tinha a morte da mãe ! Que tentação de rapaz ! É bem certo o rifão — quem sai aos seus... !

Pernoitaram a meio caminho, n'uma estalagem solitária. Ao outro dia pela manhã entravam em Barcelos, e não foi sem comoção que frei Quintino se apeou à porta da casa, onde estava aquartelado o filho da suicida.

Salu-lhe às escadas o padre-mestre, anafado religioso, vermelho e rotundo, com os braços abertos e as mãos espalmadas.

— Ora venham de lá êsses ossos !... que só um caso assim é que era capaz de o trazer a esta bôa vila de Barcelos !

Abraçaram-se, e após as primeiras expressões, que o beneditino tratou de encurtar quanto possível:

— E o rapaz ? — perguntou êle.

— Vais vê-lo. Está na cama. Tem ocasiões que parece idiota. Podes limpar a mão à parede com o tal casamento ! Mataste um ornamento do púlpito, e para isso bastava que saísse ao pai...

— Chiu ! — impôs frei Quintino olhando para os lados; iam nessa ocasião no primeiro patamar.

— Não tem dúvida — disse êle; prosseguiu: — ...e por fim quâse que o matas de vez, fazendo-lhe conceber esperanças, que não se realizam.

— Mas quem to disse, frei Joaquim ? — perguntou o beneditino com um sorriso. — Valha-te S. Bento ! Nunca elas estiveram tanto a caminho de se realizar, padre-mestre !

Chegaram ao primeiro andar.

— Entra — disse o padre-mestre, a quem parecia familiar a habitação, indicando uma porta quâse cerrada e que empurrou. — Cá a patrôa não lhe tem dei-

vado a cabeceira. Agora é que eu sei quanto é amiga dêle.

Era uma saleta insignificante com algumas cadeiras antigas de pau preto, de assentos largos de palhinha amarela. Nas paredes uns péssimos retratos a óleo de uma abadesa, um capitão-mór, uma menina, que podia bem ser a dona da casa na sua juventude, e um velho eclesiástico já quâse apagado da tela.

— É aqui — disse o padre-mestre entrando num pequeno aposento.

Numa cama de pernas torneadas e cabeceira lavrada, sentado no colchão e encostado a uma travesseira, estava o afilhado de frei Quintino, amarelo, de finhado, com os olhos quâse no fundo das órbitas, as orelhas transparentes, o nariz esguio, como se tivesse passado por uma perigosa enfermidade. A roupa da cama cobria-o até meio corpo. Tinha vestida uma camisa de linho, que, desabotoada no coleirinho e nos punhos, deixava ver um pescoço fino, as clavículas salientes e esburgadas, e uns pulsos esqueléticos.

Além do leito, o quarto tinha mais uma cómoda de pau preto, antiga, pesada, com fechaduras e puxadores de metal branco; sôbre a cómoda um santuário com uma imagem de Cristo crucificado, em que o judeu do escultor tinha feito uma carniça horrível, atando-lhe depois à cintura uma pequena toalha de bobinete; aos pés da cruz havia uma Senhora das Dores com o seio trespassado de punhais de prata e em cada face, paradas, duas lágrimas de cristal do tamanho dos olhos. Aos cantos do santuário umas jarras pretas continham pequenos ciprestes artificiais adornados de mães prateadas.

Mais quatro cadeiras, iguais às da saleta, um baú forrado de couro com tachas amarelas e umas gravuras baratas de Santa Joana, Santo António, S. José e do Bom Jesus do Monte em molduras pouco mais caras que as estampas.

A cabeceira do leito de António estava uma cheia matrona, passante do meio século, mas bem conservada, e, no parecer, mordida de presunções pecaminosas. Era a sr.^a D. Joana, a *patrôa*, a *velhota*...

O beneditino entrou no quarto, dizendo com voz pouco firme o «*Deus seja aqui*» habitual, e os seus olhos foram logo para o leito, apesar de lhe sair ao encontro a repolhuda enfermeira.

— Ora viva o snr. frei Quintino, que bem pensei não nos tornarmos a ver! — disse ela em tom quâse festivo, beijando-lhe a manga do hábito.

— Como tem passado a minha boa snr.^a D. Joana? — interrogou êle com o seu modo atencioso mas visivelmente distraído.

— É ociosa a pergunta! — disse o padre-mestre. — Não vês as belas côres que tem? Esta senhora remoga com o tempo; é o contrário do resto do género humano.

— O snr. padre-mestre tem coisas que... na verdade... para tudo tem uma graça! — disse a flamante patroa tôda dengosa. — O que é pena é o motivo que traz aqui o snr. frei Quintino! — acrescentou ela passando do delambido ao magoado.

O frade tinha-se já acercado do leito do rapaz, que, tomando-lhe a mão, titubiou, beijando-a respeitosamente,

— Dê-me a sua bênção, meu padrinho...

— Deus te abençoe, António — disse êle solenemente impondo-lhe a dextra espalmada sôbre a cabeça. — e permita que eu não me arrependa de ter amparado e protegido um ingrato, que, dominado pelo espirito maligno, pôde esquecer os sãos princípios, que bebeu de lábios autorizados, para se arremessar no fogo eterno, em que ardem os suicidas!

António de Pádua ergueu uns grandes othos espantados para o tio, e acompanhou a pausada objurgatória dêle com o anseio crescente do peito: depois, à última palavra, a mais pungente, segurou-lhe a mão, trémulo, confuso, e rompeu num choro rasgado, imenso.

— Perdão, meu padrinho! perdão! — soluçou o rapaz.

Frei Quintino teve de fazer não pequeno esforço para retirar a mão das do afilhado, que lha banhava de lágrimas copiosas, e um esforço igual, se não maior, para esconder a comoção, que lhe estava causando aquele desenlace inesperado.

— É isto ! Não se lhe pode dizer nada ! — acudiu o padre-mestre encolhendo os ombros, ao passo que a sr.^a D. Joana corria ao doente a enxugar-lhe o pranto e a dizer-lhe palavras meigas e boas.

O beneditino pôde convencer-se, durante os três primeiros dias de residência em Barcelos, que não podia, sem responsabilidade immediata pela vida de António, abandoná-lo assim. Por isso resolveu demorar-se ali até o seu completo restabelecimento, voltando com elle para o Porto.

Dai, o adiamento na execução do seu audacioso plano. Mas nem uma nem outra coisa estava escrito que sucederia.

VIII

Eles aí vêem

Depois da última visita de Rosa às duas solitárias senhoras. Clara, restabelecida já mas convalescente, não se occupava senão das esperanças, que ella lhe inculára de *isto levar uma volta*, e as cousas tornarem aos seus eixos...

— Porque isto, minha senhora — acrescentou a ama na sua prosa viva e chã — não há dúvida que anda há muito fóra dos eixos ! Ora agora, dentro em pouco veremos quem canta o *Rei-Chegou* ! Eu que lho digo é porque o sei !

Era por uma tépida manhã de julho. Clara tinha-se erguido. Leonor dispunha as cadeiras na sala e espalhava o pó dos móveis, tarefa sua habitual de todas as manhãs.

— Ainda me custa a crêr — dizia entretanto Clara. — Desconto de tudo, e sobretudo da felicidade. Não, filha, até hoje nada há que nos tenha atraído tanto, se exceptuarmos o sr. frei Quintino.

— E eu acredito nela, minha querida mãe. Há não sei o que, que me diz: «Não estejas triste. Alegra-te.

Deus Nosso Senhor ouviu as tuas orações e compadeceu-se de ti.»

E Leonor dizia isto cheia de convicção, revendo inocência e candura; depois, abraçando Clara:

— Ó minha mãe, deixe que vamos ainda ser muito felizes ! Verá !

— Felizes... Sim; é a tua idade. Nem sequer te lembras de que teu pai está condenado a degrêdo e...

— Mas êles que o não mandaram até agora... !

— Criança ! Não o poderão mandar quando lhes parecer ? Tu bem sabes que não costumam prevenir para a viagem. É como estão. Assim os atiram para o fundo dum navio, assim os levam amontoados sem ver sol nem lua, e assim os despejam lá nesses areais. Oh ! o meu pobre Luís !... — E daí, quem sabe ? A voz dum anjo deve chegar sempre ao trono de Deus; e quantos como tu, minha filha, com o pai na cadeia ou no degrêdo, não terão juntado as suas orações às tuas, pedindo misericórdia ?... Sim... fala-se que vêem aí os companheiros de teu primo... Virão ?... Ah ! se fôsse... Hei-de estar a vê-lo, ao meu querido homem, e ainda me há-de custar a crêr !... — e, encolhendo os ombros: — Doida ! quantas vezes tenho sonhado nisto para afinal acordar mais desesperada !? Há tanto tempo que eu espero !... Depois, parece-me estar ainda a ouvir as últimas palavras daquele frade mau: «Deus é juiz e castiga.» Mas porque nos há-de castigar ? qual é o nosso crime ? Jesus ! como se me baralham as idéas !

— Mãe !

— Perdoa-me. As vezes chego a ser desagradecida ! Não me lembro que estás ainda ao meu lado para me consolares, e que teu pai, filha, ainda está ali na Relação ! Não ! eu não sou tam desgraçada... como o poderia ser !

Clara terminou por soluçar, escondendo o rosto nas mãos.

Mas na escada ouviram-se passos apressados, e uma voz conhecida que chamava a espaços, entrecortada pelo cansaço:

— Minha senhora ! minha senhora !

— É a Rosa ! — disseram quâse a um tempo Clara

e Leonor, entreolhando-se como a formularem uma interrogação, em que se podia lêr o espanto e o susto.

Leonor correu à porta da sala.

— Minha menina! minha senhora! — arfava Rosa nos últimos degraus da escada: e entrando — Chegaram! estão aí! eles aí estão!

— Que dizes, Rosa! Assustas-nos!

— Ao contrário! — e deixava-se cair extenuada, coberta de suor, numa cadeira próxima. — Ah! não posso mais! Vão a correr, todo o caminho! deixem-me respirar.

— Pois descansa, descansa... Que será, meu Deus!

— Mas que foi? que sucedeu, ama?

— Pois não sabem? não lho disseram já! Então lá vai: acabou-se a tristeza no Pôrto, acabaram-se as forças na Praça Nova, acabou-se tudo finalmente!

— Endouceceste, mulher?! — exclamou Clara, como querendo lêr-lhe no rosto o contrário do que diziam as suas palavras.

— Não endouceci, não, minha senhora; apesar de que, o caso não era p'ra menos! Pois é verdade! Estava em casa a mourejar na minha vida, e a pensar nesta família, assim Deus salve a minha alma... quando o meu António me entra pela porta dentro todo esbaforido, a dizer que os emigrados não tardavam a entrar pelo Carvalho...

— Os emigrados?! que dizes?

— Digo-lhe isto, minha senhora.

— E o primo Frederico também?

— Todos! todos! desembarcaram ontem com muita tropa!

Clara estava ansiosa. Queria e receava acreditar no que ouvia.

— Oh! meu Deus! será possível? — disse ela com o olhar inquieto, gesticulando e proferindo monossílabos incoerentes, como se procurasse uma objecção, uma dúvida a opôr, e rematou finalmente: — Mas, sim... dize-me: que vêm eles cá fazer?

— Que vêm cá fazer? Vêm pôr êsles... êsses malditos todos daqui p'ra fóra, o Senhor me perdoe! Vêm dar-lhe o seu marido, que êsses déspotas lhe

linham sentenciado ao degrêdo, vêem trazer-lhe o seu sobrinho, que es'tava condemnado a não tornar cá, vêem restituir-lhe a sua fortuna, que êsses ladrões lhe tinham roubado!... Ainda acha pouco, minha senhora?

— Não! não! O que eu acho — disse ela com riso e lágrimas a um tempo — é que é muita felicidade junta... que não posso nem quero acreditar nisso! — e excitada, nervosa, prosseguia, elevando a voz: — Não! é uma história! E o desengano vai ser a minha morte! É impossível! não quero crêr! não e não! Querem matar-me! — e caiu extenuada num a cadeira.

Leonor correu a abraçá-la.

— Minha senhora, então porque se aflige? Acredite que não é mentira, sossegue; o meu António lá foi esperar a tropa, e, quer saber mais? ouvi dizer no caminho que iam abrir a Relação p'ra soltar os presos, coitadinhos!

— Mas juras-me? juras-me que não mentes? que é verdade tudo isso? — exclamou Clara, erguendo-se da cadeira, ansiada.

— Juro, sim, minha senhora.

— Vem cá — acrescentou ela, tomando-a pela mão e levando-a defronte dum crucifixo, que tinha na parede: — Juras por êste Senhor? — interrogou titando-a. — Olha o que dizes!

— Juro!

— Ah! agora sim! Agora acredito! Mas... falta-me o ar, abram-me a janela... — Rosa correu a abrir a janela. — Meu Deus! Se fôsse um sonho! Não é, pois não? Diz tu, Leonor, diz tu, Rosa; é verdade tudo, tudo, não é assim? o Frederico chega aí; o teu pai vai sair da cadeia, nós ainda vamos ser felizes... É verdade isto?

Depois, interrompendo-se, com explosão, cheia de dúvida:

— Mas digam! não falam?! Desenganem-me! Eu estarei douda?

— Douda?! Pois se é tudo assim, minha mãe!

— Sossegue, minha senhora, sossegue! — disse a ama; e voltando-se para Leonor, nuni tom que julgava não ser ouvido de Clara, observou:

— Ora queira Deus, que tanta forluna junta não traga desgraça maior.

— Que dizes, Rosa ? ! — apostrofou Clara, em quem as notícias daquele dia, recebidas de chofre, inesperadamente, haviam desprido uma certa desconfiança, naturalíssima em tais casos. — Pois ainda êle não chegou e já estás p'ra aí a falar em desgraça ?

— Não era isso, meu Deus ! O que eu dizia era que a senhora deve estar mais sossegada, que lhe pode fazer mal tamanho alvoroço; basta-lhe não estar ainda restabelecida inteiramente.

— Sim. Tens razão... Até porque me sinto atordoadada, e as fontes da cabeça batem-me com muita força...

— Então, já vê, minha senhora... Mas adeusinho; ia-me esquecendo de que prometi ao meu homem de ir ter com êle à Ramada Alta e já me tenho demorado bastante.

— Se nós fôssemos também... ! — observou Leonor, tímida, corando levemente.

— E teu pai, filha ?... Não. Olha; a Rosa que indague se vem o teu primo... E depois, nós ainda vivemos na mesma casa, e não deixará de correr aqui. Vai, Rosa, não te demores — e ao mesmo tempo, apertando a fronte com as mãos ambas, murmurava: — A minha cabeça ! a minha cabeça ! a minha cabeça !

— Pergunte por êle a todos, sim ? — dizia ao mesmo tempo Leonor à boa mulher, escondidamente, a meia voz. — Alguém por força o há-de conhecer.

— Farei todo o possível — tornou a outra; e a caminho da porta já, ia-se despedindo: — Adeus, minha senhora, adeus, menina. Talvez até êles estejam aí a chegar.

— Adeus, adeus.

Safu.

Leonor, que tinha acompanhado a ama até à porta, voltou a abraçar a mãe.

— Que lhe dizia eu, minha querida mãe ? Ah ! que me não enganava o coração !

— O teu coração, Leonor ! — disse Clara com um triste sorriso, abanando a cabeça. — O teu inocente co-

ração nunca chegou a suspeitar o abismo, que tínhamos a nossos pés ! Oh ! horrorizo-me só de o pensar !... Espera; ouço gente na rua; vai ver... Eu não tenho forças.

Leonor foi à janela.

— É povo que vai a correr, minha mãe; homens e mulheres.

— A correr ? ! — repetiu Clara levando a mão à testa com uma expressão de angústia — a fugir, talvez ?

— Nada, não. O que elles não tem é cura de medo — tornou Leonor debruçando-se na janela. — Parece que vão mas é para uma festa...

IX

Calas e crépes

Amanhecera o dia 9 de julho, memorável nos fastos da história liberal portuguesa.

Em toda a noite que precedera aquella formosa madrugada, atravessaram a ponte de barcas pousada sobre o Douro para a outra banda, apressados, confusos, em tumulto, grupos de individuos de ambos os sexos, familias numerosas, autoridades civis e militares, empregados públicos, frades de tôdas as ordens, diversas réguas de machos carregados de baús e ainda entre as cargas mulheres e crianças chorosas, homens de tôdas as condições soltando pragas e ameaças, além da guarnição da cidade, fugindo tudo aos *malhados*, que, segundo se dizia, tinham desembarcado muita tropa ao perto de Vila do Conde, no vasto areal do Mindelo. Por último, como ainda não se reputavam em segurança, as autoridades fugitivas ordenaram a destruição da ponte.

Pela manhã do dia 9 o Porto estava limpo de realistas, e a noticia da chegada das forças libertadoras, tendo circulado com rapidez, alvoroçou a população

da cidade liberal por excelência, e fez afluir à Ramada Alla e ao Carvalhido, pontos por onde o exército devia fazer a sua entrada, imenso concurso de povo alegre, canclador, satisfeito como se fôsse para uma grande romaria.

Os edificios das ruas por onde deviam passar as forças, e ainda muitos outros, estavam adornados de colxas, e nas varandas e janelas aglomeravam-se as senhoras portuenses, ostentando nos laços de fila, que lhes adornavam o peitilho do vestido afogado, as côres azul e branca, até àquele dia uma provocação, um atentado, um crime.

Era um borborinho, uma vida, uma animação por aquela rua de Cedoseita e confluentes, de que não havia memória. Quando, porém, o entusiasmo tocou as raias do delírio, foi ao atravessar a cidade pelas 8 horas da manhã, em direcção à Praça Nova, a vanguarda de caçadores 2 e 3, comandada pelo tenente-coronel Shwalbach, ao som do hino liberal. Os vivas cruzavam-se de loda a parte, as senhoras acenavam com os seus lenços, e por muitas faces tismadas pelo sol do exílio e vincadas pelo sofrimento, correram, como um refrigério, lágrimas de uma comoção feliz.

Na Praça Nova, onde formou a força, ergueram-se novos e entusiásticos vivas à Liberdade, à Rainha e à Carla, correspondidos pelos intrépidos soldados e pelo imenso povo que tinha acorrído; e como ainda estivessem ali, ao alto, como um insulto de pungente memória, os postes e os estrados manchados de sangue, onde homens de bem tinham expiado o crime das suas idéas generosas, alguém de entre a turba grilou:

— Abaixo as forças !

E mil vozes repetiram:

— Abaixo ! Abaixo as forças !

Num momento, as forças, o único legado de um governo, que não existia já, e que na véspera ainda se apoiava nelas, como garantia da sua popularidade, desapareceram da praça não restando mais do que um monte de lenha.

Depois, como a faina de acabar com aquela recorda-

ção do passado estivesse no fim, alguém lembrou-se de gritar:

— A cadeia ! à cadeia ! Viva a liberdade !

A turba repetiu, frenética. E logo se destacaram grupos numerosos de populares, que, no meio de aclamações e vivas, correram à Relação.

Não havia guardas às portas.

E o carcereiro desde a véspera que tinha desaparecido.

Havia, porém, fechado os cárceres e sumido as chaves.

Arrombaram-se as portas, e os presos políticos, que, tanto ali como nas restantes cadeias de Portugal, constituíam o maior número dos criminosos, saíram para o ar puro, para o sol vivificante, para a liberdade enfim. As aclamações eram frenéticas, e conhecidos e desconhecidos abraçavam-se como irmãos.

Foi tam inesperado este desenlace para Luis Maria, que por muito tempo lhe custou a acreditar no que estava presenciando.

De repente acudiu-lhe uma idéa horrível.

— E se tudo isto é uma cilada, e ao transpormos a porta nos fuzilam desapiadadamente ?

Alimentando esta desconfiança, que o procedimento dos bons defensores do trono e do alar autorizava, deixou seguir os seus companheiros adiante de si. Por fim, pensando na mulher e na filha, animou-se a sair.

A porta da cadeia, espiando, silenciosos, de espiagardas aperradas, no meio da turba, estavam alguns populares, três ou quatro seriam.

Tinha Luis Maria dado alguns passos fóra do edificio, quando ouviu súbito esta voz:

— Ele lá vem !

E três ou quatro tiros partiram ao mesmo tempo. Voltou-se, por um movimento rápido.

Acabavam de matar o carrasco João Branco, o mesmo que em 1829 tinha enforcado os infelizes liberais nos patibulos da Praça Nova, e decepado as cabeças, dirigindo-lhes a elas, mornas, lívidas, espasmódicas, gestos de escárnio e de desprezo supremo.

«Esta acção de tanto tempo premeditada — escreve

um cronista da época — e agora levada a efeito com tanto sangue frio, uma vez executada, os seus autores apressadamente se retiraram. e não houve mais bofetão.»

Quem eram êles? — Pais, filhos, irmãos ou amigos das vítimas torpemente insultadas? — Ninguém o soube dizer.

Entrelanto, convencido já de que era livre, completamente livre, Luís Maria, magro, de olhos fundos, com a barba crescida, irregular, branca, e o cabelo emmaranhado, sem chapéu, com um vélio casaco rôto nos cotovelos, apertado até cima, escondendo a camisa suja, e com uns sapatos esburacados nos pés, correu a casa, pensando na felicidade imensa que aqueles dous enles queridos, a mulher e a filha, iam experimentar ao cabo de tam prolongados sofrimentos. O seu aspecto era de um doudo fugido ao hospital.

Nas ruas que percorreu, encontrou a alegria, o contentamento, a íntima satisfação desenhada em todos os rostos. Muitas pessoas, que o reconheceram, paravam. Ele não as via.

Quando chegou à porla de casa, antes de entrar, encostou-se à umbreira de pedra. O coração batia-lhe com tal violência que parecia querer saltar-lhe do peito; tardava-lhe a respiração e um crepe negro esvoaçou-lhe por diante dos olhos.

Só passados instantes recobrou as forças perdidas. Atravessou o portal, apressado, quâse a correr.

Clara, sentada, com os olhos meio fechados, dizia à filha:

— Leonor, cerra um pouco essas janelas. A luz do sol faz-me dobrar estas horriveis dores de cabeça.

— E porque não se deita, minha mãe? — interrogou Leonor, obedecendo.

— Depois... depois... Deixa vir teu pai; depois irei para a cama, porque...

Clara susteve-se. Subiam rapidamente a escada, galgando os degraus dous a dous.

— Quem será, meu Deus?!

— Clara! Leonor! minha filha! — bradava uma voz.

E logo irrompen na sala a figura transformada de Luis Maria.

— Meu pai! — gritou Leonor, correndo a êle.

Clara ergueu-se de salto, num impeto, com os olhos esbogalhados, os braços para diante, a bôca aberta; quis andar, faltaram-lhe as pernas, quis falar e apenas articulou numa voz gutural, entrecortada:

— Lu...u...is!

E caiu pesadamente no chão, como um móvel que se desequilibra.

Luis Maria correu a erguer a mulher, e, com ela nos braços, recuou.

Clara tinha os olhos abertos, imóveis, baços, a face congestionada, de uma côr vermelha, cambiando para rôxo, as maxilas unidas por um esforço violento, os braços e as pernas inteiriçados, na garganta um pequeno estertor; depois — uma convulsão, um suspiro... Luis Maria sentou-a no canapé, chamando-a pelo nome, beijando-a; Leonor abraçava-a, em alto chôro. A cabeça inerte caiu-lhe sôbre o ombro esquerdo. O corpo, obedecendo àquele movimento, pendeu também para essa banda.

Estava morta.

Algumas horas passadas, por volta do meio dia, sob os raios ardentes de um sol esplêndido, entrava o grosso do exército liberal na cidade — um punhado de homens — e dispersava pouco depois de ter formado na Praça Nova, entre as aclamações do povo.

Lá vinha também Frederico.

Denunciando no avincado e na magreza do rosto sofrimento e privações, no tostado da pele a inclemência de sóis ardentíssimos, no desalinho completo dos cabelos compridos e das barbas crescidas o abandono, conservava ainda as suas feições acentuadamente viris e simpáticas; o seu porte era distinto, e dos olhos, rasgados e negros, irradiava-lhe entusiasmo, inteligência e lialdade.

Tôda aquella marcha pausada, regular, em passo ordinário, como se diz nas vozes de comando, e em

seguida a parada, chegaram a impacientá-lo. Sentia, é certo, as profundas comoções, os grandes abalos que experimenta o desterrado de anos ao pisar a terra da sua mocidade, ao reconhecer os logares, as ruas, os edificios, que tinha deixado sem esperanças de tornar a ver, mas, dominando tôdas essas sensações veementes, estava a fôisia de abraçar Luís Maria, de beijar a mão de Clara, de ver Leonor, a sua noiva prometida.

Por isso, apenas os deveres mililares lhe deram a desejada liberdade, correu a casa de seu tio.

A porta estava cerrada, triste prenúncio; mas Frederico nem atentou nisso; empurrou-a precipitadamente e subiu o primeiro lanço de escadas.

Era tudo silêncio.

Parou repentinamente e pôs-se à escuta, suspensa a respiração.

Apenas do primeiro andar lhe veio o som abafado de pequenas marteladas freqüentes.

Subiu alguns degraus com a fronte a rever-lhe um suor frio.

Da porta da sala, meia aberta, saía um clarão avermelhado, como duma forja. As pequenas marteladas surdas continuavam a ouvir-se.

Subiu trémulo, arquejante.

Ao fundo da sala, entre as duas janelas e sôbre uns mochos de pau, estava um esquife e nêle o cadáver de Clara, amortalhada no seu hábito de noviça do convento onde tinham deslisado os primeiros anos da sua juventude piedosa e serena. Um lenço cobria-lhe o rosto, vedando-o ao enxame de moscas, que lhe zumbiam à volla, adivinhando a podridão.

A cabeceira, sôbre uma banquetta adornada com uma toalha de rendas, estava um crucifixo alumiado por duas velas de cera. Aos cantos do esquife ardiam, com uma chama fumosa e desigual, quatro grossas tocheiras.

Um homem, sem chapéu, em mangas de camisa, com as costas para a porta, sobre uma escada de mão, forrava a sala de baetas pretas, segurando-as com alfinetes e taxas, que pregava na cornija de madeira.

Frederico ao assomar à porta, diante daquele fú-

nebre espectáculo recuou sufocado: mas occorreu-lhe se se teria enganado na porta... Havia tanto tempo que não entrava em casa!

O armador, ao ouvir passos, voltou-se sôbre a escada.

— Quería alguma coisa? — disse-lhe êle.

— Mora aqui, o snr. Luís Maria? — interrogou o emigrado confuso, trémulo.

— O snr. Luís Maria? Não há um quarto de hora que o levaram daqui mais à menina.

— E... a mulher d'êle? — interrogou ainda Frederico sem ousar descer os olhos para o caixão mortuário.

— Essa é a defunta — respondeu o armador do alto da escada, apontando para o corpo amortalhado.

O académico despediu um som gutural, um gemido rouco, abafado, e correu a erguer o lenço que cobria o rosto do cadáver. Clara tinha os olhos meio cerrados, a face opada, lívida, o nariz afilado, os lábios entreabertos, mostrando os dentes.

Frederico empalideceu horripelmente, retirou a vista do cadáver, passou a mão pelos olhos, voltou depois a contemplá-lo, e balbuciou:

— Mas... parece um sonho!...

Por fim ajoelhou à beira do esquife, onde permanecia estirada, na gélida impassibilidade da morte, a que lhe tinha sido mãe pelos extremos de amor e carinho; tomou-lhe uma das mãos enclavinadas sôbre o peito e beijou-a com fervor, inundando-a de lágrimas silenciosas. Por fim ergueu-se, contemplou ainda por instantes aquelle rosto desfigurado, sem expressão, e disse consigo:

— Vamos... Vamos aonde serei mais preciso.

E informou-se da casa para onde tinham levado Luís Maria e a filha. A porta da sala fitou ainda no cadáver um húmido olhar de despedida, e desceu as escadas lentamente.

Fóra as músicas atroavam os ares com os seus hinos, as tôrres de algumas igrejas repicavam alegremente e os populares nas ruas erguiam vivas ruidosos.

Na Sé dobrava a finado.



EPÍLOGO

Lutas civis

A entrada do exército libertador no Pôrto, como é sabido de todos, seguiu-se, com pequeno intervalo, o longo cerco de catorze meses, que as forças absolutistas de D. Miguel puseram à cidade.

Não traremos para aqui a menção, quâse fabulosa, dos heroísmos praticados pela mão cheia de homens, que escassamente guarneciam as trincheiras liberais, e dos arrojos patrióticos juntos à perseverança inabalável dos seus habitantes em os coadjuvar e socorrer, fazendo causa commum e única. O nosso propósito entrando neste assunto, é referir o episódio com que fecharemos a presente narrativa mais histórica do que romântica.

Antes, porém:

O golpe, que tam rudemente feriu Luís Maria, enchendo-lhe de noute o espirito, que o primeiro arrebol da liberdade havia inundado de luz, prostrou-o por muito tempo, mergulhando-o numa profunda tristeza.

Leonor tratava de consolar o pai, cercando-o de caricias, de mimos, de atenções, como querendo aliviar-lhe do pesado fardo de tristeza, que o oprimia.

Frederico envergava a farda gloriosa de caçadores

5, e tinha conquistado na acção de Ponte Ferreira — catorze dias depois de terem entrado no Pôrto — ele e os seus camaradas do exílio — com as divisas de sargento, menção especial na ordem do dia.

Entretanto o seu amor, que o triste successo da morte de Clara como que havia encerrado num parêntesis lutuoso, tendo aumentado com a ausência redobrada na volta; mas nunca perturbou a mágoa que punha o coração do antigo negociante da rua das Flores, lembrando-lhe a promessa feita no momento em que partira para o exílio, e que nunca mais esquecera.

«Todas as minhas ambições se limitam a vê-los unidos para sempre — tinha-lhe elle dito — porque estou certo de que os farei a ambos felizes.»

Mas uma vez que Frederico tinha de entrar em fogo, foi Luis Maria que lhe disse, ao ver a commoção com que se despedia de sua prima, em cujos olhos bailava uma lágrima.

— Vem cá.

E levou-o para a saleta próxima.

— Duas palavras somente, Frederico — prosseguiu. — Sei que não deixaste nunca de amar tua prima, e por amor dela e de ti, foi que eu passei treze meses num cárcere e tua tia morreu. Se tivesse transigido com esse frade ambicioso, cedendo para o afillhado, a preço da minha tranquillidade, a mão de tua prima, nada teria acontecido, nem estaríamos quâse pobres. Não se trata, porém, disso. O passado passado — acrescentou Luis Maria despedindo um suspiro. — O que eu te queria dizer é que resolvi que o teu casamento com a Leonor se fizesse só depois destas cousas serenadas. Compreendes, meu rapaz, que, estando diâriamente sujeito a uma bala ou ao caco de uma granada inimiga, seria demasiado cruel fazeres uma viuva no dia seguinte ao das tuas bodas. Isto, como vês, não impedirá que se amem ou que tenham igual esperanza no futuro. Que pensas, Frederico?

— Penso que o tio tem lôda a razão; e agradeço-lhe do fundo da alma as boas palavras que lhe acabo de ouvir.

Mas ao longe ribombava a artilharia e os sinos

tocavam a rebate, sinal de que as forças inimigas atacavam as trincheiras. Frederico tomou a espingarda e abraçou Luís Maria, dizendo-lhe:

— Até logo.

E desceu as escadas correndo.

Quando voltou da refrega trazia um braço ao peito e o hábito de Cristo na farda. Condecorára-o nas trincheiras, depois do ferimento, o imperador, coronel do seu batalhão.

— O que eu sinto — disse o valente moço — é não poder entrar em fogo sem medo !

— Que tem ? Não te atijas. Irei eu em teu lugar. Ainda posso com uma espingarda. Quero também bater-me um dia.

— Isso é que não, meu tio ! Nem eu o consentiria, nem o snr. o deve fazer.

— Tens medo que me acabem de matar ? Mas se assim fôsse, não faziam mais do que levar até final a lareira que tinham principiado. E porque não a acabaram eles ! ? Que faço eu no mundo ?...

— Vejo que não se lembra de que é pai de um anjo, que Deus lhe deu para o acompanhar e fortalecer nestas horas de desânimo.

— Tens razão; o desgosto profundo de nós mesmos leva-nos até a ser ingratos com a Providência. Mas, se eu faltar, não lhe faltarás tu, que é o essencial. O meu braço já não pode proteger ninguém, e o teu é forte e vigoroso. Sim ! Preciso de saldar a minha dívida com a liberdade. Quero dar-lhe este pouco de vida que me pertence, e que de nada vale. Irei para as trincheiras.

Neste lance do diálogo entrou Leonor, que se dirigiu naturalmente para o pai.

— Vamos. E é capaz de repetir diante dela o que neste momento acaba de me dizer ?... — perguntou Frederico, acentuando nestas palavras um tom de censura amorável.

Luís Maria abraçou-se na filha e soluçou:

— Perdoa-me !

Quinze dias depois, — na memorável defesa da cidade, a 29 de setembro daquele ano de 1832, em que não houve soldado liberal, que não se fizesse um herói, tam porfiada e desigual foi a luta de um para dez —, já Frederico, ainda convalescente, se empenhava, como um leão, no combate e merecia de novo o elogio dos seus superiores.

Havia uma só ocasião, em que se lhe varria do espírito a idéa da prometida felicidade: — era diante dos que representavam os princípios, que o tinham arre-messado a êle para o destêrro, ao tio para o cárcere e a Clara para a sepultura, deixando Leonor órfã dos carinhos de mãe.

— És arrojado, Frederico — disse-lhe Luís Maria, depois de lêr na ordem do dia, entre os nomes dos que se tinham distinguido na refrega, o do sobrinho. — Convêm todavia que não sejas temerário. Não debes esquecer que eu estou vêlho e que trouxe da cadeia a minha saúde perdida. Posso faltar dum instante para outro, e tens sôbre os teus ombros um grande encargo, o futuro da tua prima. Não quero insinuar-te com isto — Deus me defenda, — que fujas ao perigo, se o acaso to deparar; nunca te aconselharei uma covardia; lembro-te apenas que é uma loucura desafiá-lo correndo ao seu encontro. Ora pois; promete-me não desperdiçares o teu valor, arriscando a vida em arrojos de todo o ponto inúteis, e cujo têrmo seria necessariamente fatal.

Invertiam-se os papeis, e era Luís Maria quem agora invocava Leonor.

— Cumpro com o meu dever e com o juramento que prestei, meu tio.

— Nem um nem outro podem exigir de ti um crime, Frederico. Ninguém te diz que não combatas; peço-te que não te faças matar; e êsse pedido não é só em meu nome e no da tua noiva, já que tam pouco valemos — o mancebo fez um gesto negativo, — é também em nome da liberdade, à qual prestarás de-certo mais serviços manejando a espingarda até final, do

que fazendo-te precipitar num fôssô, varado por uma bala mais dia menos dia. Agora, se tôdas estas razões não te levam a ser menos imprudente em face do inimigo, diz-mo com franqueza para ir dispondo tua prima a tomar o véu num convento.

Luís Maria era solene e triste ao dizer estas palavras.

Dai em diante, Frederico foi bravo, sem temeridade, foi prudente sem covardia, e as balas tanto nas trincheiras como em campo razo dir-se-ia que respeitavam aquele moço firme e resolutô.

Mas o cêrco apertava-se, como um cinto de ferro e de fogo erriçado de baionetas, em volta da cidade, onde havia oitenta mil famintos, — e então começaram as sortidas freqüentes sôbre o campo inimigo com o duplo fim de destruir os seus trabalhos de sítio e abrir caminho aos víveres com que temporariamente se abasteciam os mercados vazios.

Assim, o dia 17 de novembro foi um dos destinados para tam arrojada empresa.

A sortida fez-se sôbre tôda a linha inimiga da parte do norte.

Caçadores 5, saindo da sua posição, teve ordem de ocupar a altura das Antas, desalojando o piquete inimigo que ali estava, ao tempo que outras fôrças ocupavam a respectivas posições de ataque, alongando-se desde a estrada de Valongo, na ourela do monte, até ao forte do Covêlo, na linha de Paranhos.

Foi um dos belos feitos êste da campanha liberal, entre tantos de que é fértil a sua história durante o cêrco do Pôrto.

As fôrças da cidade, convenientemente dispostas, atacaram o inimigo, muito mais avantajado em número e em posições excelentes, com uma disciplina e intrepidez dignas da causa que defendiam, — por tal forma que dentro em pouco, depois de uma breve resistência, elas incendiavam os seus acampamentos e destruíam, arrasavam os seus redutos, as suas baterias, os muros e as casas, que podiam mascarar-lhe os movimentos ou os futuros trabalhos.

Frederico foi digno da distinção que lhe ornava o

lado esquerdo da farda, tornando-se notável entre os seus bravos camaradas pela palavra e pelo exemplo. Sucedeu, porém, que, transpondo uma parede, já dentro do acampamento rialista, estacou pálido, indeciso, ficando à rectaguarda por alguns segundos.

A dous passos, de costas sôbre o pedregulho, com uma ferida no peito, molhado de sangue, estava o corpo de um homem na posição contorcida do agonizante, que luta desesperadamente com a morte. Tinha espuma aos cantos da bôca, e as pálpebras arregaçadas deixavam ver umas pupilas imóveis, sem brilho. Vestia um hábito negro apanhado na cinta, e do pescoço pendia-lhe um crucifixo de metal, que o sangue havia tingido. Ao lado, caída, estava uma clavina aberta.

Aquele homem era frei Quintino.

Frederico reconheceu-o logo. Passado o momento de surpresa, debruçou-se para o observar melhor, apoiando-se no cano da espingarda, cuja coronha apoiou no monturo; mas a corneta deu o sinal de reunir, e ôle, vibrando-lhe um derradeiro olhar de asco, disse por entre os dentes:

— Morreu como um herói, o infame !

E partiu a juntar-se aos camaradas.

No término da luta com a opressão, Frederico tinha mais duas cicatrizes, uma outra medalha e o galão de tenente nos punhos da farda.

Casou com Leonor — enfim !

Luís Maria, ao regresso dos noivos, abraçando-os, dizia entre riso e lágrimas de satisfação:

— Vi quanto queria: a guerra civil terminada, o meu país livre e vós dous unidos; agora sim ! posso morrer descansado.

Na verdade, parecia esperar por aquele tríplice desenlace para se despedir dêste mundo.

No ano seguinte Luís Maria expirava sem luta, sem esforço, como uma luz que se apaga à minguia de óleo, minado de saúdaes pela mártir, que a alegria de o ver tinha fulminado de morte.

Frederico tem hoje uma patente superior no exército.

António de Pádua, o quâse suicida por amor, tratou de escapar-se para o Brasil por um dos portos de Espanha ao tempo em que andava mais acesa a guerra civil, e conseguiu amontoar algumas centenas de contos de réis. Hoje é um dos mais ardentes caudilhos da democracia brasileira, occupa um lugar eminente na maçonaria — êle, o *afilhado* de frei Quintino da Expectação. — e, apesar dos seus cabelos brancos, combate com o vigor e a lucidez dos vinte anos o *nefasto império dos padres*.

Quem falla mais?... Ah!

Meus senhores: tenho a honra de lhes apresentar a sr.^a Rosa Joaquina — a ama de Leonor. — bôa velhinha dos seus oitenta e cinco janceiros, lôda engilhada e risonha, a quem devo a crónica dos seus successos, que venho de pôr em escriptura.

— Por outros tantos ainda, sr.^a Rosa, e nós que lhes contemos.

FIM

COLOCAÇÃO DAS GRAVURAS

Meus snrs.	21
Frei Quintino tomou carinhosamente o pequeno. ...	56
Cobiçou o meu dinheiro para o seu... afillhado	130
Foram acossados com mais ardor... ..	160



TORRE DE BELEM - LISBOA -



Tri-Olinin.

**DO NOT
REMOVE
THE
CARD
FROM
THIS
POCKET**

Acme Library Card Pocket
LOWE-MARTIN CO. LIMITED

